



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO - UAE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JOSEFA JAQUELINE BATISTA BRITO

**A CONSTRUÇÃO DO SER UNIVERSITÁRIA: REFLEXÕES ACERCA DOS
PERCURSOS CASA-UNIVERSIDADE-CASA**

**CAJAZEIRAS-PB
2023**

JOSEFA JAQUELINE BATISTA BRITO

**A CONSTRUÇÃO DO SER UNIVERSITÁRIA: REFLEXÕES ACERCA
DOS PERCURSOS CASA-UNIVERSIDADE-CASA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação - UAE, do Centro de Formação de Professores - CFP, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, campus Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa.

CAJAZEIRAS-PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

B862c Brito, Josefa Jaqueline Batista.
A construção do ser universitária: reflexões acerca dos percursos casa-
universidade-casa / Josefa Jaqueline Batista Brito. – Cajazeiras, 2023.
115f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2023.

1. Universidade. 2. Gênero. 3. Construção de Identidades. 4. Ser
universitária. 5. Percursos - Casa - Universidade - Casa. I. Sousa, Kássia
Mota de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 378.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

JOSEFA JAQUELINE BATISTA BRITO

**A CONSTRUÇÃO DO SER UNIVERSITÁRIA: REFLEXÕES ACERCA
DOS PERCURSOS CASA-UNIVERSIDADE-CASA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia, da Unidade
Acadêmica de Educação - UAE, do
Centro de Formação de Professores -
CFP, da Universidade Federal de
Campina Grande - UFCG, campus
Cajazeiras, como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciatura em
pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kássia Mota de
Sousa.

Aprovado em: 03/11/2023

EXAMINADORAS

Documento assinado digitalmente



KASSIA MOTA DE SOUSA

Data: 11/11/2023 12:13:11-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Kássia Mota de Sousa
(Orientadora – UAE/UFCG)

Documento assinado digitalmente

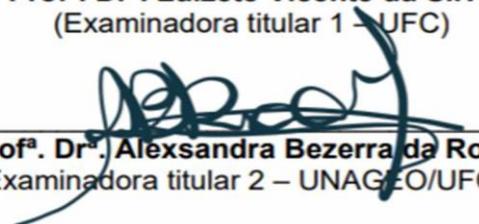


LUIZETE VICENTE DA SILVA

Data: 08/11/2023 08:55:03-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Luizete Vicente da Silva
(Examinadora titular 1 – UFC)



Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Bezerra da Rocha
(Examinadora titular 2 – UNAGEO/UFCG)

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado aos meus pais, Andreia e João Filho, a minha avó e avô paternos, Raimunda e João, que já não estão fisicamente entre nós, e a minha avó e avô maternos, Terezinha e Severino.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para continuar quando tudo parecia não ter sentido, e o medo e a insegurança faziam morada. Foi a minha fé em dias melhores que fez que eu acreditasse e prosseguisse;

A mulher que venho sendo (re)construída durante esse período de graduação, negra, filha, irmã, neta, estudante, pesquisadora, mulher diversa, obrigada por não desistir de você, por não se perder de si mesma, de seus sonhos, metas e objetivos. Obrigada pela força, resiliência, resistência, coragem e paciência durante esses processos;

Aos meus pais, irmãos e noivo que em todos os momentos seguraram a minha mão, me apoiaram, me deram forças e motivos para seguir. Cada palavra, cada abraço, cada ligação, me fortaleciam e consolavam. O chegar aqui é por nós;

Aos familiares e amigos/as que, de alguma forma, contribuíram para o meu acesso e a minha permanência na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, na cidade de Cajazeiras-PB;

As bolsas de assistência social, ensino, pesquisa e extensão, por contribuírem para a minha permanência na universidade;

Aos amigos/as de infância, que estiveram comigo me apoiando, e aos que encontrei pelo caminho, e que se tornaram importantes em minha vida;

A minha orientadora, que me guiou com leveza, com cuidado, com respeito, com afeto e com maestria nesse processo;

As colaboradoras da pesquisa, que em todos os momentos estiveram dispostas a contribuir e que fizeram esse trabalho ser possível;

A banca, por aceitarem o convite, pelas partilhas, contribuições, respeito, cuidado e sensibilidade com a pesquisa;

Ao Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento – LACARGEO/CFP/UFCG, pelas contribuições necessárias para o desenvolvimento da pesquisa;

Ao grupo de estudos sobre Gênero, Interseccionalidade e Parentalidade na Educação – GIPE/CFP/UFCG, pelos encontros com as *Hermanas*, pelas discussões realizadas e pelos afetos construídos;

Aos professores/as que marcaram positivamente ou negativamente a minha trajetória acadêmica, vocês me ensinaram grandes lições;

Todas/os vocês fazem parte dessa conquista e contribuíram para a conclusão desse

curso, mesmo quando não percebiam isso. A conquista é nossa, de todas/os que estiveram comigo me apoiando. A todas as mãos que constroem essa pesquisa comigo, muito obrigada!

Obrigada pelas risadas, pelos choros, pelos afetos!

Conseguimos! Seguirei existindo e resistindo. Avante!

EPIGRAFE

“O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. Então Carolina Maria de Jesus não tinha nenhuma dificuldade de dizer, de se afirmar como escritora. (...) E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela temesse direito. (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado”

(Conceição Evaristo, em entrevista concedida ao blog, Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo, em 30 de setembro de 2010).

RESUMO

O presente estudo propõe investigar como as experiências vivenciadas nos percursos casa-universidade-casa afetam as experiências das graduandas com a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e a construção de suas identidades. O objetivo da pesquisa é refletir sobre a mobilidade das graduandas da UFCG nos percursos casa-universidade-casa a partir das experiências subjetivas de universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados fora da cidade do campus da UFCG, na cidade de Cajazeiras-PB. Metodologicamente, optamos por uma abordagem qualitativa através da pesquisa narrativa, uma técnica de entrevista desenvolvida por Fritz Schutze, na década de 1970, que teve como intuito romper com a tradicionalidade de perguntas e respostas no desenvolvimento de produções de dados em pesquisas sociais (Schutze, 2011 *apud* Sousa *et al.*; 2021). Essa técnica, segundo Sandra Jovchelovitch e Martisn Bauer (2002 *apud* Sousa *et al.*; 2021), objetiva a reconstrução dos acontecimentos por meio da perspectiva das narradoras. A pesquisa é teoricamente amparada na perspectiva de autoras decoloniais, como bell hooks (2018), Conceição Evaristo (2005-2020), Gloria Anzaldúa (2000), Sueli Carneiro (2003 – 2011), Djamila Ribeiro (2021), entre outras. Com base nos escritos de Lino; *et al.*; (2020), o desafio aqui é colocar em evidência a voz de sujeitas historicamente silenciadas, “subalternas”, e traçar caminhos metodológicos que possam possibilitar ouvi-las, apontando para as formas que as desigualdades de gênero se apresentam na universidade, denunciando as barreiras tradicionalmente impostas às mulheres, que por séculos, encontram desafios na ocupação dos espaços públicos, que se apresentam como mecanismos de reprodução e criação de barreiras para o acesso e a permanência das mulheres diversas na universidade.

Palavras-chave: Universidade; Gênero; Identidades; Mobilidades.

ABSTRACT

The present study proposes to investigate how the experiences lived in the home- university-home journeys affect the undergraduate students' experiences with the Federal University of Campina Grande – UFCG and the construction of their identities. The objective of the research is to reflect on the mobility of UFCG undergraduates in the home-university-home journeys based on the subjective experiences of university students living in rural communities, cities and states outside the city of the UFCG campus, in the city of Cajazeiras-PB. Methodologically, we opted for a qualitative approach through narrative research, an interview technique developed by Fritz Schutze in the 1970s, which aimed to break with the traditional question and answer approach in the development of data production in social research (Schutze, 2011 apud Sousa et al.; 2021). According to Sandra Jovchelovitch and Martisn Bauer (2002), this technique aims to reconstruct events from the perspective of the narrators. The research is theoretically grounded in the decolonial perspectives of authors such as bell hooks (2018), Conceição Evaristo (2005-2020), Gloria Anzaldúa (2000), Sueli Carneiro (2003-2011), Djamila Ribeiro (2021), among others. Building on the writings of Lino et al. (2020), The challenge here is to highlight the voice of historically “voiceless”, “subaltern” subjects, and outline methodological paths that can make it possible to hear them, pointing to the ways in which gender inequalities present themselves at universities, denouncing the barriers traditionally imposed on women, who for centuries have encountered challenges in occupying public spaces, which present themselves as mechanisms of reproduction and creation of barriers to the access and permanence of diverse women at university.

Keywords: University; Gender; Identities; Mobilities.

LISTA DE SIGLAS

CFP – Centro de Formação de Professores

LACARGEO – Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento

PAEG – Programa de Auxílio na Graduação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UAE – Unidade Acadêmica de Educação

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estimativas dos percursos casa-universidade-casa colaboradoras.....	32
Tabela 2: Nomes escolhidos para as colaboradoras da pesquisa.....	35
Tabela 3: Meios de transportes utilizados nos percursos casa-universidade casa.....	42

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Mapa 1: Localização dos municípios da pesquisa.....	36
Mapa 2: O percurso casa-universidade-casa de Salinda.....	40
Mapa 3: O percurso casa-universidade-casa de Luamanda.....	39
Mapa 4: O percurso casa-universidade-casa de Natalina.....	40
Mapa 5: O percurso casa-universidade-casa de Cida.....	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados das Entrevistas Narrativas	45
Dados da Entrevista Narrativa de Salinda.....	45
Dados da Entrevista Narrativa de Luamanda.....	46
Dados da Entrevista Narrativa de Natalina.....	47
Dados da Entrevista Narrativa de Cida.....	48
Quadro 2: Textualização das Entrevistas Narrativas	48
Textualização da Entrevista Narrativa de Salinda.....	48
Textualização da Entrevista Narrativa de Luamanda.....	50
Textualização da Entrevista Narrativa de Natalina.....	57
Textualização da Entrevista Narrativa de Cida.....	60
Quadro 2.1: Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Salinda	65
Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Luamanda.....	69
Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Natalina.....	75
Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Cida.....	79
Quadro 3: Semelhanças e singularidades das Entrevistas Narrativas	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. A ESCRITA “SUBALTERNA”: OS ATRAVESSAMENTOS PRESENTES NOS COTIDIANOS DE UMA COLETIVIDADE DE MULHERES.....	18
3. METODOLOGIA.....	28
3.1 Elaboração da base cartográfica para o mapeamento temático.....	32
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	33
4.1. Mapeando os percursos casa-universidade-casa.....	35
4.1.1. Mapeando os percursos casa-universidade-casa de salinda.....	37
4.1.2. Mapeando os percursos casa-universidade-casa de Luamanda.....	38
4.1.3. Mapeando os percursos casa-universidade-casa de Natalina.....	39
4.1.4. Mapeando os percursos casa-universidade-casa de Cida.....	40
4.2. Transportes utilizados nos percursos casa-universidade-casa.....	41
4.3. Análise das Entrevistas Narrativas.....	43
4.3.1. Identificando os elementos indexados e não indexados.....	44
4.3.2. Análise formal das Entrevistas Narrativas.....	48
4.3.3. Análises das entrevistas textualizadas.....	65
4.3.4. Comparação contrastiva do texto a partir dos eixos da pesquisa.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS.....	99
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE.....	99
ANEXO 2: PARECER EMITIDO PELO COMITÊ DE ÉTICA.....	103
APÊNDICES.....	106
APÊNDICE 1: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	106
APÊNDICE 2: ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA PARA AS COLABORADORAS.....	107
APÊNDICE3: FORMULÁRIO DO GOOGLE FORMS.....	110

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa propõe investigar como as experiências vivenciadas nos percursos casa-universidade-casa afetam as experiências das graduandas com a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e a construção de suas identidades. Nesse sentido, vem carregada de mim e de muitas outras mulheres. Falar em acesso e permanência na universidade resulta em intersecções, pois, mesmo que tenhamos aspectos comuns que marcam nossas histórias, constroem nossas identidades e relações com a universidade, carregamos conosco experiências que são subjetivas, estas que contribuíram para que entrássemos nessa determinada universidade e/ou dificultaram o acesso e a permanência a outras localidades.

O objetivo da pesquisa é refletir sobre a mobilidade das graduandas da UFCG nos percursos casa-universidade-casa a partir das experiências subjetivas de universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados fora da cidade do campus da UFCG, na cidade de Cajazeiras-PB. Os objetivos específicos são: A). Mapear os percursos realizados pelas mulheres universitárias moradoras da zona rural, cidades e Estados localizados fora da cidade sede do campus; b). Levantar os meios de transportes utilizados pelas mulheres universitárias moradoras da zona rural, cidades e Estados localizados fora da cidade sede do campus; c). Identificar desafios e possibilidades que marcam os percursos das mulheres universitárias moradoras da zona rural, cidades e Estados localizados fora da cidade sede do campus.

Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, através da pesquisa narrativa, que é uma técnica de entrevista desenvolvida por Fritz Schutze na década de 1970. Essa técnica visa romper com a tradicionalidade de perguntas e respostas no desenvolvimento de produções de dados em pesquisas sociais (Schutze, 2011 *apud* Sousa *et al.*; 2021). Segundo Sandra Jovchelovitch e Martisn Bauer (2002 *apud* Sousa *et al.*; 2021), a pesquisa narrativa objetiva a reconstrução dos acontecimentos por meio da perspectiva das narradoras. Teoricamente, a pesquisa é desenvolvida na perspectiva de autoras decoloniais, a exemplo de bell hooks (2018), Conceição Evaristo (2005-2020), Gloria Anzaldúa (2000), Sueli Carneiro (2003 – 2011), Djamilia Ribeiro (2021), entre outras.

A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras-PB, tendo como colaboradoras da pesquisa as universitárias de cursos diversos da instituição, uma vez que não foi determinado curso ou período específico. Observo a importância de conhecer esses percursos traçados e trajetórias vivenciadas pelas graduandas antes de adentrarem a universidade, como foi o acesso e como se dá a

permanência, compreendo que não ingressaram na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras-PB “do nada”, não são folhas em branco, são feitas de histórias.

Muitas dessas mulheres, assim como eu, sempre tinham a necessidade de realizarem percursos longos através de meios de transportes como ônibus, caminhão, moto, ou a pé para estudarem ou trabalharem. São aspectos que influenciam, também, nossas trajetórias enquanto universitárias. A partir de meu lugar de fala, enquanto mulher da classe trabalhadora e negra, vejo a importância de discutir essa temática. Sempre precisei sair de minha residência para estudar, morava/moro¹ na zona rural com meus pais e era/é necessário me deslocar para a cidade, exceto na educação infantil e Fundamental I, pois existe uma escola para atender essa faixa etária na comunidade rural.

Compreendo que não sou exceção, sei que existem outras mulheres que precisaram/precisam trilhar esse caminho, cada qual com suas especificidades e subjetividades, mas, compreendo que sempre tem pontos e questões que nos unem. Um deles é escolher sair de nossas residências, sejam na zona rural, cidades e Estados para iniciar a jornada universitária enquanto graduandas, muitas de nós, sem família na cidade do campus universitário. São caminhos marcados por dificuldades e possibilidades que estão presentes nos cotidianos de cada uma de nós.

As dificuldades se apresentam desde o deslocamento de casa para a universidade até a volta para casa, sejam em ônibus, moto, a pé, entre outros meios de transportes. Muitas questões perpassam esses caminhos, tais como; no retorno para casa, alguém espera essas mulheres para que cheguem com segurança? Ou retornam sozinhas? Como os recursos socioeconômicos influenciam nesses processos? Foram/são vítimas de assédio e violência nesses percursos? Já as possibilidades, que também são subjetivas, e apresentam aspectos comuns, nos dão esperança para continuar firmes na caminhada, almejando um futuro próspero e de realizações para nós e nossas famílias.

Também é importante apontar a existência e ausência de redes de apoio nesse processo, estas que marcam nossas histórias e que contribuíram/ou não para estarmos nessa Universidade. Um dos motivos para que eu pudesse adentrar na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG foi a rede de apoio que recebi de um tio e sua esposa que moravam aqui na cidade de Cajazeiras, eu não tinha nenhuma rede de apoio em outras localidades,

¹ A dupla conjugação do tempo verbal é usada por entendermos que a pesquisadora mora na zona rural do Estado da Paraíba com seus pais, assim, ainda precisa realizar longos percursos para estudar, sendo necessário residir em Cajazeiras-PB, onde é universitária da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

então, esse apoio foi fundamental na escolha por graduar-me na UFCG. Hoje não tenho mais esse apoio, mas, continuo tendo principalmente de meus pais, de familiares e amigos/as que sempre estiveram comigo para tudo, inclusive, me motivando para continuar aqui, na universidade. Eles/as enxergam muitas possibilidades nesse caminho, e eu sigo “esperançando” com eles/as. Assim como eu, acredito que muitas mulheres tiveram/tem essas redes de apoio, outras tantas não possuem, então, vejo que é um ponto marcante em nossas trajetórias.

Considero que a discussão aqui proposta é relevante e necessária de ser pesquisada. É preciso discutir sobre as dificuldades e possibilidades presentes nos cotidianos de mulheres universitárias. Essa é uma pesquisa que irá abordar sobre lutas, resistência e esperança de um futuro próspero e de realizações para nós mulheres e nossas famílias. Almejo que essa pesquisa contribua para a compreensão de que as experiências coletivas e subjetivas também marcam nossas trajetórias enquanto universitárias, e que resultem em reflexões sobre as formas que as desigualdades de gênero se apresentam na universidade, denunciando as barreiras tradicionalmente impostas às mulheres, que por séculos, encontram desafios na ocupação dos espaços públicos, que se apresentam como mecanismos de reprodução e criação de barreiras para o acesso e a permanência das mulheres na universidade.

2. A ESCRITA “SUBALTERNA”: OS ATRAVESSAMENTOS PRESENTES NOS COTIDIANOS DE UMA COLETIVIDADE DE MULHERES

Nessa seção, será levantado reflexões sobre o processo da escrita de si e as vivências e experiências individuais de mulheres, que mesmo com aspectos subjetivos abarcam uma coletividade, pois são comuns umas às outras. A escrita “subalterna” é uma forma de romper com as hierarquias de gênero, que por séculos, colocam grupos marginalizados, como pessoas periféricas e negras, como sujeitas que não possuem “voz” ou representatividade na sociedade (Spivak 2010 *apud* Lino *et al* 2020). São sujeitas que pertencem as camadas populares da sociedade e que não possuem a possibilidade de representatividade social e política, estratégias que contribuem para que essas mulheres permaneçam a margem da sociedade, silenciando-as a partir do “outro do outro” (Ribeiro, 2021). A “subalterna” é colocada em uma posição que precisa de alguém que represente a sua condição de silenciada, para Spivak (2010 *apud* Lino *et al* 2020), existe uma relação direta entre falar e representar, ambas podem cair no vazio de invisibilizar a “subalterna”, pois para que exista um diálogo é necessário um ouvinte e um falante, entretanto, para a subalterna,

historicamente, não existe esse espaço dialógico, já que são silenciadas na voz do outro.

A escrita “subalterna” é entendida como uma forma de possibilitar que as vozes das sujeitas que foram/são historicamente compreendidas como “sem voz” na sociedade como as mulheres negras, as lésbicas e tantas outras, possam, a partir de seus escritos, adentrar o âmbito acadêmico com suas vivências e experiências. Essa escrita é uma forma de romper com as hierarquias postas na academia que determinam quem pode escrever e o que escrever. Estes escritos “subalternos” possuem o desafio de romper com a “invisibilidade”, com o silêncio dos escritos e a existência das “subalternas” na ciência, colocando em evidência suas experiências como forma de produção de conhecimento, resistindo em espaços que não foram pensados para as “subalternas” (Lino *et al* 2020).

A discussão sobre a “subalternidade” na ciência é urgente. Lino (*et al* 2020), discute que existem discursos que se amparam na perspectiva de que é desnecessário falar sobre a subalternidade na ciência, uma vez que, algumas mulheres têm ocupado os espaços acadêmicos e as prateleiras de livrarias, mas, o que está sendo apontado aqui, é a denúncia as hierarquias existentes entre as mulheres que geram a inferiorização de umas e a valorização de outras, hierarquias essas que permitem que as mulheres “subalternas” permaneçam a margem, também, dos espaços acadêmicos.

A esse processo de escrever, Conceição Evaristo denomina como “escrevivências”. Esse termo foi citado a primeira vez pela autora em sua dissertação de mestrado no ano de 1995. A Escrevivência representa para a autora uma concepção inicial que se realiza a partir do ato da escrita das mulheres negras. É uma ação que busca borrar e desfazer uma imagem do passado em que as mulheres negras tinham seus corpos e suas vozes escravizadas e silenciadas pelos escravocratas. Mulheres que não se pertenciam, seus corpos e suas vozes não eram seus, e conseqüentemente, a leitura e a escrita também não. A escrita “subalterna” coloca as mulheres negras como pertencentes de si e de seus escritos, é uma forma de romper com que estava posto através de olhares centrados na cultura hegemônica e eurocêntrica, em que as vivências de mulheres negras e indígenas eram negadas, invalidadas e corrompidas (Fonseca 2020 *apud* Duarte; Nunes, 2020).

A escrevivência é uma estratégia que busca apagar a ordem posta da figura da “mãe preta” que conta “histórias para adormecer a prole da casa grande”. Os sentidos da palavra se adequariam a uma proposta de escrita literária que é usada para borrar o imaginário que vê a negra em funções determinadas pelo sistema escravocrata. É parte desse imaginário a figura da “mãe preta”, que era obrigada a cuidar das crianças da casa-grande, mulheres que precisavam, inclusive, amamentar as crianças com o leite tirado e negado dos seus

próprios filhos/as. Como sujeitas escravizadas, tinham a função de amas de leite, Magalhães e Giacomini (1983) informam que, na visão dos escravocratas, a “mercadoria escrava leiteira”, sem seus filhos eram consideradas mais lucrativas (Fonseca 2020 *apud* Duarte; Nunes, 2020).

A escrevivência traz a experiência e a vivência das brasileiras enquanto sujeitas de origem africana, mulheres que possuem uma nacionalidade hifenizada, ou seja, que possuem mais de uma nacionalidade. A partir de seus escritos, Evaristo se coloca e se pronuncia para afirmar sua origem de povo africano e celebrar a sua ancestralidade (Evaristo, 2010). Evaristo (2020 *apud* Duarte; Nunes, 2020), aborda que a escrevivência pode ser realizada de forma que o sujeito da escrita escreva sobre ele mesmo, e ao escrever sobre si, seu gesto de escrita se amplia a partir de histórias que abarcam uma coletividade de situações e momentos que estão presentes nas próprias vivências e ao entorno.

Outras autoras como Anzaldúa (2000), apontam que a escrita de si foi necessária para salvá-la dos medos que a amedrontam, é uma forma de mantê-la viva, é registrar o que os outros não falam das mulheres negras, é colocar ordem no mundo, e a partir disso, colocar uma alça para conseguir segurá-lo. A autora ressalta que essa forma de escrita é uma maneira de acalmar o que a vida não acalma, seus apetites e sua fome, ao descrever que “o que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros” (Anzaldúa, 2000, p.233). A partir desses escritos é possível compreender e refletir que a escrita e a vida estão interligadas, e que também, é preciso colocar a vida no papel para tornar a escrita significativa.

A escrita de si possibilita conhecimentos e reflexões sobre as experiências e vivências de uma coletividade e contribuem para a construção de identidades marcadas por intersecções. A interseccionalidade é uma forma de reforçar cruzamentos de marcadores de diferenças em detrimento a outros que se tornavam secundarizados, como raça, classe e gênero. Assim, os caminhos de várias mulheres estão interligados por compartilharem vivências que são comuns umas às outras, que evidenciam o quanto suas vidas, mesmo com aspectos subjetivos, se inter cruzam. Essas diferentes trajetórias colocam em evidência o legado de luta, a partilha de caminhos de enfrentamento ao racismo e ao sexismo de mulheres que compartilham processos de resistência (Ribeiro, 2021).

O termo interseccionalidade foi criado em 1989 pela teórica feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw (1991), com a publicação do artigo “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics” em tradução “Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: Uma

feminista negra crítica da doutrina antidiscriminatória, da teoria feminista e políticas antirracistas”. É importante destacar que existem diferentes perspectivas sobre a forma como a autora reflete e propõe a interseccionalidade (Henning, 2015).

O termo começou a ser popularizado na academia somente no ano de 2001, após a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, realizada na África do Sul. Outro ponto fundamental a ser apontado é que, muito antes desses acontecimentos, em 1851, a ativista ex-escravizada, Sojourner Truth, seguidas por militantes estadunidenses do movimento negro que antecedem Crenshaw, já apontava a desigualdade de gênero a partir de um ponto de vista racial (Henning, 2015). Collins (2019 *apud* Coêlho, 2019), se posiciona a partir de uma perspectiva da interseccionalidade que afirma como os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nação e idade são características que se unem na construção de uma organização social que moldam as experiências das mulheres negras e são formadas por elas.

Em seus primeiros escritos, Crenshaw (1991 *apud* Henning, 2015), observava o termo interseccionalidade como uma “metáfora”, em textos publicados posteriormente passou a apontar como uma “categoria provisória”. Contudo, a preocupação em interligar as formas de diferenciações sociais, que muitas vezes resultam em desigualdades, é bem anterior. Um de seus marcos simbólicos são as contribuições do manifesto de 1977 do Combahee River Collective, que se tratava de um coletivo de feministas negras e lésbicas que defendiam uma luta articulada não apenas contra a opressão sexual das mulheres, mas também, contra outras formas de dominação e de desigualdades baseadas em racismos, heterossexismos e exploração por classe social. Crenshaw (1991 *apud* Henning, 2015), evidencia algumas questões levantadas no manifesto do Combahee River Collective (1977), como:

- a) A experiência combinada de entrelaçamento de opressões por sexo, raça, classe, sexualidade e a necessidade de desenvolvimento de uma análise e prática baseadas no fato de que as formas de opressão estão entrelaçadas;
- b) a centralidade da luta pela liberação das mulheres negras e que para que essa liberação se efetivasse era necessária a luta conjunta contra opressões sexistas, racistas, de classe e de sexualidade;
- c) a consideração da importância do Feminismo Negro como movimento político para combater as opressões simultâneas das “mulheres de cor” (women of color);
- d) a necessidade da destruição do capitalismo, do imperialismo e do patriarcado, e por fim, e) denunciar o racismo no movimento feminista de mulheres brancas (Crenshaw 1991 *apud* Henning, 2015, p. 102-103).

Diante desses aspectos, Henning (2015), destaca a importância de entender que as

formas de preocupações sobre as diferenças nos anos 1970 não vinham especificamente de campos acadêmicos, mas também, com grandes marcas, de coletivos de ativistas feministas negras e lésbicas, o que contribuiu, como afirma Akotirene (2019), para um posicionamento dessas mulheres frente as opressões a elas postas, desfazendo ideias da existência de um único feminismo global e com voz única.

Entretanto, Henning (2015), levanta uma problemática ao constatar que, atualmente, poucas feministas de estudos interseccionais consideram a importância que o manifesto teve, suas ações políticas e de outros coletivos, como ponto necessário para o pensamento que objetiva a compreensão dos mecanismos que marcam as diferenças na construção de desigualdades. Como também, uma parte dos trabalhos contemporâneos tende a secundarizar ou ignorar, de diversas formas, o papel dos Black Feminisms (feminismo negro) que impulsionou reflexões interseccionais nos anos 1970. Nesse trabalho a categoria é mobilizada porque dá conta de discutir e colocar em evidência os diversos atravessamentos historicamentepostos nas trajetórias de mulheres pobres, negras, lésbicas entre outras, e por oportunizar que suas vozes não sejam silenciadas em espaços públicos, como a universidade.

Anzaldúa (1987 *apud* Lino *et al* 2020), em seus escritos, relatou que as Mulheres negras, mestiças, lésbicas, trans, latino-americanas, de origem popular, migrantes, só existem e são vistas a partir de um olhar fronteiriço, ou seja, que vive ou se encontra a margem, que é sempre falada pelo outro, e nunca por ela mesmo. Por isso, é importante refletir e discutir na academia sobre o lugar social e acadêmico postos para essas mulheres, que para Spivak (2010 *apud* Lino *et al* 2020), possuem acesso limitado ou nenhum, a fala, processo esse resultante de um imperialismo cultural, no qual a escrita e a fala possuem cor e gênero.

Para isso, Ribeiro (2021), descreve que é preciso pensar a partir do lugar de fala, como uma forma de denunciar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social, assim, é uma postura ética. É necessário que saibamos o lugar de onde falamos, uma vez que se torna fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo. Ribeiro (2021), aborda que não há uma origem determinada para o termo “lugar de fala”, acredita-se que surge com a tradição de discussão sobre *feminist standpoint*, em tradução “ponto de vista feminista”.

Todas as pessoas possuem lugares de fala, remete a localização social, e a partir desse lugar, é possível refletir e discutir criticamente sobre as diversas temáticas presentes na sociedade. Na sociedade brasileira, marcada por uma herança escravocrata, as pessoas negras irão ter a experiência do racismo do lugar de quem é o centro dessa opressão, um lugar que também restringe oportunidades devido estes mecanismos de opressões. E pessoas

brancas irão ter experiências a partir de outro lugar, o de quem é beneficiado dessa mesma opressão, assim, os dois grupos podem e devem discutir e refletir sobre essas questões, mas é evidente que falarão de lugares distintos (Ribeiro, 2021).

Em consonância ao pensamento de Ribeiro (2011), é necessário discutir sobre a localização social e também territorial, ambas contribuem para a construção de identidades. Para isso, é importante conhecermos termos como migração, mobilidade espacial e mobilidade pendular. Ojima e Campos (2021), descrevem a migração como movimentos de pessoas que mudam de residências em unidades administrativas, geográficas ou políticas diferentes, o mesmo autor compreende a mobilidade pendular como deslocamentos realizados diariamente entre municípios, que podem ocorrer por diversos fatores como: trabalho, estudo ou tratamento de saúde, ainda aponta a mobilidade espacial, que corresponde a realização de curtas distâncias, como mobilidade dentro da mesma localidade ou de curta duração, o que inclui os movimentos pendulares.

É preciso atentar para os espaços sociais e as localidades territoriais das quais as “subalternas” falam. Alcoff (2016 *apud* Ribeiro, 2021), reflete sobre esses apontamentos chamando a atenção para a compreensão de que descolonizar o conhecimento é um processo contínuo, e que é preciso observar como as identidades sociais veem sendo construídas historicamente e socialmente, não só para mostrar como esse processo de colonização tem criado essas identidades, mas para apontar como certas identidades tem sido historicamente silenciadas ao tempo em que outras são fortalecidas.

Carneiro (2011), fala que é preciso levantar outras questões importantes que são vestígios da escravidão no Brasil, como a manipulação da identidade do negro de pele clara, que é uma forma de alcançar o “ideal estético humano”. A partir desses paradigmas, as pessoas negras aprendem desde a infância a não ser e saber quem são, a não conhecerem suas histórias e suas raízes. Foram/são ensinadas a usarem a miscigenação como uma forma de carta de alforria da negritude, por ter um tom de pele mais claro, um cabelo mais liso ou olhos herdados de um ancestral europeu, são suficientes para fazer uma negra se sentir parda ou branca. Sobre esses apontamentos, Carneiro (2011), descreve que:

No termo “pardo” “cabem os mulatos, os caboclos, e todos os que não se consideram brancos, negros, amarelos ou indígenas”. Todos os que não se desejam negros, amarelos ou indígenas encontram uma zona cinzenta onde possam se abrigar, se esconder e se esquecer de uma origem renegada (Carneiro, 2011, p. 64).

Carneiro (2011), compreende que a identidade étnica racial é um fenômeno que pode ser

construído ou destruído historicamente. Assim, Santos (*apud* Carneiro, 2011), aponta que é importante que se enfrente a “dor da cor”, e quem sabe, possamos, enfim, curá-las. Esses processos de rupturas de padrões criados historicamente não são fáceis de serem rompidos, requer uma árdua e contínua luta por resistência e lugar de fala enquanto sujeitas negras. Ribeiro (2021), é clara e objetiva ao dizer que todo mundo tem lugar de fala, um lugar onde se rompe o silêncio posto para quem foi socialmente e historicamente compreendidas como sujeitas “subalternizadas”, um movimento de rompimento das hierarquias, pois, essas mulheres não são vozes de ninguém, são mulheres que se levantam, reivindicam seus direitos e sua humanidade, que por muito tempo, foi/é roubada. Quando Gonzalez (1984, p.225) diz que, “o lixo vai falar, e numa boa”, é uma forma de romper com essa hierarquia, de criticar as teorias e os teóricos que falam pela e com a “subalterna”, mas que nunca irão dar espaço para que a “subalterna” fale (LINO *et al* 2020).

Seguindo esse pensamento, Gonzalez (1984), traz reflexões sobre o modo como a sociedade trata as pessoas que falavam/falam “errado”. Esse falar “errado” é compreendido a partir de uma “norma culta”, e as pessoas que não fazem parte dessa norma eram/são tratadas com desprezo e não possuem espaços para ser ouvidas. O falar “errado” que a sociedade tanto apontou, Gonzalez (1984) denominou de “pretuguês”, é uma forma que a autora encontrou de valorizar a linguagem falada pelos povos negros escravizados no Brasil, de provocar os modos “certos” de falar criados socialmente. Semelhante ao pensamento e reflexões levantados por Gonzalez (1984), Alcoff (2016 *apud* Ribeiro, 2021), também critica os modelos universais de saberes compreendidos como certos, estes que desconsideram os saberes dos povos originários, de afrodescendentes e a escritade si, apontando que:

É realístico acreditar que uma simples “epistemologia mestre” possa julgar todo tipo de conhecimento originado de diversas localizações culturais e sociais? As reivindicações de conhecimento universal sobre o saber precisam no mínimo de uma profunda reflexão sobre a sua localização cultural e social (Alcoff, 2016 *apud* Ribeiro, 2021, p. 27).

A autora reflete sobre a necessidade de pensar outros saberes na sociedade brasileira, que considerem os saberes de mulheres de terreiros, das que lutam por creches, lideranças comunitárias e tantas outras que possuem saberes e que precisam de vozes em uma sociedade profundamente desigual, excludente e opressora. É preciso lutar para romper essas hierarquias, desestabilizar e transcender, ir além desses mecanismos que tentam calar a voz de tantos saberes e identidades que são (re)construídas nesses contextos de lutas, opressões e resistências (Ribeiro, 2021). hooks² (2017 *apud* Ribeiro, 2021,) discute o quanto as mulheres

negras tiveram as suas identidades forjadas a partir de ligações ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista e sexista, na perpetuação do pensamento de que as mulheres negras possuem uma mentalidade estreita.

As feministas questionam uma racionalidade machista, essa que a ciência estava/está submetida, e denunciam o *ethos* da masculinidade na ciência, ou seja, o conjunto de traços e modos de comportamento que traçam o caráter ou as identidades de uma coletividade. Assim, as críticas das feministas giram em torno da naturalização da ciência como um local de homens, da suposta neutralidade científica e presença da objetividade e universalidade que é atribuída ao saber científico, questões essas que rompem com a perspectiva de uma ciência que todos/as façam parte e tenham as mesmas oportunidades e direitos (Lino *et al* 2020).

Nessa direção, as escritoras hooks (1995 *apud* Lino *et al* 2020) e Anzaldúa (2000 *apud* Lino *et al* 2020), denunciam suas realidades enquanto mulheres negras se colocando ao lado de pesquisadoras, cientistas e intelectuais contra-hegemônicas, apontando que não estão ao lado dos que falam a língua do “colonizador” do outro. Sobre isso, abordam que:

Para superarem essas barreiras, as negras que conseguem continuar dedicadas individualmente a uma vocação intelectual, sentindo-se igualmente ligadas à comunidade, tem de mapear essas jornadas, nomeando o processo (hooks, 1995, p.471 *apud* Lino *et al* 2020, p.9).

Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo (Anzaldúa, 2000, p.231 *apud* Lino *et al* 2020, p.9).

Compreendendo que a ciência é um produto do meio social e que envolve relações de poder e interesse, hooks (1995 *apud* Lino *et al* 2020) e Anzaldúa (2000 *apud* Lino *et al* 2020), se contrapõem a ideia de que a ciência é um espaço neutro e concordam com a ideia de que a ciência é um espaço em que todos/as precisam ter acesso e permanecer. O campo científico não é um local que existe uma “concorrência perfeita”, mas, que também, estão presentes as desigualdades, é na verdade, um campo social como outro, permeado por relações de poder e interesses. hooks (1995) e Anzaldúa (2000), estão no lado “subversivo” dessa luta, ou seja, se revoltam e denunciam a ordem social, política e econômica estabelecida, desenvolvendo estratégias científicas que visam romper com a conservação do modelo dominante, denunciando-o como sexista, racista e lesbofóbico (Lino *et al* 2020).

²O nome bell hooks grafado em todo minúsculo, é um posicionamento político de Gloria Jean Walkns, é um pseudônimo em homenagem a sua avó. A escritora recusa seguir as regras postas pela academia, ao tempo que é uma forma de resgate das vozes apagadas do passado.

Nessa direção hooks (2013), a partir de seu lugar de fala, aponta que em sua vida adulta encontrou poucas pessoas brancas que estivessem realmente dispostas a fazerem o que é preciso para construir um mundo de igualdade racial, a correr riscos, a serem corajosas e a nadarem contra as correntes. Evaristo (2007), também utiliza a escrita como um lugar de autoafirmação, a autora compreende o ato de escrever como uma forma de fugir do mundo em que vivia para sonhar e inserir-se no mundo para modificá-lo.

Anzaldúa (2000), discute que o ato de escrever permite que se torne mais íntima com ela mesma, que possa se descobrir, se preservar, se (re)construir e alcançar autonomia, e assim, se torna um ato de criar alma, de busca pelo seu eu, o qual as mulheres negras são levadas a pensar como o outro. A autora acredita que é preciso romper com o eurocentrismo acadêmico, evidenciando que as escolas que frequentou não a ensinaram a escrever com a certeza de que era certo usar a sua linguagem, marcada por sua classe e etnia. Essas ações não eram neutras, possuíam intencionalidades, pois usar uma linguagem marcada por subjetividades desequilibrava/desequilibra, e muitas vezes, rompia/rompe com as confortáveis imagens estereotipadas, molduras e metamolduras impostas aos escritos (Anzaldúa, 2000).

As autoras citadas acima colocam em pauta que falar a partir das mulheres negras é uma premissa importante do feminismo negro. Patricia Hill Collins, nos ensina sobre a necessidade dessas mulheres se autodefinirem, da mesma forma como fez Lélia Gonzalez ao trabalhar com as experiências de mulheres negras na América latina e no Caribe. A filósofa Francesa Simone de Beauvoir ao criar o termo “o outro”, em “o segundo sexo” publicado em 1949, possibilita uma perspectiva importante sobre a categoria de gênero, ao pensar que a mulher não é definida em si mesma, mas pensada através do olhar do homem e em relação a ele. Simone de Beauvoir aponta que a mulher é vista como o “outro” porque é pensada como objeto, como algo que possui uma função, e esse olhar impede a mulher de ser “para si” (Ribeiro, 2021).

Simone de Beauvoir descreve que a mulher branca é considerada o “outro” por não ter reciprocidade do olhar do homem, em contradição a esse pensamento, Grada Kilomba discute que as mulheres negras são “o outro do outro”, o que as coloca em uma posição muito mais difícil de reciprocidade, pois, por não serem brancas e homens, ocupam um lugar muito difícil socialmente, um tipo de dupla carência, a da branquitude e masculinidade. Assim, Kilomba discorda de Simone de Beauvoir quando aponta que não há reciprocidade, pois, a mulher negra sempre é vista pelo olhar do homem a partir de um lugar de subordinação, a mulher negra só pode ser o outro e nunca a si mesma. Assim, a autora

evidencia que as mulheres possuem situações distintas (Ribeiro, 2021).

É difícil para as mulheres negras pensarem que podem escolher se tornarem escritoras, e muito mais, acreditarem que podem, Anzaldúa (2000), aborda essa questão quando questiona em seus escritos sobre “o que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós?” (Anzaldúa, 2020, p.230). “Esperançando” a partir desse pensamento, a autora destaca que as mulheres negras precisam resistir para que os padrões criados socialmente não as impeçam de se tornarem escritoras, e enfatiza que precisam priorizar a sua própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo, pois “não existe separação entre vida e escrita” (Anzaldúa, 2020, p.233).

Moreira e Schneider (2005), abordam que as mulheres negras, a partir da escrita, lutam contra as várias formas de silenciamento, continuam buscando se fazerem ouvidas na sociedade brasileira, conservadora de um imaginário contra o/a negro/a. Imagens que nascidas de uma sociedade escravocrata perpassam, profundamente, até os dias atuais, pelos modos das relações sociais brasileiras. São mulheres que tendem a serem invisibilizadas, não só através das páginas da história oficial brasileira, mas também, pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de vários estereótipos.

A escrevivência das mulheres negras explicita as experiências e vivências de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade tanto quer inferiorizar, mulher e negra, e surge a fala de um corpo que não é somente descrito, mas vivido. Na escrita busca-se afirmar as duas faces em único movimento, pois o racismo, como observa Carneiro, (2003), contribui para determinar as hierarquias de gênero em sociedades como a brasileira que são multirraciais, pluriculturais e racistas.

Os escritos “subalternos” evidenciam a necessidade de questionar o saber hegemônico, colocando em prática outros saberes como a escrita de si, que transitam entre a fala e o silêncio, entre a ausência de uma produção que faça que as vozes das “subalternas” sejam ouvidas e denunciem uma história que se perpetua através de uma ciência imperialista, que possui gênero e raça (Lino *et al* 2020). Escrever projeta na sujeita da escrita a sua autoinscrição no interior do mundo, possibilitando que a escrita ultrapasse os limites de uma visão de vida, esse ato sugere (re)construção, liberdade e resistência (Evaristo, 2005).

Se tratando de um ato desenvolvido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais distintos dos lugares que são ocupados pelas elites, escrever adquire um sentido de insubordinação, que se apresenta, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as

normas cultas” da língua, como o exemplo de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, catadora de papel, pertencente as camadas populares, como também, pela escolha da matéria narrada (Evaristo, 2005). Assim, para alcançar mais pessoas, é preciso deixar de lado alguns padrões acadêmicos e regras pré-estabelecidas e impressionar a si mesmo e aos leitores com novas formas de perceber o mundo. Escrever é ato mais atrevido e o mais perigoso porque pode resultar em questões, que pelas normas e padrões pré-estabelecidos historicamente, socialmente e cientificamente, não deveriam ser considerados como formas de fazer e ser ciência, como a escrita de si, realizadas por mulheres que por séculos, são compreendidas como sujeitas “subalternas” (Anzaldúa, 2000).

3. METODOLOGIA

A proposta aqui é realizar uma pesquisa científica, que para Barros e Lehfel (1990), é compreendida como o produto de uma investigação que tem como objetivo solucionar problemas e dúvidas, utilizando métodos e procedimentos científicos. Essa pesquisa, é construída a partir de um conhecimento científico, entendido como um aperfeiçoamento do conhecimento comum, que reflete o modo de pensar das pessoas cotidianamente, por meio de procedimentos realizados através de métodos exigindo explicações rigorosas e possíveis sobre o que é afirmado a respeito do objeto ou realidade estudada (Barros; Lehfel, 1990).

Trabalhei com a pesquisa narrativa, que é uma técnica de entrevista desenvolvida por Fritz Schutze, na década de 1970, que teve como intuito romper com a tradicionalidade de perguntas e respostas no desenvolvimento de produções de dados em pesquisas sociais (Schutze, 2011 *apud* Sousa *et al.*; 2021). Essa técnica, segundo Sandra Jovchelovitch e Martijn Bauer (2002 *apud* Sousa *et al.*; 2021), tem como objetivo a reconstrução de acontecimentos por meio da perspectiva das narradoras. Essa metodologia, para Mello (2020), possui aspectos tridimensionais: a temporalidade, sociabilidade e lugar/espço, possibilitando entender as experiências a partir do ponto de vista das participantes da pesquisa, daquelas que vivem suas próprias experiências.

A pesquisa foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa. Chizzotti (2000), aponta que os/as pesquisadores/as que trabalham com essa abordagem se dedicam a analisar os significados que as pessoas dão a suas ações, a partir das relações sociais que ocorrem nos meios em que estão inseridas. A pesquisa é teoricamente amparada na perspectiva de autoras decoloniais, a exemplo de hooks (2018), Evaristo (2005-2020), Anzaldúa (2000), Ribeiro (2021), entre outras.

A escolha metodológica se deu a partir da compreensão de que a pesquisa narrativa é “ao mesmo tempo o fenômeno estudado e o método” de estudo, como estabelecido por Clandinin e Connelly (2000, p. 18 *apud* Mello, 2020, p.61). Intencionando refletir sobre as experiências subjetivas de vida das graduandas, acredito que estudar suas narrativas por meio do recontar e contar as histórias vividas, será um processo de (re)construção de sentidos, momentos em que se vive e entende as narrativas, um caminho para as participantes compreenderem suas trajetórias de vidas, um espaço em que suas vozes podem ser ouvidas e entendidas, possibilitando a criação de condições para tentarmos fugir do perigo de uma história única, como aponta a escritora, Adichie (2014 *apud* Mello, 2020), pois, mesmo compartilhando histórias por meio de aspectos comuns, cada uma carrega consigo suas próprias experiências dos momentos vividos.

A pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras – PB, tendo como colaboradoras quatro (4) graduandas do referido Centro. Não foi escolhido curso/s ou período/s específicos. A partir do convívio com algumas graduandas, foi possível conversar e refletir sobre algumas questões que atravessam o nosso ser universitária, como os percursos casa-universidade-casa, as dificuldades e possibilidades presentes nesses processos, desde o distanciamento da família, a situação socioeconômica, entre outras questões.

A partir dessas experiências, observei a importância de convidar essas graduandas que fazem parte do meu convívio social, e que também são moradoras de localidades fora do campus universitário, para serem voluntárias da pesquisa. A pesquisa foi divulgada virtualmente no campus universitário através de um formulário do *google forms* durante 1 (uma) semana. Considero uma forma de oportunizar que as universitárias que tivessem interesse em colaborar com a pesquisa fossem alcançadas.

O formulário foi usado para divulgar a pesquisa no campus universitário durante uma (1) semana, para escolher as colaboradoras da pesquisa e para o mapeamento dos percursos que representam a mobilidade das graduandas nos percursos casa-universidade-casa. Foi enviado através do e-mail, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para todas as colaboradoras da pesquisa assinarem, como forma de garantir a liberdade de expressão e o sigilo em relação aos dados obtidos. Também foi enviado para as colaboradoras um arquivo com alguns esclarecimentos sobre o desenvolvimento da Entrevista Narrativa. Como instrumento de coleta de dados utilizei as Entrevistas Narrativas e um formulário criado no *google forms*.

As entrevistas foram realizadas durante 1 (semana) através da plataforma digital *google meet*, agendadas de acordo com a disponibilidade de dias e horários das colaboradoras e áudiogravadas. Alguns aspectos como a mobilidade e o calendário acadêmico dificultaram o agendamento dos dias e horários para a realização das Entrevistas Narrativas presenciais. Esse formato de entrevista on-line foi escolhido porque as graduandas não tiveram disponibilidade de realizar no formato presencial. Após a realização das Entrevistas Narrativas iniciei o processo das transcrições, em seguida, foi enviado as transcrições para aprovação das colaboradoras, e a partir da aprovação, iniciei os processos de análises das Entrevistas Narrativas.

Essa técnica de entrevista on-line, segundo Uwe Flick (2009 *apud* Sousa; *et al*2021), é uma maneira de adaptar as entrevistas convencionais para a internet. A escolha dessa técnica se deu a partir de reflexões sobre os lugares onde as graduandas moram. São moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados localizados fora da cidade sede do campus universitário. Essa pesquisa se apresenta como forma de compreender os atravessamentos que estão presentes nos percursos das universitárias através do processo de falar, ouvir, refletir e transcrever.

Estruturei as Entrevistas Narrativas em 3 eixos norteadores que são: 1. As experiências subjetivas antes de adentrarem a universidade e os processos que desencadearam o acesso e permanência a UFCG; aqui esperou-se que as graduandas narrassem sobre como eram suas vidas antes de entrarem na universidade, as experiências com as famílias e amigos, as situações socioeconômicas, as escolhas de ser universitárias e dos cursos, o apoio das famílias e outras redes de apoio presentes ou ausentes durante os processos de acesso e permanência na universidade; etc. 2. A realização dos percursos casa- universidade-casa, os meios de transportes utilizados e as implicações presentes; apontando aspectos como: onde moram e com quem, o/os transporte/s utilizado/s, as distâncias para a UFCG, os imprevistos nos trajetos, as compreensões dos/as professores/as e das próprias graduandas em relação a essas questões; etc. 3. Desafios e possibilidades que atravessam a construção de suas identidades e que marcam suas trajetórias enquanto universitárias a partir dos percursos casa- universidade-casa, levantando reflexões em aspectos como: sair da zona de conforto, as mudanças de rotinas, de lugares, se causou medos e inseguranças, doenças ou transtornos psicológicos, assédios e violências, viverem longe das famílias, as possibilidades de estudar, de ter uma profissão, de melhores condições de vida, de conhecer outros lugares e pessoas, de crescerem com esses desafios e possibilidades, em que medida essas experiências, desde a entrada na universidade até o momento atual, afetam a construção das identidades e o ser

universitária, etc.

Esses eixos foram pensados como forma de abarcar a diversidade de experiências vivenciadas pelas graduandas, ao tempo que são subjetivas e apresentam aspectos comuns umas às outras. Não são perguntas prontas, são direcionamentos que fogem da tradicionalidade de perguntas e respostas. Na análise de dados irei: a) mapear os percursos casa-universidade-casa das colaboradoras, b) apontar os meios de transportes utilizados nos percursos casa- universidade-casa das colaboradoras e c) analisar as narrativas das universitárias a partir dos 3 (três) eixos estruturantes.

Os processos de desenvolvimento da pesquisa terão como base os princípios éticos, assegurados pela Resolução n° 510, de 07 de abril de 2016, no Capítulo II, Art. 3°, que descreve os princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, que são:

- I - reconhecimento da liberdade e autonomia de todos os envolvidos no processo de pesquisa, inclusive da liberdade científica e acadêmica;
- II - defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo nas relações que envolvem os processos de pesquisa;
- III - respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes das pesquisas;
- IV - empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada;
- V - recusa de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de indivíduos e grupos vulneráveis e discriminados e às diferenças dos processos de pesquisa;
- VI - garantia de assentimento ou consentimento dos participantes das pesquisas, esclarecidos sobre seu sentido e implicações;
- VII - garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz;
- VIII - garantia da não utilização, por parte do pesquisador, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo dos seus participantes;
- IX - compromisso de todos os envolvidos na pesquisa de não criar, manter ou ampliar as situações de risco ou vulnerabilidade para indivíduos e coletividades, nem acentuar o estigma, o preconceito ou a discriminação; e - compromisso de propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário. (Brasil, 2016, Art. 3, p.5).

É importante destacar que além de ter como princípios éticos essa resolução, é preciso que a pesquisa também passe pelo comitê de ética, que de acordo com Araujo (2003), tem como principal objetivo preservar a integridade dos sujeitos participantes da pesquisa. A pesquisa tramitou pelo comitê de ética e foi aprovada pelo parecer n° 6.234.641. Assim, me comprometo com a responsabilidade ética, intelectual e social enquanto pesquisadora no que diz respeito, também, aos aspectos éticos da pesquisa desenvolvida.

A seguir, será apontado como foi realizada a elaboração da base cartográfica da

pesquisa, que se constitui um desejo inicial de entender os espaços e os movimentos que as colaboradoras ocupam e realizam para acessarem e permanecerem na universidade. É por compreendermos a necessidade de levantare apontar essas reflexões que dialogamos com a cartografia e com o geoprocessamento.

3.1 Elaboração da base cartográfica para o mapeamento temático

Foram elaborados o conjunto de mapas dos percursos casa-universidade- casa referente as alunas participantes da pesquisa, para tanto, primeiramente realizou-se uma oficina com as alunas para ensinar a utilização do aplicativo Locus Map³. Neste, é gravado o percurso, o tempo dos percursos e a distância em quilômetros. Essa atividade foi realizada pelas alunas participantes da pesquisa. No final, ao realizarem os percursos as colaboradoras enviaram o arquivo do percurso no formato KML para a pesquisadora e a partir deste foi possível elaborar a tabela abaixo, foi realizado uma estimativa considerando o total de dias letivos, o total de aulas assistidas, distância (km) ida e volta e um cenário caso as estudantes não faltassem nenhum dia.

Tabela 1: Estimativas dos percursos casa-universidade-casa das colaboradoras

	Alunas	Total de dias letivos	Percursos	Distância percorrida(km) ida/volta	Tempo gasto (h) ida/volta
1	Salinda	85	15	116,82	1
2	Luamanda	85	51	105,04	1
3	Residente/Natalina	85	2	177,12	3
4	Cida	85	24	70,78	1

Alunas	
1	Salinda
2	Luamanda
3	Residente/Natalina
4	Cida

³ O Locus Map é um aplicativo para android gratuito, disponibilizado na plataforma Play Story.

Para a elaboração dos mapas temáticos foi utilizado o programa QGIS versão 3.22. Em seguida, tendo como base arquivos vetoriais dos municípios do Estado do Ceará e do Estado da Paraíba, foram elaborados e compilados cinco mapas: Mapa de Localização, Mapa do Percurso Casa-Universidade-Casa de Salinda, Mapa do Percurso Casa-Universidade-Casa de Luamanda, Mapa do Percurso Casa- Universidade-Casa de Natalina e Mapa do Percurso Casa-Universidade-Casa de Cida. Todos os mapas foram elaborados no Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento (LACARGEO/CFP/UFCG).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Optamos por não modificar as falas das narrativas das colaboradoras da pesquisa como forma das transcrições permanecerem no sentido literal. Algumas narrativas apresentaram fragilidades gramaticais no que diz respeito às “normas cultas” da língua portuguesa. Estas fragilidades estão destacadas nas transcrições em quadros de análises na fonte itálico. Durante a realização das entrevistas narrativas também se manifestaram dificuldades para ouvir os áudios devido a oscilação de internet das colaboradoras e da pesquisadora, pois ambas não possuem internet de boa qualidade. Algumas das colaboradoras residem em comunidades rurais nas quais o acesso à internet via *wi-fi* ou dados móveis apresentam fragilidades. Aqui recordo de Evaristo (2010), e da sua forma de escrita que abre portas para que outras mulheres negras e pobres se reconheçam como escritoras. Em entrevista a autora disse:

“O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. Então Carolina Maria de Jesus não tinha nenhuma dificuldade de dizer, de se afirmar como escritora. (...) E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado” (Conceição Evaristo, em entrevista concedida ao blog, *Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo*, em 30 de setembro de 2010).

Assim, é preciso atentar para que as falas das colaboradoras não sejam inferiorizadas no âmbito acadêmico por não seguirem as “normas cultas” padrões. São mulheres que estão

rompendo com os lugares pré-determinados socialmente para as mulheres negras e pobres, que historicamente, estão à margem da sociedade e hoje, algumas, ainda não todas, ocupam os lugares sociais que lhes foram negados por séculos. É uma forma de romper com essas hierarquias e dizer que “nesse trabalho assumimos nossa própria fala. O lixo vai falar e numa boa” (Gonzalez, 1984).

As colaboradoras da pesquisa receberam os nomes escolhidos do livro “olhos d’água” da escritora brasileira Conceição Evaristo, publicado no ano de (2016). O livro olhos d’água foi vencedor do prêmio Jabuti na categoria crônicas e contos em (2015). A escolha do livro se justifica por compreender que a autora traz em seus escritos a presença predominante de mulheres, e especificamente mulheres negras, pobres, avós, mães, esposas, filhas, trabalhadoras, sujeitas historicamente compreendidas como “subalternas” e “sem voz”. Os nomes escolhidos não estão relacionados diretamente com as identidades das colaboradoras. A escolha dos nomes é uma forma de representar as diversas formas de violências contra as mulheres nos diversos espaços em que estão/estiverem inseridas, como nas suas residências, nas universidades, nos transportes, sejam públicos ou privados.

No livro “olhos d’água” Evaristo (2016), apresenta quinze (15) contos, abordando a realidade das violências sofridas pelas mulheres através de personagens como Ana Davenga, Maria, Duzu-Querença, Natalina, Salinda, Luamanda, Cida, Zaíta, Maíta. Evaristo utiliza a sua escrita como forma de ser no mundo, denunciando as condições de vida das mulheres afro-brasileiras. No livro, as personagens vivenciam em seus cotidianos diversos tipos de violências como a psicológica, a física, a moral, a doméstica e urbana, os preconceitos de raça, classe e gênero, histórias que denunciam uma realidade cruel e excludente para as mulheres negras e periféricas, mulheres que resistem com dor e esperança e trazem consigo sua ancestralidade e identidades.

São essas sujeitas com os nomes escolhidos de Salinda, Luamanda, Natalina e Cida, apresentadas na tabela (1) abaixo, que colaboraram para que essa pesquisapudesse acontecer. Mulheres diversas, “subalternas” e pobres, que com todos os atravessamentos de raça, classe, gênero e violências, seguem esperando e almejando vidas melhores para si e para os seus familiares. Enfrentando desafios diários na realização dos percursos casa-universidade-casa e (re)construindo suas identidades a partir dessas trajetórias subjetivas e comuns umas às outras.

Tabela 2: Nomes escolhidos para as colaboradoras da pesquisa

COLABORADORAS
Salinda
Luamanda
Natalina
Cida

4.1 Mapeando os percursos casa-universidade-casa

Nessa etapa, apresentaremos os mapas dos percursos casa-universidade- casa das colaboradoras da pesquisa. É importante destacar que são mapas geograficamente referenciados construídos com orientação do Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento (LACARGEO/CFP/UFCG). Trabalhamos com a Cartografia por entender que, de acordo com D'alge (2001), apresenta um modelo de representação de dados necessários para os processos que acontecem no espaço geográfico, e com o geoprocessamento por representar a área do conhecimento que usa técnicas matemáticas e computacionais, fornecidas pelos Sistemas de Informação Geográfica - SIG, para trabalhar com os processos que ocorrem no espaço geográfico. Assim, é existente uma relação interdisciplinar entre cartografia e geoprocessamento, e o eixo principal dessa relação é o espaço geográfico.

Ao tempo em que apresentamos os espaços e os movimentos das universitárias, apontamos para a importância de situar essas mulheres no espaço geográfico. A autora Del Priore no livro “Historias das Mulheres no Brasil”, publicado no ano de (2004), aponta em seus escritos uma concepção histórica sobre as condições de vidas das mulheres negras e os espaços aos quais estavam/estão inseridas, trazendo discussões sobre espaços públicos e os espaços privados. Evidenciando as desigualdades e dificuldades presentes nos cotidianos das mulheres afro-brasileiras, mulheres que lutaram/lutam por séculos pelo direito de ocupar os espaços públicos.

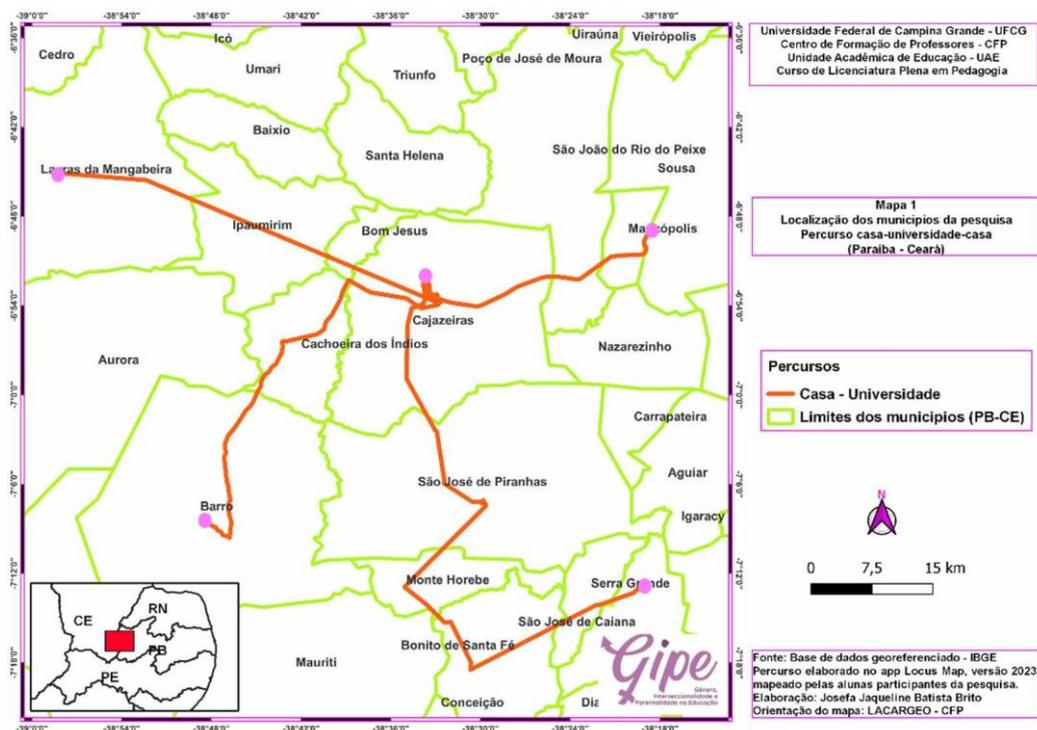
A autora aborda que o século XIX foi marcado por diversas transformações econômicas e sociais na Europa Ocidental, mudanças que afetaram todo o mundo, afetando tanto as estruturas e os detalhes cotidianos, como a forma de comportamentos em determinados ambientes, como cuidar do corpo e como falar com as pessoas. Esses processos foram marcados pelo eurocentrismo, que de acordo com Del Priore (2004):

“[...] acumulava experiências e territórios, pessoas e narrativas, classificando-as, unificando a multiplicidade na medida em que bania identidades diferentes, a não ser como ordem inferior da cultura e da ideia de uma Europa branca, masculina, letrada e cristã” (Del Priore, 2004, p.336).

A escrita e o saber estavam ligados ao poder, era uma forma de dominação ao definir quem poderia ter acesso e como funcionaria, estabelecendo modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos. O século XIX foi de grandes desafios para as classes trabalhadoras e para as mulheres, também surgiu movimentos sociais como o socialismo e os feminismos. Nesse sentido, se faz necessário entender os contextos aos quais as colaboradoras da pesquisa estão inseridas e suas existências nesses espaços, compreendendo que por séculos, as mulheres pobres e negras foram excluídas de participação efetiva na sociedade, da possibilidade de ocuparem espaços e cargos públicos e de acessarem a educação básica e superior, assim, “ as representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera” (Del Priore, 2004, p. 341).

O mapa (1) abaixo apresentará o território em que está situada a pesquisa.

Mapa 1: Localização dos municípios da pesquisa



A pesquisa está situada no Estado da Paraíba e do Ceará, segundo Albagli (2004), o território não é reduzido a uma dimensão material ou concreta, pois é compreendido como uma rede de força e de relações sociais que se apresentam no espaço, construído historicamente e estabelecendo diversos contextos e escalas, como a casa, o bairro, a cidade,

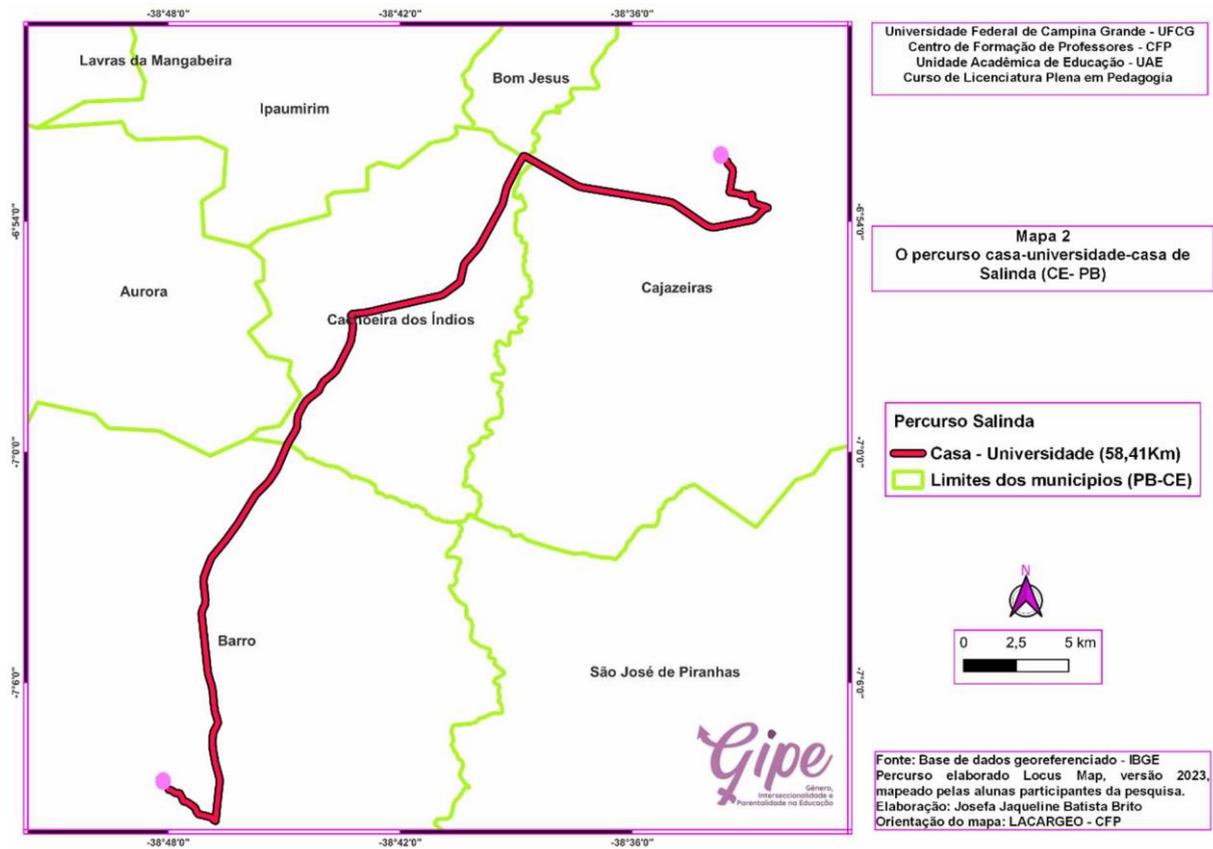
a região. Assim, o território constitui-se como objeto de análise a partir de diferentes perspectivas, sejam: geográfica, antropológico- cultural, sociológica, econômica, jurídico-política, bioecológica, e cada uma dessas áreas de conhecimento terá abordagens específicas para compreender o termo território. E no contexto particular das colaboradoras, o percurso casa-universidade- casa é uma relação antropológica de altos, baixos e de complexidades.

A seguir, apresentaremos os mapas dos percursos individuais das colaboradoras Salinda, Luamanda, Natalina e Cida, apontando os quilômetros percorridos nos percursos casa-universidade-casa. Os mapas apresentam em quilômetros e horas as distâncias dos percursos casa-universidade-casa realizados pelas colaboradoras. Esses percursos podem sofrer alterações diárias, dependendo de diversas variáveis que podem ocorrer durante as realizações dos percursos, como as mudanças das rotas, a velocidade em que os motoristas conduzem os veículos, os imprevistos nos percursos como chuva, pneu furar, entre outras questões. Será multiplicado os quilômetros dos percursos individuais das colaboradoras para representar os quilômetros que as estudantes usam nos deslocamentos de suas casas até a universidade e da universidade até as suas residências. Será destacado em linha vermelha os percursos das colaboradoras e em verde os limites dos municípios.

4.1.1 Mapeando os percursos casa-universidade-casa de salinda

O mapa (2) abaixo apresenta o percurso casa-universidade-casa de Salinda. A universitária mora no Estado do Ceará e percorre cerca de 58,41km para chegar até a universidade, que fica localizada no Estado da Paraíba, e o mesmo percurso é realizado na volta para casa, perfazendo no total 116,82 km, em um tempo estimado de 01:h00. Durante o período letivo de 85 dias a estudante realizou os percursos casa-universidade-casa em uma média de 15 dias, o que representa, em um cenário real, 1.752 km percorridos durante o semestre em 15:h00. Em um cenário que a estudante realizasse esse percurso todos os dias durante o semestre, seriam percorridos 9.930 km em um tempo estimado de 85:h00.

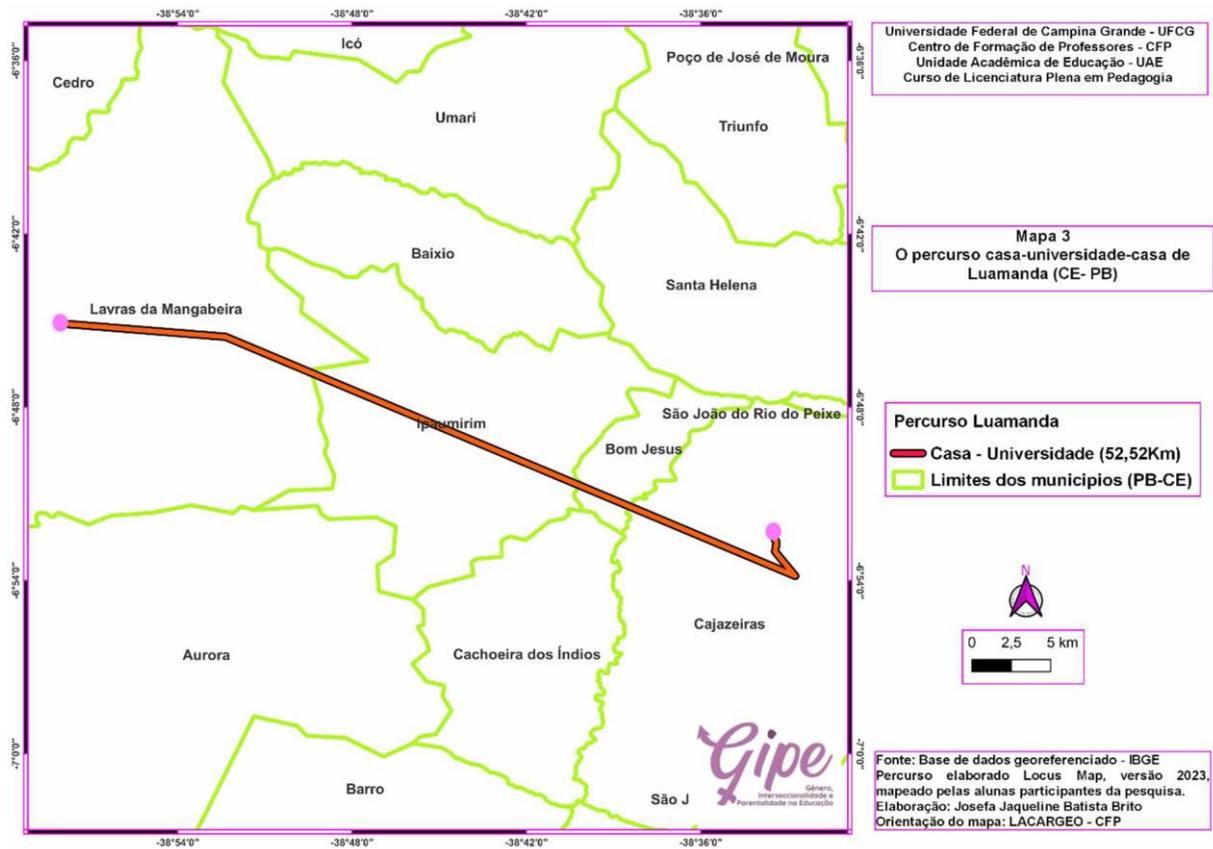
Mapa 2: O percurso casa-universidade-casa de Salinda



4.1.2 Mapeando os percursos casa-universidade-casa de Luamanda

O mapa (3) abaixo apresenta o percurso casa-universidade-casa de Luamanda. A universitária é moradora do Estado do Ceará e percorre cerca de 52,52km para chegar até a universidade, que está localizada no Estado da Paraíba, e o mesmo percurso é realizado na volta para casa, perfazendo no total 105,4 km, em um tempo estimado de 02:h54 minutos. Durante o período letivo de 85 dias a estudante realizou os percursos casa-universidade-casa em uma média de 51 dias, o que representa, em um cenário real, 5.557 km percorridos durante o semestre em 51:h00. Em um cenário que a estudante realizasse esse percurso todos os dias durante o semestre, seriam percorridos 8.928 km em um tempo estimado de 85:h00.

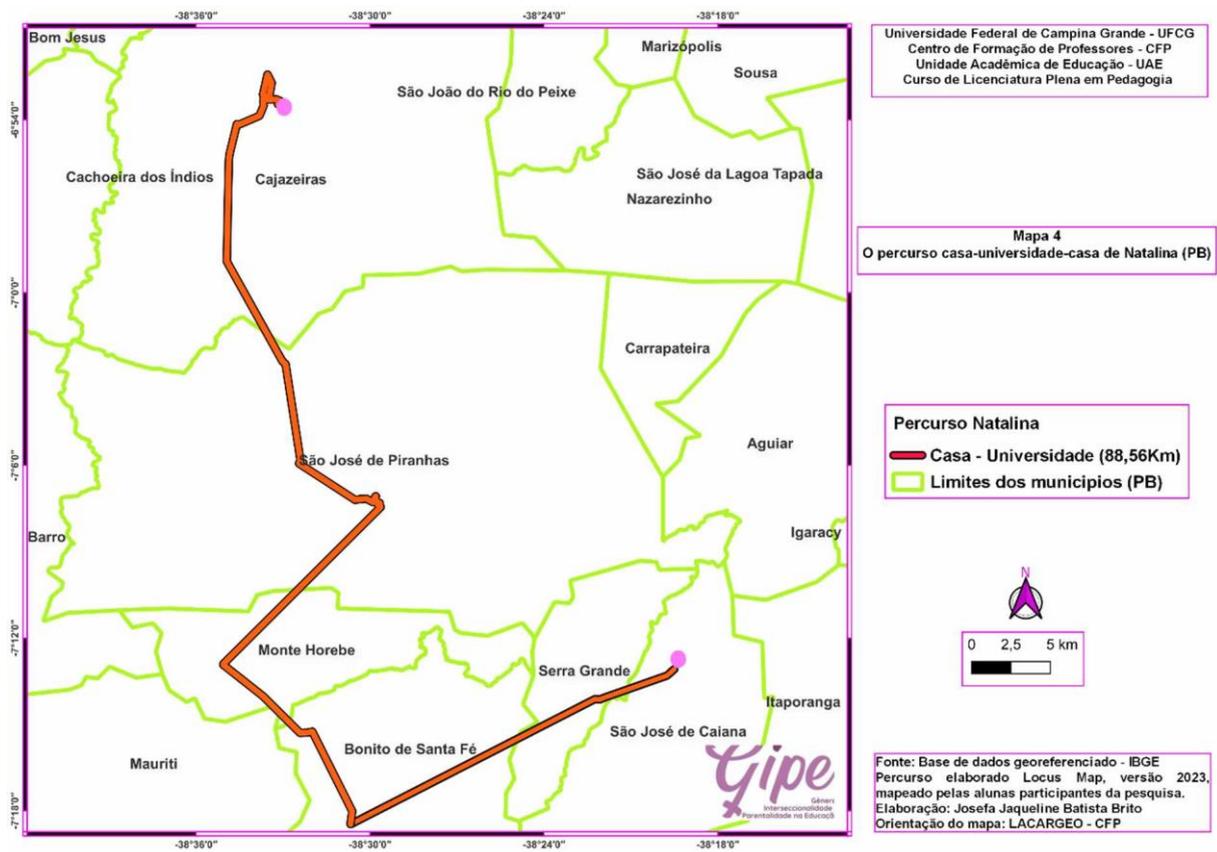
Mapa 3: O percurso casa-universidade-casa de Luamanda



4.1.3 Mapeando os percursos casa-universidade-casa de Natalina

O mapa (4) abaixo apresenta o percurso casa-universidade-casa de Natalina. A universitária é moradora do Estado da Paraíba e percorre cerca de 88,56 km para chegar até a universidade, que está localizada no mesmo Estado, o mesmo percurso é realizado na volta para casa, perfazendo no total de 177,12 km, em um tempo estimado de 06:h00. É importante apontar que devido aos longos percursos casa- universidade-casa a universitária é residente. Durante o período letivo de 85 dias a estudante realizou os percursos casa-universidade-casa em uma média de 2 dias, o que representa, em um cenário real, 354 km percorridos durante o semestre em 06:h00. Em um cenário que a estudante realizasse esse percurso todos os dias durante o semestre, seriam percorridos 15.055 km em um tempo estimado de 255:h00.

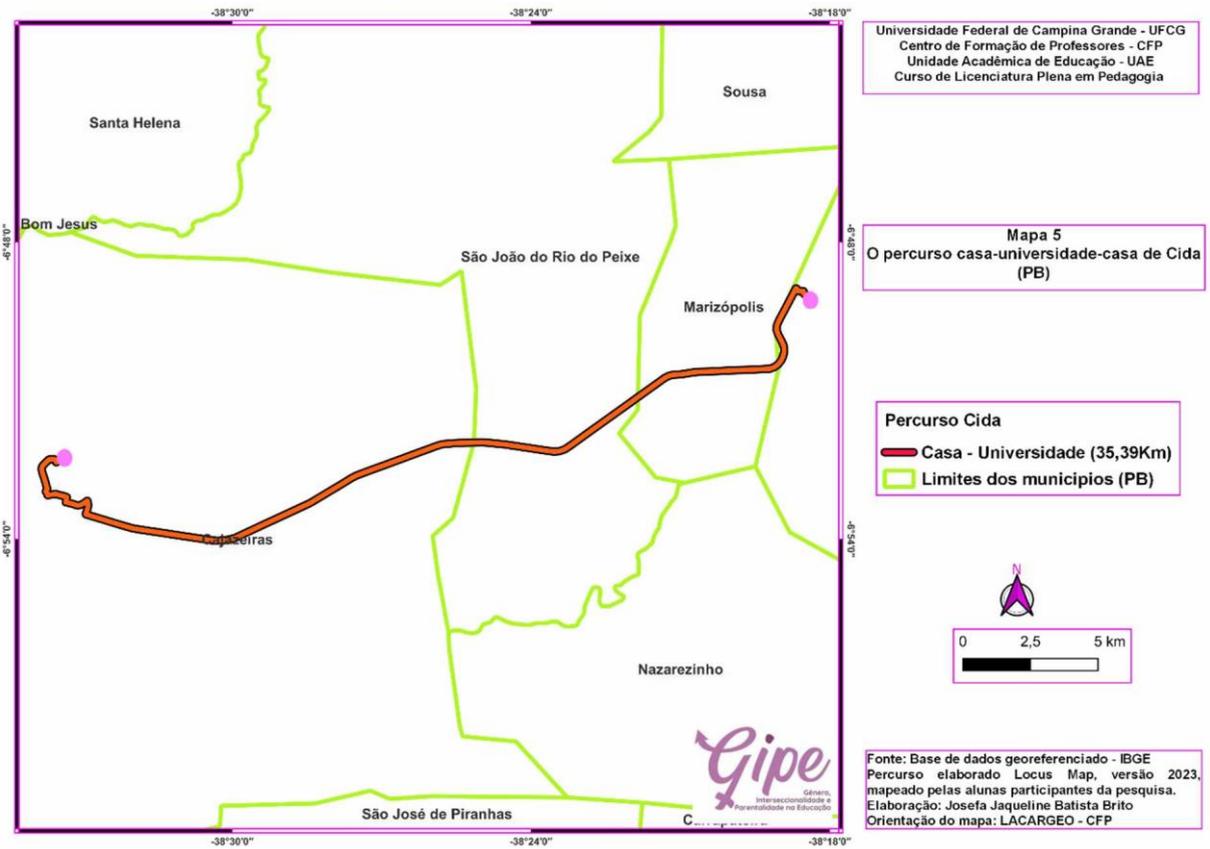
Mapa 4: O percurso casa-universidade-casa de Natalina



4.1.4 Mapeando os percursos casa-universidade-casa de Cida

O mapa (5) abaixo apresenta o percurso casa-universidade-casa de Cida. A universitária é moradora do Estado da Paraíba e percorre cerca de 35,39 km para chegar até a universidade, que se localiza no mesmo Estado, o mesmo percurso é realizado na volta para casa, perfazendo no total 70,78 km, em um tempo estimado de 01:h00. Durante o período letivo de 85 dias a estudante realizou os percursos casa-universidade-casa em uma média de 24 dias, o que representa, em um cenário real, 1.699 km percorridos durante o semestre em 24:h00. Em um cenário que a estudante realizasse esse percurso todos os dias durante o semestre, seriam percorridos 6.016 km em um tempo estimado de 85:h00.

Mapa 5: O percurso casa-universidade-casa de Cida



Os percursos evidenciam que as colaboradoras percorrem longas distâncias para conseguirem acessar e permanecer na universidade. É existente toda uma trajetória de vida que contribuíram para que chegassem a essa determinada universidade, mulheres que lutam diariamente para permanecer em um espaço acadêmico e social que não foram pensados para elas, mulheres negras, mestiças, lésbicas, trans, latino-americanas, de origem popular, migrantes, que só existem e são vistas a partir de um lugar de fronteira, a margem da sociedade, que são semprefaladas pelo outro, e nunca por elas mesmo (Anzaldúa, 1987 *apud* Lino *et al* 2020).

4.2 Transportes utilizados nos percursos casa-universidade-casa

Apresentaremos nessa etapa de análise uma tabela que retrata os meios de transportes utilizados pelas colaboradoras nos percursos casa-universidade-casa. Os percursos realizados contribuem para a construção das identidades das colaboradoras, ao tempo que fornece subsídios para compreendermos aspectos coletivos, pois, são mulheres que realizam percursos comuns umas às outras, mulheres que encontram barreiras historicamente

impostas para acessar e permanecer em espaços públicos como a universidade. Aqui lembramos de Ribeiro (2021), ao dizer que todo mundo tem lugar de fala, pois as colaboradoras falam a partir de seus lugares de falas e suas vozes não são invisibilidades, é uma forma de romper com as hierarquias e reivindicar seus direitos.

A tabela (2) abaixo foi desenvolvida através de dados coletados nas Entrevistas Narrativas e no formulário do *google forms*. O formulário oportunizou a coleta de dados necessários para a realização dessa etapa de análise da pesquisa, trazendo entre outras questões, perguntas específicas como: onde as colaboradoras moram e quais os meios de transportes utilizados nos percursos casa-universidade- casa.

Tabela 3: Meios de transportes utilizados nos percursos casa-universidade-casa

COLABORADORAS	MEIOS DE TRANSPORTES	GERÊNCIAS DE TRANSPORTES
Salinda	Van e a pé	Empresa privada
Luamanda	Ônibus e van	Transporte público
Natalina	Van e moto	Empresa privada e transporte familiar
Cida	Ônibus	Empresa privada

Podemos observar que as colaboradoras apresentam aspectos comuns umas às outras, todas precisaram/precisam sair de suas residências para conseguirem estudar. Luamanda realizando os percursos casa-universidade-casa diariamente em transportes públicos, Salinda e Cida em transportes privados e Natalina precisou migrar e residir na cidade sede do campus universitário, pois a cidade a qual reside não fornece transporte público, assim, quando encontra alguma possibilidade entre as demandas da universidade, realiza esses percursos em transportes privados, como relatado durante as Entrevistas Narrativas.

Os meios de transportes utilizados são diversos, como apresentados no quadro acima. Salinda é moradora de uma comunidade rural localizada no Estado do Ceará e precisa utilizar uma van de uma empresa privada, também realizando parte do percurso diário a pé, pois o transporte não a deixa em sua residência. Luamanda é moradora da zona urbana localizada no Estado do Ceará e utiliza transporte público, ônibus e van nos percursos casa-universidade-casa. Natalina é moradora de uma comunidade rural localizada no Estado da Paraíba, é residente, e utiliza van de uma empresa privada e a moto de seu irmão para realizar esses percursos casa-universidade-casa quando consegue ir para casa, pois relatou que já passou todo um semestre sem essa possibilidade. Cida é moradora de uma comunidade rural localizada no Estado da Paraíba e realiza os percursos diariamente através de um

ônibus de uma empresa privada.

As colaboradoras citadas acima realizaram/realizam processos migratórios e mobilidade espacial. Para que possamos compreender melhor os aspectos referentes a estes termos, nos amparamos nos escritos de Ojima e Campos (2021), os quais afirmam que:

“ [...] considera-se que, para que um indivíduo seja migrante, precisa transitar de uma localidade para outra, administrativa ou geograficamente diferente, de tal forma que mude a sua residência habitual por um tempo mínimo definido pelo estudioso. O termo mobilidade espacial é mais amplo e inclui movimentos de curta distância (por exemplo, mobilidade residencial dentro da mesma localidade) ou de curta duração (por exemplo, movimentos pendulares) (Ojima e Campos, 2021, p. 400).

De acordo com Ojima e Campos (2021), observamos que na realização dos percursos casa-universidade-casa das colaboradoras estão presentes alguns tipos de migrações, que são: a migração rural-urbana/migração campo-cidade que se refere a migração de pessoas que moravam no campo para a cidade, referente aos percursos de Natalina, que precisou sair da zona rural para morar na cidade sede do campus universitário. Também encontramos aspectos da mobilidade pendular, que é realizada através de deslocamentos diários entre municípios, por questões de estudos, por exemplo, que é o caso das colaboradoras Salinda, Luamanda e Cida. Ainda observamos em termos de distâncias, mobilidades de unidades interestadual que é o caso de Salinda e Luamanda.

4.3 Análise das Entrevistas Narrativas

Nesse tópico será abordado sobre as análises das Entrevistas Narrativas e os primeiros achados da pesquisa. Essa metodologia é uma proposta desenvolvida por Schutze na década de 1970. Moura e Nacarato (2017), afirmam que uma das características da Entrevista Narrativa é a possibilidade potente de reconstruções pessoais reflexivas dos sujeitos da pesquisa, é uma forma de compreensão dos contextos aos quais as sujeitas estão inseridas, contextos esses que perpassam as suas trajetórias individuais, coletivas e sociais, provocando ações de mudanças e motivações.

No desenvolvimento das análises utilizamos os escritos de Moura e Nacarato (2017), pois apresentam uma metodologia clara e objetiva, abordando passo a passo de como desenvolver esse processo de análises das Entrevistas Narrativas. Os quadros apresentados nas análises foram criados pela pesquisadora dessa pesquisa, amparados nos escritos de Moura e Nacarato (2017). Organizamos esse tópico em três etapas, que são: 4.3.1 identificando os elementos indexados e não indexados; 4.3.2 análises formais das Entrevistas

Narrativas, com o subtópico 4.3.3 análises das entrevistas textualizadas e o 4.3.4 comparações contrastiva do texto a partir dos eixos de pesquisa. Em todas as etapas serão apresentados os quadros das quatro (4) colaboradoras da pesquisa.

4.3.1 Identificando os elementos indexados e não indexados

Nessa etapa de desenvolvimento das análises de dados identificamos os elementos indexados e os elementos não indexados. Schütze (2011), aborda que nas narrativas estão presentes os elementos indexados e não indexados que precisam ser diferenciados para que seja possível a realização das análises. Assim, os elementos que os diferenciam são: os elementos indexados correspondem a aspectos como: “Quem fez? O quê? Quando? Onde? Por quê?” Schütze (2011, p.21). Os elementos não indexados expressam “valores, juízos e formas generalizadas de sabedoria de vida” Schütze (2011, p.21).

Conforme exposto no quadro (1), apresentamos aspectos encontrados a partir das transcrições das Entrevistas Narrativas de Salinda, Luamanda, Natalina e Cida. Na primeira coluna estão apresentados os elementos indexados, que nos auxiliam a conhecer os perfis das colaboradoras do estudo e na segunda coluna estão os elementos não-indexados, em que apresentamos algumas das compreensões de mundo, valores e juízos empregados pelas colaboradoras.

Quadro 1: Dados das Entrevistas Narrativas

Dados da Entrevista Narrativa de Salinda

Elementos indexados	Elementos não indexados
Quem fez, o que, quando, onde, porquê?	Valores, juízos
<p>Salinda - é moradora de uma comunidade rural do Estado do Ceará, se autodeclara como amarela, é graduanda da área da educação do 8º Período, não é mãe, é a primeira universitária de sua família, não participou/participa de nenhum programa de assistência social, de pesquisa, ensino ou extensão da instituição, tem familiares maternos na cidade sede do campus universitário, quando concluiu o Ensino Médio trabalhava em uma loja de sandália e saiu do emprego ao entrar na universidade, morou com familiares na cidade do campus universitário e com a pandemia precisou voltar para casa, atualmente faz os trajetos casa-universidade-casa diariamente, começou a receber mensagens do motorista do transporte em que faz os percursos casa-universidade-casa, mas não via maldade pois é uma pessoa que não leva as coisas pelo mal caminho, relata que é o único motorista que anda para a UFCG a noite, os outros motoristas não andam, então não teria como trocar, teve que aturar, tinha dia que não era tratada bem, falava com todo mundo e fingia que ela não existia, diz que descobriu que ele sempre fazia isso com todas as mulheres novatas no transporte, e que teve contato com várias histórias de acontecimentos que ainda não sabia, agradece pelo apoio recebido de um amigo, e aponta como uma amizade é importante para lhe apoiar em momentos de crises de ansiedade e para dar conselhos, e entende que todos/as passam por algum problema, diz que mesmo com essas dificuldades está buscando terminar a faculdade.</p>	<p>Salinda - Com a pandemia, precisou voltar para a casa de seus pais, e como era para a maioria dos universitários, teve que conciliar os afazeres domésticos com os estudos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relata que é obrigada a pagar 300,00 reais de transporte por mês, mesmo estando difícil receber essa quantia, e usando o transporte somente três vezes por semana. - Aponta que chega quase meia noite em sua casa e é preciso que seus pais a esperem na pista perto do sitio, porque como sabemos, é um horário perigoso. - Aponta que estamos sujeitos a tudo, porque sempre pode acontecer algo nos trajetos de ida e volta, ou furar o pneu, ou parar no meio do nada, ou ter um assédio, alguma coisa, ou dificuldade ir e vim.

Dados da Entrevista Narrativa de Luamanda

Elementos indexados Quem fez, o que, quando, onde, porquê?	Elementos não indexados Valores, juízos
<p>Luamanda - É uma mulher pesquisadora recente nas questões de gênero, feminista, não é mãe, branca, latino-americana, nordestina do interior cearense da zona urbana, participou/participa de programas de assistência social, pesquisa, ensino e extensão da instituição, é de família humilde, o pai é de origem paraibana e a mãe cearense, tem origens indígenas por parte da família materna, em São Paulo e no Ceará estudou em escolas públicas, quando entrou na universidade trabalhava em uma escola na zona rural e não conseguia participar de programas da instituição, morou na cidade sede do campus, atualmente faz os trajetos casa-universidade-casa diariamente.</p> <p>Luamanda - aponta que ter acesso a discussões sobre gênero foi muito importante porque a gente lembra de quando nos perguntavam na escola “quem somos? ”, a gente não conseguia falar quem somos, então quando começamos a entender nosso lugar fica mais fácil.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diz que é defensora da educação pública, mas sabemos que ainda tem muita coisa que precisa ser melhorada. - Aponta que do Ensino Básico para a universidade é um pulo grande para quem veio de escola pública. - Entende que o psicológico das estudantes é muito abalado na universidade e que acabamos pensando que o problema é na gente, mas quando encontramos pessoas que nos amparam teoricamente e metodologicamente percebemos que estávamos em um lugar que fomos colocados. - Acredita que o objetivo de muitas estudantes é sempre conseguir dar uma vida melhor para os seus familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diz que o discurso de que só querer basta não é verdade e aprendeu a partir da sua própria vivência. - Aponta que as vezes as pessoas só contam a distância de uma cidade a outra, deixando de lado os imprevistos que acontecem no caminho até os destinos. - Acredita que as universitárias não possuem um horário só para a família, que sempre ficam pensando nas demandas para realizar. - Diz que, como é do conhecimento de todos, as condições dos transportes públicos não são boas. - Acredita que os pais sempre querem o nosso melhor. - Aponta que as mulheres têm medo de saírem à noite sozinhas e que mesmo durante o dia ainda acontecem situações desconfortáveis. - Acredita que a mudança da sociedade começa a partir do diálogo com os/as amigos/as, homens e mulheres. - Diz que precisamos sair dos padrões de gênero que nos colocam desde a infância, que limitam o que uma menina pode ou não fazer. - Aponta que a universidade é um local que não foi construído e nem pensado nas mulheres. - Diz que quando as mulheres saem de casa não existe mais zona de conforto, sempre existe o medo de algo estar errado, enquanto os homens conseguem saírem e voltarem para casa tranquilos. - Aponta que para quem mora em outro Estado é difícil participar dos programas acadêmicos porque os trajetos são cansativos. - Acredita que é preciso discutir na academia sobre lugar, gênero, a mulher universitária, a mulher na ciência, porque precisamos sair dos discursos e urocêntricos.

--	--

Dados da Entrevista Narrativa de Natalina

Elementos indexados	Elementos não indexados
Quem fez, o que, quando, onde, porquê?	Valores, juízos
<p>Natalina - É estudante da área da educação, moradora de uma comunidade rural do Estado da Paraíba, é uma mulher negra, residente universitária e participa de programas de iniciação à docência.</p>	<p>Natalina - Aponta que o custo de vida é alto tanto na cidade sede do campus universitária como em outras cidades.</p> <p>- Diz que a falta de transporte de sua cidade ao campus universitário impossibilita o seu acesso diário dos trajetos casa-universidade-casa, e que a maioria dos universitários tem esses transportes diários.</p> <p>- Acredita que a entrada na universidade muda a vida das pessoas completamente</p>

Dados da Entrevista Narrativa de Cida

Elementos indexados	Elementos não indexados
Quem fez, o que, quando, onde, porquê?	Valores, juízos
<p>Cida - É estudante da área da educação, moradora de uma comunidade rural do Estado da Paraíba, se autodeclara como uma mulher parda, é mãe, faz os trajetos casa-universidade-casa diariamente, trabalhava como diarista antes de acessar a universidade, é assistida por um programa de assistência social da instituição de Ensino superior – IES e não participou/participa de programas de ensino, pesquisa e extensão.</p>	<p>Cida - Aponta que a pedagogia a encorajou a ser mãe, pois acreditava que não seria.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diz que não estamos preparadas para a maternidade, que é diferente da teoria. - Acredita que o limite de faltas para estudantes estabelecido pela universidade não leva em consideração que uma mãe precisa faltar mais de três vezes em uma disciplina. - Entende que a universidade é muito injusta com as mães. - Diz que pensava a universidade como um local acolhedor, compreensivo, empático, mas se decepciona com a forma que alguns/as professores/as tratam os educandos/as. - Aponta que vai tentar ser a melhor profissional possível.

4.3.2 Análise formal das Entrevistas Narrativas

A seguir, no quadro (2) realizamos as análises formais dos textos. Aqui tentamos identificar os diversos tipos de textos, as passagens que são estritamente narrativas, as explícitas e as argumentativas. Para desenvolver essa etapa utilizamos as cores azul para identificar os elementos comunicativos, vermelho para comunicativo argumentativo e roxo para comunicativo explicativo. Moura e Nacarato (2017), afirmam a possibilidade de representações diversas nessa etapa de análise, como a utilização de fontes e cores diferentes. Aqui optamos por usar as cores para facilitar a compreensão no desenvolvimento da escrita e deixar visualmente compreensível para aqueles/as que tiverem dificuldade para identificar fontes diversas.

Quadro 2: Textualização das Entrevistas Narrativas

Textualização da Entrevista de Salinda		
Esquema comunicativo do texto	Esquema comunicativo	Esquema Comunicativo explicativo

	argumentativo	
--	----------------------	--

[...] De início não era o curso tão esperado, porque a minha área mesmo que eu pensava *era de ir pra* engenharia, que eu passei em João pessoa, mas como a trajetória *pra mim ir pra lá*, o trajeto já era mais complicado, porque ou eu teria que morar lá, não teria condições de onde eu morar lá, então eu passei para pedagogia e biologia em Cajazeiras, na UFCG [...]. Aí eu pensei, como é um local que é mais perto, tem familiares da minha mãe, é melhor, aí entre biologia e pedagogia, eu entrei em pedagogia [...]. [...] eu arranjei um emprego *a partir que eu sai* do Ensino Médio, eu arranjei um emprego *numa* loja de sandália e eu *tava* trabalhando, só que ai *pra* conciliar com a faculdade, como era pela parte da manhã, eu tive que sair do emprego. [...] *minha mãe não tinha condições de me ajudar, no início da faculdade*, então eu fui morara na casa de familiares em Cajazeiras, *numa* tia da minha mãe, e *nisso*, é, eu ficava é, andando a pé, eu pegava do centro de Cajazeiras até a universidade [...] e todo dia era *essa correria, tanto* que eu peguei ansiedade, [...] e eu não conseguia conciliar os estudos com essa trajetória. [...] eu consegui ficar lá durante seis (6) meses, de outubro de 2018 até fevereiro de 2019. Porém, começou a pandemia, e a partir daí eu voltei para casa, e aí era aquela *correria*, como era *pra* maioria dos universitários, de conciliar arrumar a casa, lavar louça, fazer as coisas de casa, e estudar, [...]. *A tia da minha mãe que morei, no início da faculdade, ela faleceu*, então não teria como eu ir morar mais lá, aí eu fiquei *indo* de uma casa *pra* outra, de uma casa *pra* outra, e eu não sabia o que fazer, porque ou eu ficava num cantocerto, ou eu ia enlouquecer minha mente, porque eu não estudava, eu não sabia onde ficava [...]. E por ser difícil a minha moradia em Cajazeiras, eu decidi ficar *indo e vindo* todos os dias, e a partir disso eu procurei uma van, e a faixa etáriaera de 300 reais [...]. [...] *minha mãe se aposentou e por conta* desse benefício dela de aposento foi que ela começou a tirar essa quantidade de 350,00 reais *pra mim* ajudar, porque se não fosse por esse aposento dela eu teria que ter parado a faculdade, porque 350,00 numa van, todo mês. [...] eu acordo de 04:h30 (a.m), a minha mãe *ia deixar eu lá* na pista, é, de 05:h20 (a.m), 05:h30 (a.m), ela ia me deixar lá na pista, eu pegava a van de 05:h40 (a.m) e *vinha* da universidade, chegando 07:h00 (a.m) horas, e nesse trajetorio *tinha* enchente, *tinha* dia que eu passava por lama, *tinha* que ir com outra roupa *pra* quando chegar na universidade eu trocar, *tinha* dia que *tava* chovendo eu *tinha* que colocar saco plástico na cabeça [...] chegava aqui na pista da minha cidade, e minha mãe com meu pai *tava* me esperando *pra mim ir pra* o sitio, porque como sabemos é perigoso esse horário, então, é, teria sempre que conciliar, teria sempre que achar um ponto de apoio, que também as vezes, nessas noites, eu tinha um amigo que *tava lá* me esperando [...] *por mais* que eu tenha esse problema de ansiedade, *por mais* que as vezes eu coloque muita coisa na minha cabeça, ele sempre teve comigo [...] eu também *tive* um problema que foi o meu motorista, de início quando eu entrei na van, eu não *tinha* consentimento, né? Uma pessoa nova entrando na van, e, *tinha* é, que, ele chamava normal, “oi”, “tudo bem?”, e era conversa normal [...] ele começou a me tratar bem, mandava mensagem de vez enquanto, perguntava de

alguma coisa, sempre mandava no privado, tendo o grupo da van [...] *diante*, é, desse aniversário que eu fui, ele começou a dar em cima de mim, a partir desse dia ele começou a me tratar de uma forma diferente das outras pessoas da van, porque eu não aceitei, eu não quis ficar com ele [...] eu tinha minha consciência de que eu nunca *dei em cima*, *ele que se jogava pra cima de mim*, porque eu não tinha consentimento [...] eu não tive como trocar de van, porque quando eu entrei do ano passado para cá eu andava muito a noite, e ele é o único motorista que *anda pra UFCG* a noite, os outros motoristas não andam [...] e era complicado porque eu *tinha* que tirar dúvidas com ele, ele é o motorista, *tinha* que pagar [...]. [...] *ele sempre dava em cima de todas as meninas novatas que entravam na van*. [...] eu *tô* preocupada também, *questão que vai aumentar pra* quatrocentos reais, e nisso, eu *tô* procurando um emprego, *pra* a partir do mês que vem eu ter essa despesa, né? Porque vai ser uma despesa maior, minha mãe tem outras contas *pra* pagar, é, outras coisas *pra* resolver, [...] porque como é final de faculdade, eu tenho que terminar [...] porque o motorista, ele não aceita pagar só a metade se eu andar só um dia ou dois dias, eu vou ter que pagar do mesmo jeito dos outros, porque ele fala que é uma cadeira. [...] eu agradeço *por eu ter* um apoio, que é, como eu já falei antes, que é o meu amigo, ele *tá* comigo, ele me dá conselho, ele me ajuda, e, sempre *tá* ali quando eu preciso, por minha ansiedade atacar, as vezes, quando ocorre esses problemas, é, ele *tá ali* me apoiando, me ajudando, e, é, sempre passamos por algum problema, né?, [...] porque você ir e vim todo dia sempre vai ocorrer alguma coisa, ou van furar pneu, ou parar no meio do nada, ou ter um assedio, alguma coisa, ou dificuldade de você *ir e vim*, porque como eu moro no sitio, tem esse problema, né? Ou enchente, período de chuva, [...] por mais que esses problemas, eu *tô* aqui buscando *tá* firme e forte sempre, e buscando *por* terminar a minha faculdade [...].

Textualização da Entrevista de Luamanda

Esquema comunicativo do texto	Esquema comunicativo argumentativo	Esquema comunicativo explicativo
<p>[...] eu tenho muita coisa <i>pra</i> dizer, as vezes até é difícil <i>a gente</i> conseguir organizar na cabeça, [...]. [...] sou uma pesquisadora recente nessa questão de gênero, e hoje eu consigo me ver, me construir, como eu posso dizer, nessa questão identitária de uma maneira mais forte, eu consigo me entender nesse lugar que antes eu não conseguia. Então, eu ter acesso a essas discussões, foi muito importante <i>pra mim</i> conseguir falar de <i>mim</i> agora, né? Porque <i>a gente</i> lembra da escola quando pergunta quem sou eu? <i>A gente</i> não consegue falar quem <i>a gente é a gente</i>, então quando <i>a gente</i> começa a entender o nosso lugar fica bem mais fácil, por mais que seja um pouco doloroso <i>pra mim</i> entender o meu lugar [...]. [...] sou uma mulher nordestina do interior cearense, [...] tenho origens indígenas também,</p>		

da família da minha mãe, materna, só que justamente *por conta* desse apagamento da história eu não sei falar sobre a minha origem da parte da minha mãe, né? [...] minha mãe e meu pai que não tiveram esse acesso, né? Na educação, eles foram obrigados a se inserir no trabalho justamente *pra* não passar fome, né? Porque eles passaram fome, então eles sempre incentivaram nós quatro, eu tenho três irmãos e uma irmã, a estudar, porque era a única coisa que eles tinham para oferecer *a gente* [...] *sou defensora da educação pública*, só que a gente sabe que ainda tem muita coisa *pra* melhorar [...] *o ENEM não foi uma prova fácil pra mim*, porque teve disciplina que eu não consegui ter acesso, e se eu *tive* acesso na escola pública foi uma coisa reduzida, falta de professores, né? Então, isso tudo veio me construindo *pra* ser quem eu sou agora [...] *minha jornada para terminar o ensino básico e ir pra universidade é assim, um pulo muito grande, né? Pra gente* que veio da escola pública, tanto quando *agente* entra e chega lá *a gente* fica, meu Deus, como é que eu faço um trabalho acadêmico, como é e eu faço tal... até uma capa para mim era uma novidade porque as capas *a gente* não fazia, não foi educado *pra* ter essas normas embora que eu também né? Tenho uma crítica dessas normas que muitas vezes né? Nos afastam um pouco *da gente* também né? [...] *a minha entrada na universidade foi um baque muito grande*, porque eu entrei lá, não me via lá, por muito tempo eu achei que não era um lugar *pra mim*, porque, como é que eu vou fazer isso se eu não sei fazer? [...] *foi um processo a passos lentos, só que como meus pais sempre me motivaram a estar nesse ambiente, eu quis continuar, né? Por mais que eu não tinha esse apoio econômico, até porque a gente não tinha condição, né? Mas essa questão do apoio afetivo, o apoio emocional foi o que fez que eu quisesse continuar ali, e dizer pra todo o sistema que queria que eu não ficasse ali que eu vou ficar sim, nem que isso me fizesse passar por situações, né? Um pouco difíceis, né? Porque abala muito o nosso psicológico, porque a gente acaba pensando que o problema tá na gente, eu que sou burra, eu que não sei de nada, né? [...] eu sou atravessada por muitas questões que até hoje eu tento, né? Com unhas e dentes fazer com que isso não impeça que eu tenha êxito, né? E que não impeça que eu consiga dar até uma vida melhor *pros* meus pais, né? [...] Porque eu acho que nosso objetivo sempre é esse no final, *da gente* conseguir dar uma vida melhor *pra* os nossos né? Os nossos pais, nossos irmãos [...] eu acredito que minha permanência na universidade tem sido mais por eu ter conseguido uma bolsa, mesmo que não seja muito me ajudou bastante, que é um auxílio estudantil, que é parecido um pouco com o auxílio permanência, só que o valor é menor [...] só que ele garantiu minha permanência porque, como eu sabia que meus pais não tinham então eu não pedia, né? Um dinheiro *pra* uma xerox, *pra* eu conseguir jantar lá [...] *assim que eu entrei na universidade eu trabalhava, eu trabalhava numa escola, no programa de uma escola [...] eu não ganhava um salário, mas ganhava um dinheirinho que juntando com o auxílio ajudava, né? Só que por eu trabalhar, eu não conseguia participar das coisas (risos) da universidade, então eu tinha que trabalhar, porque logo que eu iniciei meu pai tava desempregado, a gente tava bem apertado financeiramente, então, o dinheiro que eu conseguia lá no trabalho eu conseguia pagar um aluguel, ai eles**

ficavam só com a água, a luz, a gente ia virando, era uma época que a gente tava se virando, um dia de cada vez, então eu não podia sair do trabalho pra conseguir tentar uma monitoria, uma residência, né? Eu não ia me dar esse luxo sabendo que meu pai tava desempregado, minha mãe tava desempregada, a gente tudo dentro de casa ainda [...] então, meus cinco primeiros períodos, ou foi até o sexto, não lembro bem, eu não conseguia participar de nada porque eu precisava desse dinheiro mesmo sendo pouco, pra ajudar dentro de casa, não tinha essa ajuda financeira, então eu me virava como dava, tirava foto dos textos dos meus amigos, não comia, eu inventava alguma coisa, levava uma bolacha creme crack na bolsa (risos) pra não ficar com fome lá [...] porque, a gente ainda vai chegar lá, mas, a questão de eu morar em outro Estado, em outro lugar, tipo, pra mim sair da minha cidade, eu saía 17:h00 (a.m) pra voltar meia noite, então nesse período de tempo claro que eu ia sentir fome né? [...] eu sou do Estado do Ceará, do interior do Ceará, geralmente eu levo uma hora, saio da minha cidade pra universidade, mais ou menos assim, como eu estudo a noite, eu saio, tenho que sair geralmente 17:h00 (a.m) da tarde pra chegar lá 19:h00 (p.m), 18:h30 (p.m), porque as vezes o pessoal só conta a distância de uma cidade pra outra, mas como a gente anda de transporte público, passa nas universidades tudinho, tem o sinal, tem as paradas, então a gente... é sempre a mais do que é previsto né? [...] ai eu ficava nesse meio tempo sem me alimentar nem nada, eu voltava pra casa chegava mais ou menos 00:h00 da noite em casa, era sempre assim, e teve um período que eu trabalhava no sítio, então eu chegava meia noite em casa, pra 04:h30 (a.m); 05:h00 (a.m) eu ir pra br, porque eu não tinha transporte pra ir pro trabalho e não compensava eu pagar o moto taxi porque o dinheiro todo que eu ia receber ia ser pra moto taxi, então eu ficava na pista esperando carona pra me levar perto de onde era a escola, que era uma pista, ai a pessoa sempre me deixava perto e eu ia na parte de terra pro sítio, ai eu passava num açude, eu andava bastante ainda pra chegar na escola, então isso pra mim era muito cansativo, porque tinha essa questão da locomoção da universidade, chegava super tarde, tinha que acordar cedo pra ir pro trabalho que era na zona rural, eu voltava pra casa no ônibus da tarde dos alunos, então eu terminava o trabalho 11:h00 (a.m) que é o horário da escola, ai de 11:h00 (a.m) eu tinha que esperar o ônibus de 13:h00 (a.m) né? [...] eu perdia um horário que eu poderia tá fazendo outra coisa, porque nosso horário é precioso, então 1 hora de perda de horário a gente tá perdendo o tempo de fazer um trabalho acadêmico, tá perdendo de fazer uma tarefa doméstica que a gente tem que fazer, então toda perda de tempo pra mim eu fico aflita porque eu sempre fico na minha cabeça, eu poderia tá fazendo isso agora e não posso [...] a gente não tem aquele horário pra família, pra dizer olha eu vou sentar aqui e simplesmente assistir um negócio e assistir tranquila, a gente não tem isso, se um dia a gente... a gente sempre fica com isso na cabeça, eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer isso, então a gente se ver nesse emaranhado de demandas né? [...] tinha poucas horas pra estudar, porque eu chegava 13:h30 (a.m), 14:h00 (a.m), tinha que preparar coisa do próximo dia, fazer os trabalhos da universidade, pra 16:h00 (a.m) já começar me arrumar pra ir pra universidade de novo [...] eu tava deixando até de me cuidar,

porque eu não tinha tempo de lavar o cabelo, por exemplo, *tinha* tempo que não *tinha* tempo de lavar o cabelo, de me cuidar, não *tinha*, era só isso, essa rotina, depois disso eu fui transferida *pra um* escola aqui do meu bairro, melhorou bastante, porque eu *tive* mais tempo *pra* fazer outras coisas, não que seria mais tempo, aumentou 1 hora de estudos, 2 horas né? [...] *meu transporte que eu usava na época era um transporte cedido pela prefeitura, só que a gente sabe que as condições dos transportes nunca são né? Maravilhosas, então eu perdi as contas de quantas vezes a gente ficou parado de madrugada nessas brs, assim, super escuras, a gente cansado, tendo que trabalhar no outro dia, já teve dia de eu chegar 03:h00 (a.m) da manhã em casa, porque o ônibus quebrava, tentava arrumar, a gente com medo, eu morria de medo, até hoje tenho medo de pegar esses ônibus e ir [...]* Porque excesso de pessoas, o ônibus *super* pesado, as buraqueiras, de madrugada, assim, no meio de uma pista, então *a gente...* eu sempre passei por essas questões de transporte, sempre isso aconteceu nas minhas *idas e vindas pra cá, era o transporte público, mas teve uma época, por questões políticas, a gente perdeu esse transporte, foi cortado da gente, agora vocês tem que pagar, né? Se virem, então teve essa época, como era que eu, não tenho condição nem de comprar comida, fazer uma xerox vou pagar transporte? [...]* aqui em casa foi aquela preocupação dos meus pais, ela tem que continuar, ela tem que... vamos dar um jeito, aquelas coisas que os pais sempre querem o melhor *pra gente*, então, eu acho que a mensalidade era 240,00; 300,00 por mês, né? *Pra gente pagar, só que nessa mesma época que tava o transporte pago aconteceu uma coisa muito particular que eu queria compartilhar aqui, porque envolve muito a questão do gênero, e eu passei por um processo de um relacionamento muito abusivo né? E esse relacionamento chegou no campo da UFCG, assim... falar nisso é difícil pra mim, pera... foi difícil pra mim, entende? [...]* a pessoa chegou lá, tipo, invadiu o meu lugar, invadiu o meu ambiente de estudo, me fez passar por uma situação muito constrangedora, que até hoje quando eu penso *nela* eu não acredito que eu passei, [...] *então a minha família pensando em mim*, porque chegou no limite de eu ter medo de sair de casa, né? De eu não querer esperar o ônibus sozinha lá em cima, de eu querer que o meu pai me esperasse 00:h00 da noite *pra* me buscar *pra mim* não descer sozinha, então foi daí que eu decidi morar um pouco em Cajazeiras, *pra mim* desfazer de todo esse medo, toda essa tensão que eu *tava* sentindo, querer me distanciar, né? [...] *A partir daí eu foquei, eu disse agora sim eu vou viver a universidade, nem que isso... eu possa até... mesmo que eu não tenha condição, mas quero vivenciar a universidade, eu sou uma boa aluna, eu vou conseguir bolsa, né? E assim eu vou conseguir me manter em Cajazeiras, meus pais até ficaram bem mais tranquilos, porque como eu tava distante, né? Eu... essa questão do medo que eu tinha e eles também tinham né? Eles só não demonstravam porque eles queriam fazer que eu me sentisse mais segura, é... então pra todo mundo foi melhor, mesmo que lá, o engraçado que eu pensei que eu ia me sentir mais segura e eu não me senti segura também, porque pelo menos aqui onde eu moro o ônibus me deixa na universidade, me deixa na porta da universidade, eu estudando a noite, como eu ia sair do centro pra UFCG? Aí você pode dizer tem moto taxi, sim, tem o moto taxi,*

mais eu confio? Principalmente *pra* sair de 22:h20 (p.m) da UFCG *pra* descer sozinha com moto taxi? Eu não confio [...] *não fiquei nem dois meses em Cajazeiras e voltei*, porque aqui pelo menos eu *tô* perto da minha família né? E também por questão financeira também, porque eu não consegui me manter lá, não consegui, porque meus pais não *tinham* como me ajudar financeiramente, as bolsas não eram muita coisa, *não tinha* como eu me manter com aluguel, água, luz e feira, e *tinha* essa questão do medo também, eu comecei a enfrentar, como é que eu vou fazer, eu não confiava, e onde eu morava, *pra ir pro* meu apartamento *a gente* passava por um caminho muito escuro, e *a gente* sai de dia e as pessoas ainda ficam... as pessoas não, os homens, ficam soltando piada, deixando *a gente* desconfortável *pra todo mundo* ver, imagina eu sozinha numa calçada escura [...] *então voltei com medo pra minha cidade*, mais eu *tava* junto dos meus, isso me tranquilizava bastante, então esse meu trajeto universidade casa tem essa conturbação, porque mesmo tendo passado anos desse meu relacionamento, mas mesmo assim eu não confio, e *nem* meus pais ainda confiam [...] meu pai hoje ele trabalha, só que... e ele sai de madrugada *pra* trabalhar, acorda 03:h00 da manhã, mas 00:h00 da noite ele *tá lá* me esperando, né? Isso é ruim *pra mim*, porque na minha cabeça ele *podia tá* descansando, *podia...* né? *Pra* trabalhar no outro dia, mas não, ele fica lá me esperando, né? [...] eu também tenho esse medo porque eu não confio, um dia desses eu *tava num* evento aqui da minha cidade e o ser humano simplesmente assim do nada, assim aparece, então eu ainda tenho esse receio, eu era filmada, assim, eu não tinha *nem* minha privacidade na época, eu era filmada, mandava *pro* WhatsApp, falava com outras pessoas *pra* falarem comigo [...] *num* é simplesmente só ir estudar e pronto, né? Então *pra gente poder ir pra* universidade *a gente* passa por tanta coisa no dia, *a gente* vai, *que nem uma louca pra* no final do dia conseguir *tá lá*, de noite, e sem contar das questões que são inerente *a gente*, inerentes eu digo culturalmente, porque, por nós sermos mulheres as tarefas domesticas são *pra gente*, então meu tempo é reduzido, de dedicação, aqui em casa tem idosa, então exige tempo, só eu e minha a mãe cuida dela, então *a gente* tem que dedicar um tempo *pra* cuidar dela, *pra* dar banho, se precisar de alguma coisa *a gente* dá, chama *a gente pra* dá remédio, então tem isso no meu dia a dia, eu não consigo sentar aqui no notebook durante o dia e fazer uma coisa sem ninguém me... não é atrapalhar, atrapalhar também, mas (silêncio) sem ninguém me interromper, né? Sempre eu sou interrompida, então eu me vi como refúgio estudar nas madrugadas, né? [...] por mais que eu queria também estar dormindo, mas eu não posso, porque eu preciso fazer minhas coisas, então estudar na madrugada *pra* conseguir dá de conta, né? Mesmo que isso não me faça bem, né? Porque *a gente* precisa dormir, *a gente* precisa de descanso, então, por conta disso tudo, eu acredito, porque eu nunca passei por um profissional, mas acredito que eu desenvolvi ansiedade, né? Tem dias que eu *tô* muito, muito ruim, assim eu não consigo fazer nada porque, eu não sei explicar, só um profissional pode me dizer, mas acredito que seja ansiedade, eu fico muito... depressiva, pensando comigo mesma que não vou *dar* de conta, ai eu fico naquela solidão comigo mesma, sem conseguir pegar nada, pensar nada, e minha cabeça um

turbilhão de coisa [...] *é difícil a gente falar da gente* [...] esse trabalho é bom *por conta* disso, você tá fazendo eu pensar muita coisa... (choro) que eu passeinê? (choro) [...] É porque também é bom, assim, ver tudo que eu consegui passar, tentei, né? *Tô* tentando, (silêncio) agora *pra mim* é bom porque eu enfrentava tudo isso sozinha sem entender a origem disso tudo, eu sempre me via incomodada, porque, por exemplo, tantas pessoas na casa, porque só eu tenho que fazer essa tarefa, sendo que eu tenho mil e outras coisas pra fazer, né? E isso sempre me incomodava, é... e quando eu encontrei outras mulheres, né? Comecei a participar de grupos que debatiam sobre essas questões que eu passava *a gente* começa a entender, nossa como eu me culpava tanto, né? *A gente* ver que a culpa não é nossa, mas eu fico, nossa como eu me culpei tanto por muito tempo, né? E *a gente* ver que é uma sociedade planejada, estruturada *pra gente* se... como é que eu digo, *pra gente* se auto machucar tanto né? [...] Eu sei que não vai ser de uma hora pra outra, claro que não, só que quando *a gente* começa a tirar outras mulheres desse lugar que eu estava, né? *A gente* começa a fazer mudança daí, fazer a mudança a partir do contato com nossos amigos, amigos homens, amigas mulheres também, porque tem mulheres que não entende, como um dia eu também não entendi [...] esse exercício de grupo, de encontro com outras mulheres, é importante por isso [...] *A gente* precisa sair desse lugar que nos colocam desde muito pequenas, da menina ter que aprender desde pequena a segurar uma boneca, aprender desde pequena a brincar de comidinha, como se ela fosse reduzida só a isso, né? *A gente* não é só isso, *a gente* não é só cuidar de alguém, *a gente* também é alguém, *a gente* tem que cultivar, se cuidar também, [...] esse momento desse encontro com esse grupo foi essencial *pra mim*, né? De não me ver sozinha, de entender o meu lugar, de colocar *pra* fora essas questões que até então eram só minhas, né? [...] e foi o que me ajudou a querer continuar a universidade agora como eu sou, uma mulher de classe baixa, periférica, da universidade ter que me aceitar lá, porque até então eu queria ser aceita na universidade, eu queria me virar *pra* conseguir *dar de conta* daquilo [...] hoje eu penso que a universidade tem que me aceitar como eu sou, como eu escrevo, o que eu estudo, se eu escrevo na primeira pessoa é assim que eu vou escrever, é assim que eu quero escrever junto com as minhas Hermanas [...] *a gente* tem que tá cada vez mais juntas e resistindo a isso, mesmo que esse resistir é normal *a gente* chorar, como eu fiz agora, né? [...] Porque quando *a gente* pensa na nossa trajetória, quando eu penso quando meu pai ia, meu pai ainda vai me buscar ali na br morrendo de sono (choro) morrendo de sono ele vai lá me busca por causa do medo, a preocupação, meche com *a gente* [...] as vezes não tem, quando tem cinto *bote* o sinto, as vezes, como eles me pedem tanto *pra* usar o cinto eu fico... eu entro no ônibus e fico procurando se tem cinto já *pra* colocar, eu coloquei o cinto, *tô* de cinto, então quando *a gente* pensa nos trajetos universidade casa *a gente* num só fala no momento que eu entro no ônibus e chego na universidade, não é isso, é o que faço no dia a dia *pra* no final eu consiga tá ali no ponto de ônibus esperando né? E voltar em paz em casa, então *a gente* tem que pensar nisso tudo [...] porque não é fácil *a gente* falar, com certeza quando terminar aqui eu vou dizer *eita* eu esqueci de falar *daquilo*, mais é porque

eu *tô* aqui, a minha mente *tá* um turbilhão de coisa, porque pensar esses anos que eu *tô nisso*, na universidade, o quanto eu evolui enquanto pessoa é incrível pensar, é muito incrível mesmo [...] minhas redes de apoio tem *sido* meus pais e meus irmãos, né? Assim, desde o início tem *sido* eles, ao longo eu fui encontrando pessoas, só que quem me motivou, quem fez com que eu estivesse na universidade são eles, e eu acredito que quando *a gente* fala em rede de apoio *a gente* não deve falar só da questão financeira né? Porque o financeiro as vezes acaba sendo o mínimo, a gente que *tá ali* na universidade, *num* lugar que foi construído *pra gente não tá*, o processo assim... a questão mental abala muito *a gente*, *a gente* se sente mais cansado, *a gente tenta, sei lá*, ser a nossa própria psicóloga, porque *a gente* também não tem dinheiro *pra* fazer terapia né? Então *a gente* tem que tentar ser a nossa própria psicóloga [...] se eu *tô* na universidade é *por conta* deles, se não fosse eles eu não estaria, provavelmente eu teria desistido no meio do caminho, porque eu estar lá não significa só eu, né? *A gente* tem muita essa questão, *a gente* que *tá* nesse lugar não *tá ali* só por nós, nunca, acho que a última pessoa que *a gente* pensa é *na gente*, *a gente* não pensa *na gente*, *a gente* sempre pensa neles em primeiro lugar, então se eu desistir eu também *tô* desistindo deles, né? E se eu *tô ali* é porque eu quero dar uma vida melhor, *pra* meu pai não precisar trabalhar, meu pai *tá* na luta, no trabalho, e eu queria muito que ele descansasse, que ele não sabe o que é descanso, a vida dele foi isso, trabalhar, a vida da minha mãe foi trabalhar, minha mãe foi mãe com 18 anos de idade, e teve quatro filhos, então engravida, os dois tem que ir *pra* São Paulo, sair do interior, ir *pra* São Paulo procurar... ter o mínimo de condições *pra ter* uma vida boa, *pra* não passar fome [...] enquanto mulher, a zona de conforto é a casa *da gente*, *a gente* sai de casa já não *tá* mais em zona de conforto [...] minhas amigas falam que eu exagerei muito, porque eu saio de casa e já fico assim, tipo, olhando *pra* todos os cantos *pra* ver se não dá perigo *pra mim* sair [...] *a gente* tem que sair de casa e pensar as mil possibilidades de evitar alguma coisa, embora que isso não seja bom, né? *A gente* tem que... se *a gente* continua com esse medo alguma coisa aí *tá* errada, porque o homem pode sair tranquilo né? E vir e voltar *pra* casa tranquilo e *a gente* não consegue, claro que eu não me *vejo* como culpada nessa situação, só que eu ainda *vejo* que eu tenho que ter esse cuidado né? [...] eu descia do ônibus entrava UFPA, do mesmo jeito que entrava saía, eu sempre fui muito de evitar, o povo diz, *eita*, você não vivenciou a universidade, você não conhece *tal* lugar, *gente*, eu prefiro assim, né? (risos), porque assim eu evito muita coisa, e eu não acho legal *tá* nesse lugar de *tá* evitando, né? [...] por questões políticas também, agora o transporte é público, *a gente vai e vem* em todos os horários, *a gente* tem, é bem tranquilo, mas, *o ruim* é ficar nessa dependência, né? *A gente* depender sempre do posicionamento de alguém [...] eu saí do emprego *pra* conseguir *tá* nos programas acadêmicos e tal, eu fiz isso, só que *gente*, *pra* quem mora fora e usa transporte público *pra tá* em reunião e contra turno é muito complicado [...] porque se... eu estudo a noite, claro, aí se marca uma reunião 16:h00 da tarde, eu tenho que sair aqui da minha cidade, por exemplo 12:h00 (a.m) *pra* chegar 13:h00 (a.m) *pra* uma reunião que começa 16:h00 (a.m) e termina 18:h00 (p.m) então daí eu já perco a volta *pra* casa

no ônibus da tarde, ai eu tenho que ficar de 22:h00 (p.m) a 00:h00 (p.m) que é a hora que eu volto *pra* casa [...] jogada no sentido de, tipo, eu vou e com a mesma roupa que eu vou de tarde é a roupa que eu volto a noite, então sem tomar um banho, o cansaço, tem também a questão dos *gastos*, agora como eu tenho bolsa, eu consigo pagar um almoço, comprar um cuscuz, um suco de 2,00 reais e comer e só jantar quando chegar em casa, então *a gente* que mora em outro Estado, mora em outra cidade, *pra* participar dos programas tem esse cansaço a mais de quem reside na mesma cidade [...] já teve dia de eu ir de manhã, ficar de manhã, eu faço o que tenho que fazer vou *pra* biblioteca, *fico lá pra* aproveitar o ar condicionado, porque o sol é estralando, aproveito o ar condicionado, ai saio, vou *pra* reunião, volto *pra* biblioteca de novo, ai vou assistir aula a noite *pra poder* voltar *pra* casa no mesmo dia [...] porque eu não queria simplesmente, mulher vai dar certo, *num* era isso que eu queria, eu queria justamente ter essa discussão política, *tá ali* nos meus escritos [...] eu sou muito grata porque foi daí que eu realmente *tive* aquele *estralo*, de nossa, agora realmente eu me encontrei aqui, né? Eu me senti pertencente na universidade a partir do encontro com elas, e demorou né? Porque tem o que, três anos, eu *tô lá* desde 2017 e só em 2020 que foi o meu encontro com elas, então só foi em 2020 que eu realmente me senti pertencente a universidade [...] *esse trabalho é muito importante* porque eu acho que cada vez mais *a gente* tem que discutir sobre o lugar, sobre gênero, sobre a mulher universitária, sobre a mulher na ciência, porque *a gente* precisa, é urgente, *a gente* precisa pautar, *a gente* precisa sair desse tema totalmente europeu [...] *então é a partir* desses estudos que eu *vejo* saída, né? Uma saída, que eu *vejo* mudança *pra gente* realmente conseguir fazere ter mudança na sociedade e na academia, no espaço acadêmico, *a gente* precisa tá aqui, né?

Textualização da Entrevista de Natalina

Esquema comunicativo do texto	Esquema comunicativo argumentativo	Esquema comunicativo explicativo
<p>[...] eu sempre <i>quis</i>, assim, desde sempre entrar na universidade [...] a partir do meu ensino fundamental foi que... do ensino médio foi que aumentou ainda mais esse desejo de entrar na universidade e tudo, é... porém <i>tinha</i> muitas dificuldades também [...] porque eu precisava realizar o ENEM, o ENEM <i>pra</i> conseguir uma vaga na universidade federal e tudo, e <i>tinha</i> um, uns problemas <i>pra</i> fazer a prova que é o transporte, porque a cidade fornece o ônibus, mas tem que se deslocar do sitio <i>pra</i> cidade e <i>tudo mais</i>, isso ai também já era um desafio [...] <i>desde sempre eu tive</i> apoio de minha família [...] quando eu <i>tava</i> no terceiro ano do ensino médio, é... eu <i>fiz</i> o ENEM só que não consegui entrar na universidade, só consegui entrar em 2020, é... quando eu <i>fiz</i> o ENEM em 2019, não... quase que eu não fazia o ENEM porque eu <i>tinha</i> perdido a minha mãe, e isso foi um dos fatores que [...] eu</p>		

quase não fazia a prova [...] eu *tive* o apoio dos meus irmãos e de uns amigos que me aconselharam a fazer e tudo, e a partir disso, com o apoio familiar que eu *tive*, eu consegui fazer a prova, tirei uma nota que deu para entrar em um curso que eu não queria, mas, eu continuei mesmo assim (risos), porque o cursos que eu queria não deu certo, ai eu cursei três períodos no remoto, porque foi no período da pandemia quando eu entrei em 2020 na UFCG, e estando no terceiro período desse cursos, que era letras inglês, eu transferi para história, que ainda não era o curso que eu queria, mas porque... eu queria cursar geografia ou pedagogia, mas não deu certo entrar [...] desde sempre eu tive o apoio da família [...] em relação aqui a situação socioeconômica, é... a renda familiar que *a gente tinha* é proveniente de minha mãe, então quando ela faleceu *a gente* ficou sem renda nenhuma, até eu acho quase um (1) ano, não, até sete (7) meses, porque eu consegui ficar com a pensão por causa da morte dela até eu completar 21 anos, então eu aproximadamente com o benefício acho que durante um (1) ano e alguns meses, até completar 21 anos, e... depois disso meu irmão conseguiu um emprego, minha irmã, ai foi melhorando a renda *lá* de casa, e também teve o auxílio da universidade que devido a pandemia, é... como eu sou da residência, eu consegui o auxílio, e *deu* certo até agora [...] meus irmãos todos eles, quatro irmãs e cinco irmãos, família grande, e meus tios também, que são os irmãos de minha mãe, que apoiaram, toda a família apoiou e ajudou assim, *pra ir* também né? Porque teve esse problema, como *a gente tava* sem renda *tinha* o meu irmão que já estudava na UFCG, e quando foi *pra gente ir*, depois da pandemia, assim, quando acalmou mais a pandemia, é... eles ajudaram muito, *tanto* em relação a alimentação como em relação a dinheiro mesmo né? *Pra gente ir*, *pra* pagar passagem, *pra* permanecer *lá*, com os gastos que *a gente ia ter*, então... eles foram muito importantes, ainda são, porque nos ajudam ainda, a permanecer *lá* ainda de certa forma, porque mesmo que *a gente* seja residente, é... ainda tem muitos *gastos* também, porque tem relação a muitas coisas, xerox [...] *a rede de apoio mesmo foi os tios e os irmãos* [...] eu sempre *quis* é... estar na universidadee entrar, eu *tinha* muita dificuldade assim, em escolher um curso, sabe? Eu não sabia ao certo o que fazer, até no ensino médio eu não sabia, eu só *tinha* o pensamento de fazer o ENEM e o curso que desse para entrar eu ia, sabe? Sóque eu sempre *quis* uma coisa na área da educação [...] um dos cursos que eu mais queria fazer era, como eu falei também, era pedagogia ou geografia, só que quando eu *fiz* o ENEM não *deu* certo, devido a nota de corte, ai eu entrei *pra* inglês que é o curso que eu nunca imaginei fazer, cursei três períodos *sofridos*, mas deu certo, ai eu transferi para história [...] *me identifiquei com o curso, não penso em trancar novamente* [...] a escolha de (silêncio) de ser universitária, assim, porque eu *vejo* que dos 10 filhos que minha mãe teve somente meu irmão e eu seguimos assim, essa vida universitária os outros não quiseram, e eu *vejo* isso assim como... eu sempre quis estar em um curso superior *pra* melhorar de vida é claro [...] mas também assim, porque eu gosto, a escolha de ser universitária é isso, assim, é também por causa dos meus sobrinhos, assim, e também por minha família, *tem* uma irmã que ela fica com *a gente* dentro de casa, e eu acho, eu *vejo* isso como uma oportunidade de

ajudar a ela, de certa forma, e também por causa de minha mãe, pronto, um dos principais motivos, que ela sempre *quis* que *a gente* estudasse, que fizesse algum curso superior, então uma das coisas que me motiva a estar na universidade hoje é ela [...] *a minha permanência na universidade também se dá por conta que eu sou residente universitária, e eu acho que se eu não tivesse conseguido esse programa estudantil, eu não estaria, eu acho que cursando também, porque o custo de vida em Cajazeiras, assim, em qualquer cidade também é um pouco caro né? [...] eu não ia conseguir me manter lá* porque também tem o meu irmão que estuda, e quando eu entrei na universidade eu *tinha* acabado de perder minha mãe, *a gente tava* sem renda, então eu não *tinha* como conseguir permanecer em Cajazeiras, então, é... eu consegui a residência sim, foi muito importante porque *a gente... é... não tinha* uma morada, não ia precisar se preocupar em pagar aluguel, essas coisas tudo [...] porque... também em relação a transporte que na minha cidade é muito precária, não tem transporte, a minha permanência também na universidade é devido a residência [...] *eu moro na cidade, no sitio, na zona rural, eu moro com quatro irmãos [...] quando eu tenho que ir pra Cajazeiras eu pego uma van em outra cidade* porque na minha cidade não tem transporte, então eu me desloco do sitio até essa cidade de moto, *pra* pegar transporte, a van [...] *eu acho que é umas duas horas mais ou menos, de duas a três horas pra chegar em Cajazeiras, então a dificuldade assim, por mais que eu fique muito tempo em Cajazeiras, mas sempre que eu preciso vir pra casa, assim, é um sufoco, porque a van só vem três vezes na semana, então os dias que a van faz linha pra Cajazeiras são os dias que eu tenho atividades, assim, da universidade, então nunca dá certo eu ir pra casa devido... por conta do transporte, porque a minha cidade não fornece nem o transporte público, nem ônibus nem nada [...] eu fico, eu acho que o período todinho na residência e venho pra casa quando tem um feriado ou quando tem algo muito urgente pra resolver na minha cidade ai eu tenho que vir, sabe? Devido essa falta de transporte não tem como eu tá, ter esse trajeto de casa pra universidade como a maioria dos alunos da UFCG tem [...] quando eu venho pra casa, quando eu tenho aula de manhã o transporte sempre chega de 09:h00 (a.m) horas, então sempre as primeiras aulas eu nunca assisto [...] porque o transporte sempre chega nesse horário [...]. [...] em 2020 quando eu entrei não houve tantas mudanças porque logo quando eu cheguei em Cajazeiras teve a pandemia e eu só passei umas duas semanas lá e tive que voltar pra casa, minha rotina continuou basicamente a mesma, ai teve as aulas remotas que também mudou um pouco, mas nem tanto [...] desde que começou assim, as aulas, principalmente as presenciais, aumentou muito a ansiedade, e principalmente por estar longe de casa porque eu nunca tinha passado tanto tempo longe de casa, então quando... em 2020... ano passado quando começou as aulas presenciais, que eu fiquei na residência, longe de casa, longe de tudo, assim, foi muito triste, então eu passei eu acho que dois (2) períodos ano passado com muita ansiedade, porque eu tive que passar um período todinho sem vir pra casa, então assim, foi muito difícil, porque ali a rotina mudou completamente, viver com pessoas diferentes ali na residência, conviver com as meninas do quarto que você não conhecia, então assim, o início foi muito ruim, e*

também ao curso que também no início não era o que eu queria tanto, então, os primeiros períodos assim foi muito difícil, assim, pensei em desistir do curso e tudo, mas também *tinha* meu irmão que morava na residência perto da que eu moro, então foi o que facilitou mais *pra mim*, assim, porque eu conversava muito com ele, então foi o que... um dos fatores também que permitiu que eu ficasse [...] o primeiro período assim, foi só *ansiedade mesmo*, porque quando a gente entra na universidade assim, mesmo, a vida *da gente* muda completamente [...] em relação a assédios e violências eu nunca *sofri*, *nem* quando eu pego o transporte *pra ir pra* Cajazeiras ou *pra voltar pra casa e nem* na universidade, assim, eu tenho pessoas próximas *a mim* que sofreram, mas eu nunca *sofri*, até porque assim, eu sempre ando com meu irmão, então não sei se isso influencia, alguma coisa. [...] eu acho que as dificuldades não impedem assim, porque eu tenho um propósito de estar na universidade, sabe? Então, as dificuldades que... eu acho que fazem parte do caminho, de todo o trajeto, mas eu acho que *a gente* tem que passar por cima delas [...] eu vejo mais como possibilidades, porque se eu quero um futuro melhor *pra mim e pra* minha família eu *vejo* que estou no caminho certo, no curso [...] porque (silêncio) assim, e também a universidade, eu *vejo* ela com um local que tem muita liberdade, porque como *a gente* vive, principalmente eu por viver em cidade pequena e tudo mais, então você só tem aquela convivência com pessoas mais próximas, com a sua família, sabe? Então estar na universidade, assim, abre caminhos também *pra* você conhecer novas pessoas, culturas. *A internet aqui do sitio é um pouco ruim*, sabe? Então eu *tive* que ir *pra* cidade, praticamente morar na casa da minha irmã, então toda segunda feira de manhazinha eu vinha *pra* casa dela, passava a semana *pra ter* as aulas online, então essa foi umas das mudanças de rotina, porque eu sempre ficava no sitio, então com as aulas remotas eu praticamente morei aqui [...]. [...] quando *tá* nos períodos de chuvas porque o caminho é muito ruim, tem uns *trechos* que é estrada de terra, então é horrível *pra ter que vir pra* casa quando venho de moto, meu irmão *vai* me pegar, então não tem *nem* como levar muita coisa *se for pra* levar mala, essas coisas assim não dá certo, porque o caminho... como a estrada fica ruim, que já aconteceu isso, assim de quase *cair* de moto, essas coisas, devido o deslizamento. [...] nos outros períodos não aconteceu isso, mas nesse que acabou agora já aconteceu e sempre era na aula de uma professora, então, assim, eu conversei com ela e ela compreendeu bem a situação, em relação assim a frequência [...] porque sempre passa a frequência e tudo, então ai eu sempre mandava mensagem *pra* ela com antecedência dizendo que não ia conseguir assistir a aula ou ia chegar atrasado, então ela sempre compreendeu [...] porque eu sempre chegava atrasada nas aulas da quinta feira, que era os dias que a van fazia linha [...].

Textualização da Entrevista de Cida

Esquema comunicativo do texto	Esquema comunicativo argumentativo	Esquema comunicativo explicativo
-------------------------------	------------------------------------	----------------------------------

Eu sou moradora na zona rural, e o que me fez chegar até a universidade foi querer evoluir, apesar de ser a primeira da minha família a ter acesso ao ensino universitário, eu queria ir além, eu não queria só terminar o ensino médio, eu queria ter uma profissão, e a profissão que eu escolhi foi a pedagogia, porque é a que eu me identificava, na verdade eu *tive* várias dúvidas em qual eu queria, mas eu acho que professora era ela, eu não queria outra área [...] por intermédio de uma amiga minha, *a gente* conversava muito, ela estudava já pedagogia [...] *a gente* era amiga desde o ensino médio, ela entrou bem antes de mim, e ela me falava muito bem da pedagogia, falava dos assuntos que estudavam, como *a gente* agia na profissão como profissional, as áreas que *a gente* podia trabalhar, e isso foi me encantando [...] eu tentei o vestibular, eu fiz o ENEM em 2011, foi quando eu terminei os meus estudos, só que naquele momento eu não *pude* ingressar na universidade porque a minha cidade não ofertava, não fornece transporte público, eu não *tinha* condições de pagar, e nem *tinha* quem me ajudasse, então eu deixei pra lá (Risos), perdi essa oportunidade [...] em 2018, por incentivo muito grande do que é atual esposo agora, ele era só namorado na época, de 2018, ele fez a minha inscrição no ENEM, e me levou *pra* fazer o ENEM, porque eu estava discreta, eu não queria mais, eu me acomodei na vida que eu *tinha*, e, como ele diz ele, ele queria que eu tivesse um futuro melhor, então ele me levou *pra* fazer e eu fiz, eu confesso que eu não estudei, foi só como conhecimento meu mesmo, mas eu fiz acreditando, e eu, por mais que eu não tivesse *tido* aquela iniciativa eu fiz acreditando, então quando foi em 2018.2 eu consegui ingressar (risos), é tanto que eu *nem* procurei o resultado, eu fiquei sabendo por outras pessoas do resultado que eu *tinha* entrado, eu fiquei sem acreditar [...] ai eu fiquei pensando, meu Deus, da mesma forma que eu não *pude* antes pagar o transporte, hoje eu também não posso, eu não *tinha* emprego, eu trabalhava como *digamos* assim, diarista, em casas de pessoas aqui, e como é um lugar pequeno pagam pouquíssimo, as pessoas aqui também não tem muito do que viver, vivem de aposentadoria, essas coisas assim, e, ai eu ganhava tão pouco, e ele dizia “ não, o que eu *puder* fazer...”, meu esposo agora, que na época era namorado,” o que eu *puder* fazer por você eu faço”, então até eu conseguir a bolsa, porque eu passei um período todinho sem conseguir o auxílio da faculdade, que é o PAEG, ele que pagou o meu transporte, durante um período inteiro, quando foi em 2019 eu consegui o auxílio ai eu *pude* permanecer na universidade, que foi o que me ajudou, e isso foi muito bom *pra* mim [...] porque eu me encantei desde o primeiro, a primeira disciplina que eu paguei assim que me encantou foi a psicologia, ai eu me vi na pedagogia [...] eu decidi que além de ser uma profissional eu ia me tornar uma pessoa melhor estudando pedagogia, então foi o que eu fiz, por mais que, *tipo*, a distância da universidade seja cansativa, eu saio daqui 18:00h (p.m) da noite e chego na universidade umas 19:h10 (p.m) geralmente é por ai, e quando retorno *a gente*... eu chego mais ou menos umas 23:h30 (p.m) da noite, e isso é muito cansativo, sempre foi, é uma rotina... estudar a noite é uma rotina bem cansativa [...] é tanto que eu comecei a usar óculos por causa da claridade né? (risos), usando muito computador, muito... estudando muito

a noite, os slides, coisas assim [...] o apoio maior que eu tive realmente foi do meu namorado na época, a minha mãe assim, me ajudou, *a gente* não mora junto a muito tempo, eu tenho pais separados desde eu tinha 10 anos, e ela me ajudou só na questão de tipo conseguir comprar um computador, ela que comprou *pra mim e me deu*, é como se ela diz, é um investimento na minha formação [...] antes quando eu entrei na universidade eu morava com meu pai e minha irmã mais nova, ai eu trabalhava nas casas, como dizem aqui, como diarista para *poder ajudar no sustento da casa*, porque meu pai é alcoólatra e ele não trabalhava, então eu, é como se eu fosse responsável pela casa, por isso que eu tinha tanta dificuldade de me dedicar aos estudos porque eu *tinha* uma responsabilidade muito grande, eu *tinha* que *conter* aquela situação, uma pessoa alcoólatra que, tem certos dias que são muito difíceis, e também, é... ajudar na educação da minha irmã que era mais nova do que eu, sendo que eu não *tinha* quem me ajudasse a me educar, mas a minha infância foi assim, eu *tive* que ser adulta muito cedo, por isso que a pedagogia ela me salvou, digamos assim, ela me fez ser uma adulta que talvez eu não fosse sem a pedagogia, e... isso é um pouco difícil falar [...] *hoje eu me casei, já tenho uma filha de um ano e nove meses* [...] *o meu porto seguro, é por ela que eu quero terminar essa faculdade*, porque também eu quero ser uma mãe que eu não *tive*, eu quero ser... dar a ela uma educação respeitosa, eu compreendo que ela é uma criança que ela tem as dificuldades dela, que ela tem os aprendizados dela, emoções dela, e isso foi tudo a pedagogia que me ensinou, é... eu talvez não fosse a mãe que eu sou hoje sem a pedagogia (risos), então foi a pedagogia que *me* encorajou a ter filhos, porque eu não acreditava que eu ia ser uma boa mãe [...] meu esposo (risos) também me deu muito incentivo porque ele também queria ser pai, era o sonho dele, e a gente, eu tinha esse medo, mas eu pensei assim, eu estudei tanto, eu vi tanto desenvolvimento da criança, emoções delas, então eu acho que eu estou preparada (risos), mas *a gente* nunca tá preparada pra maternidade, é algo totalmente diferente [...] *a gente* *tava* na pandemia, ela nasceu, ai também foi aquele... maior emoção, misturou muita coisa, era responsabilidade na maternidade, *tinha* a universidade e eu *tinha* que conciliar o tempo *pra* ela, porque eu *tinha* que *tá* disponível *pra* ela o tempo todo, eu amamentei, então, as vezes eu *tava* dando aula e amamentando ela, é... as vezes eu *tava* com fone de ouvido lá assistindo as aulas online, que era na época da pandemia, assistindo as aulas e botando ela *pra* dormir, ninando ela, e assim foi, consegui, voltei para a universidade ela já tinha seis (6) meses, ela já tinha parado de amamentar por espontânea vontade, livre, ela é muito independente, ela parou de amamentar e eu voltei, confesso que foi, eu acho que o momento mais difícil *pra mim* foi voltar *pra* universidade e deixar ela por tanto tempo, porque eu saia de 18:00 horas da noite de casa e chegava quase 00:00 noite [...] permanecer durante esse período, ela tão pequena, de 6 meses foi muito difícil [...] eu sai muitas vezes chorando de casa, porque as vezes ela me *via* saindo e chorava e eu chorava pior do que ela [...] as vezes ela ficava doente e eu *tinha* que ir mesmo assim porque a universidade tem um limite de faltas e não compreende que uma mãe as vezes precisa faltar muito além do que três vezes *numa* disciplina, e *a gente*, as vezes ela *tá* doente com

uma febre e precisa da mãe só que você não vai ter um atestado que comprove isso, e aí? Como é que eu explico a universidade, mas a universidade não vai me entender se eu só chegar e dizer, olha eu não vim porque minha filha tava doente eu precisei ficar com ela, então essa parte eu acho que a universidade é muita injusta com as mães, as vezes não tem com quem deixar [...] porque eu sou a mãe e as pessoas tem suas vidas, meu esposo também é universitário, ele faz química no IF, então tudo isso dificulta, mas eu permaneci, por mim e por minha filha, pela minha família [...] meus amigos que estudam comigo que já sou mais próxima eles me ajudam muito e também não desistir, porque muitas das vezes eu tive umas baixas, umas ansiedades que me causaram até... fisicamente ficou demonstrando e eu fiquei muito, muito... eu chorava, eu dizia que não ia conseguir, que eu não aguentava mais deixar a minha filha sozinha e meus amigos seguraram a minha mão, mesmo sendo online no início eles diziam você não pode desistir, você tem que tentar por ela e por você [...] eu sou muito grata a meu esposo e a esses amigos que eu tenho [...] eles foram essenciais para a minha formação, é, eu não tenho nenhuma experiência acadêmica e tenho duas amigas que já tem, então elas compreendem melhor alguns textos, a gente debate, e elas me dão uma visão que eu não consegui ter porque muitas das vezes eu leio assim muito rápido porque eu não tenho tempo de sentar e ler, hoje pra ter essa entrevista aqui eu tive que pedi a meu esposo, vê um horário que ele poderia ficar com minha filha, e é sempre assim, sempre que eu quero fazer um trabalho eu tenho que ver alguém disponível pra ficar com ela, e geralmente eu estudo a noite, que é quando ela dorme, no dia que não tem aula, então minha filha dormiu eu vou pro computador e vou fazer meus trabalhos acadêmicos, e eu, hoje eu trabalho em uma escola, como assistente de turma, é... do programa tempo de aprender [...] eu trabalho dois dias da semana, esses dois dias já tem que ter alguém disponível para ficar com ela esses dois dias, já tem que ter alguém pra ficar com a minha filha os quatro dias, os cinco que eu ia pra universidade, [...] além disso ter alguém mais ainda disponível pra ficar cuidando dela no final de semana pra eu fazer os trabalhos durante o dia não tem, eu tenho que fazer somente a noite quando ela dormir, então eu tenho que parar de pensar eu não tenho vida social, como dizem, eu sou só dona de casa, mãe e universitária [...] ela nasceu já no final mesmo do período, eu acho que faltava umas duas semanas, ou três, mais ou menos, aí eu não quis pedir a licença, aí, mais foi muito difícil conseguir finalizar esse período [...] uma coisa que eu percebi é que quando você é do interior, mais sei lá, convive com pessoas que tem pouca escolaridade, é... você tem alguns vícios de linguagem, de sei lá, de convivência, eu tinha dificuldade assim de escrita, de apresentar os trabalhos porque eu venho de um lugar pequeno onde tem pessoas que não foram a escola, e o meu vocabulário era bem limitado, eu não tive incentivo à leitura, então eu não tinha o hábito de ler, é uma dificuldade que pra quem é universitário sofre, mas eu percebi que ao longo desses anos, é... foi muito, é muito diferente, hoje eu tenho o hábito de ler, eu gosto de ler, e até o vocabulário muda [...] quando eu penso que minha mente era muito fechada, que eu me limitava a ser diarista, não me via em outra profissão, eu só queria ter o dinheiro pra me sustentar, era minha... minha

preocupação era essa, chegar no fim do mês e ter o dinheiro pra me sustentar, sustentar minha irmã e meu pai, mas ai tudo se ajeitou, hoje tá mais tranquilo a minha vida, mais calma, eu tô conseguindo concluir a universidade, já vou *pro* 10º período que é a escrita do TCC, e... foi difícil, como vai continuar sendo difícil porque escrever o TCC sem você ter um tempo e... como eu digo... um tempo e um espaço silencioso durante o dia, que é um momento em que você consegue tá mais atento, porque quando chega a noite que você já tá mais cansada, a visão cansa rápido, é mais difícil, mas eu vou conseguir porque eu já cheguei até aqui [...] a universidade ela me causou alguns *picos* de ansiedade, de decepções, porque eu imaginava um lugar muito acolhedor, eu imaginava um lugar que fosse compreensivo, que as pessoas fossem, tivessem educação suficiente *pra* tratar o outro bem, que tivessem empatia, porque os textos que *a gente* ler fala muito sobre isso, e eu me decepcionava com alguns professores, algum modo como eles tratam os alunos, a falta de compreensão, a empatia, de diálogo aberto, não aquele (risos) só eu falo e você escuta, porque quando *a gente* entra na universidade *a gente* tem essa, eu pelo menos *tinha* essa ilusão, digamos assim, e foi uma coisa que eu fiquei muito decepcionada [...] *minha amiga* que ajudou lá... no iniciozinho, que me falou da pedagogia, ela disse que eu não me perdesse, eu não *me* perdesse de *mim* *nem* dos meus valores *nem* de onde eu vim, que eu permanecesse *sendo* aquela pessoa que eu sempre fui, porque elas me conhecem bem, e que algumas coisas vão... eu não me deixasse afetar por aquilo, porque as pessoas podem ser ruins ao nosso redor, mas isso não faz *da gente* ser uma pessoa ruim [...] por mais que eu, é... passasse por situações que eu preferia não ter escutado, alguns comentários que me desestimulava, que eu ficava pensando, como pode, aquela pessoa deveria tá me incentivando, deveria fazer com que eu sentisse vontade de entender aquele conteúdo e não me desestimular, eu ficava questionando isso *em mim*, só que eu também não *tinha* coragem *pra* bater de frente, porque eu me sentia um pouco inferior, da forma como eu era tratada [...] concluir essa universidade vai ser uma mistura de sensação de liberdade, tô livre desse ambiente, mas ao mesmo tempo, eu consegui, eu me formei, eu sou agora uma pessoa com uma profissão, e uma profissão linda, bela [...] eu vou tentar ser a melhor profissional possível, principalmente porque eu vou trabalhar com crianças, vou tentar ser paciente com elas, e tentar entender o desenvolvimento delas e o tempo delas [...] são três ônibus que é de uma empresa particular, ai tem o que vai *pra* UFCG, um *pra* Santa Maria e *pras* outras demais faculdades, o que ia na nossa frente estourou o pneu e bateu no nosso ônibus, então teve aquela *freada brusca*, ai todo mundo se assustou, alguém *bateu* a cabeça na poltrona da frente e foi aquele medo, é... durante dias de chuva o ônibus vem muito *devagar*, tem aquelas *freadas*, as vezes acontece do motorista da uma *cochilada* e sair da rodovia e aquele susto, então aparece um animal *de repente* na frente do ônibus e tem que dar aquela *freada*, é... já teve tempo *da gente* precisar *arrodear* bem longe [...] porque a gente não podia passar pela blitz porque o ônibus não *tavaa* em dias em algumas coisas, o ônibus não *tinha* cinto de segurança *pra* todo mundo, ai então *a gente* teve que dar a volta *por* outra cidade *pra* chegar a nossa [...] já teve dias *da gente* ouvir

muita... o motorista falar com *a gente* muito *rude*, mesmo *sendo* os alunos que pagam esse transporte, o prefeito dá uma ajuda de custo [...] se não fosse o PAEG ou alguém que tem um ajuda de familiares muito boa não ia conseguir, porque é 160,00 por mês, e a cada seis (6) meses *a gente* tem que pagar a associação, tinha esses que era 75,00 reais [...] quando eu entrei também *tinha* aquela questão de *muita xerox*, porque os professores não passavam os textos online, era só xerox, xerox, xerox, trabalhos *tinha* que imprimir e entregar impresso porque eles não conseguiam ler no computador e você que *se virasse* para imprimir [...] o *auxilio tinha* que dar *pra* tudo isso, *tinha* que se multiplicar, mais *tinha* que dar, então era dias de você ou comia ou tirava xerox ou imprimia seu trabalho para entregar [...].

4.3.3 Análises das entrevistas textualizadas

As análises das entrevistas textualizadas foram realizadas conforme a proposta desenvolvida por Moura e Nacarato (2017). Ao longo do texto destacamos as falas das colaboradoras que estão relacionadas com os tópicos desenvolvidos a partir dos objetivos específicos. Encontramos predominantemente aspectos comuns entre as falas das entrevistadas, o que evidencia a articulação presente nas experiências vivenciadas em seus cotidianos. Apresentamos a seguir as análises das quatro (4) colaboradoras.

Quadro 2.1: Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Salinda

<p>De De início não era o curso tão esperado, porque a minha área mesmo que eu pensava <i>era de ir pra</i> engenharia, que eu passei em João pessoa, mas como a trajetória <i>pra mim</i> ir <i>pra</i> lá, o trajeto já era mais complicado, porque ou eu teria que morar lá, não teria condições de onde eu morar lá, então eu passei para pedagogia e biologia em Cajazeiras, na UFCG. [...] começou a pandemia, e a partir daí eu voltei para casa, e aí era aquela correria, como era <i>pra</i> maioria dos universitários, de conciliar arrumar a casa, lavar louça, fazer as coisas de casa, e estudar [...]. A tia da minha mãe que morei, no início da faculdade, ela faleceu, então não teria como eu ir morar mais lá, ai eu fiquei indo de uma casa <i>pra</i> outra, de uma casa <i>pra</i> outra, e eu não sabia o que fazer [...]. Aí eu pensei, como é um local que é mais perto, tem familiares da minha mãe, é melhor, aí entre biologia e pedagogia, eu entrei em</p>	<p>Rede de apoio</p>
--	-----------------------------

<p>pedagogia [...] então eu fui morar na casa de familiares em Cajazeiras, numa tia da minha mãe {...}. [...] chegava aqui na pista da minha cidade, minha mãe com meu pai <i>tava</i> me esperando <i>pra mim</i> ir <i>pra</i> o sítio, porque como sabemos é perigoso esse horário, então, é, teria sempre que conciliar, teria sempre que achar um ponto de apoio, <i>que também as vezes</i>, nessas noites, eu tinha um amigo que <i>tava</i> lá me esperando, por mais que desse sono nele, ele <i>tava</i> lá sempre me apoiando [...]. [...] eu tinha o apoio apenas da minha mãe e da minha madrinha de batismo, e a minha madrinha de batismo eu conversei com ela e ela começou a me ajudar, me dava 60,00 reais [...].</p>	
<p>[...] eu arranjei um emprego <i>a partir que eu sai</i> do Ensino Médio, eu arranjei um emprego <i>numa</i> loja de sandália e eu <i>tava</i> trabalhando, só que ai <i>pra</i> conciliar com a faculdade, como era pela parte da manhã, eu tive que sair do emprego. E nesse período minha mãe não tinha condições de me ajudar, no início da faculdade [...]. [...] a minha mãe se aposentou e por conta desse benefício dela de aposento foi que ela começou a tirar essa quantidade de 350,00 reais <i>pra mim</i> ajudar [...]. [...] eu <i>tô</i> procurando um emprego, <i>pra</i> a partir domês que vem eu ter essa despesa, né? Porque vai ser uma despesa maior, minha, mãe tem outras contas <i>pra</i> pagar, é, outras coisas <i>pra</i> resolver, e, eu <i>tô</i> tentando, de toda maneira arrumar o dinheiro <i>pra</i> conciliar, porque como é final de faculdade, eu tenho que terminar, e nisso, se eu não conseguir, eu vou, e ela procurar, outra forma de conciliar, porque o motorista, ele não aceita pagar só a metade se eu andar só um dia ou dois dias[...].</p>	<p>Situação socioeconômica</p>
<p>[...] eu moro na zona rural [...].</p>	<p>Localidade</p>
<p>[...] eu ficava é andando a pé, eu pegava do centro de Cajazeiras até a universidade andando a pé, tinha dias que eu saía de meio</p>	<p>Transportes utilizados X Distâncias dos percursos</p>

<p>dia da faculdade e chegava 13:h00 (a.m) e pouco na casa dela [...]. E por ser difícil a minha moradia em Cajazeiras, eu decidi ficar indo e vindo todos os dias, e a partir disso eu procurei uma van, e a faixa etária era de 300 reais, de início, ano passado [...]. [...] eu moro a uma (1) hora de distância [...] eu acordo de 04:h30 (a.m), a minha mãe ia deixar eu lá na pista, é, de 05:h20 (a.m), 05:h30 (a.m), ela ia me deixar lá na pista, eu pegava a van de 05:h40 (a.m) e vinha da universidade, chegando 07:h00 (a.m) [...] tinha dia que eu tinha que passar o dia todo na universidade, chegando lá na universidade de 07:h00 (a.m), acordando de 04:h00 (a.m) e pouco da manhã, e ficando até 23:h00 (p.m) na universidade, que eu ficava de 23:h00 (p.m) e chegava quase meia noite em casa [...].</p>	<p style="text-align: center;">Transportes utilizados X Distâncias dos percursos</p>
<p>[...] <i>nesse trajetorio</i> tinha enchente, tinha dia que eu passava por lama, tinha que ir com outra roupa <i>pra</i> quando chegar na universidade eu trocar, tinha dia que <i>tava</i> chovendo eu tinha que colocar saco plástico na cabeça, mas, tinha dia que <i>moto tava</i> com pouca gasolina, pneu furava no dia anterior, ai eu tentava ficar na casa do outros [...]. [...] <i>a gente tá</i> surpreso a tudo, porque você ir e vim todo dia sempre vai ocorrer alguma coisa, ou van furar pneu, ou parar no meio do nada, ou ter um assedio, alguma coisa, ou dificuldade de você ir e vim, porque como eu moro no sitio, tem esse problema, nè? Ou enchente, período de chuva [...].</p>	<p style="text-align: center;">Imprevistos nos percursos</p>
<p>[...] eu peguei ansiedade, por conta da correria, eu pensei em desistir, por conta que era todo dia, todo dia essa correria e eu <i>tava</i> longe da minha família, ficava difícil pra mim, e a ansiedade atacava e eu não conseguia conciliar os estudos com essa trajetória, que era de morar lá. [...] no ano passado, é, em julho, eu</p>	<p style="text-align: center;">Dificuldades X Possibilidades</p>

decidi, ou eu vou e venho todo dia, fico na minha casa, no bem estar, por mais que seja difícil. [...] a minha mãe batalhava para lutar *pra* me ajudar [...] se não fosse por esse aposento dela eu teria que ter parado a faculdade, porque 350,00 numa van, todo mês, todo mês, você indo um dia e outro não é complicado. [...] eu *tô* procurando um emprego, *pra* a partir do mês que vem eu ter essa despesa, né? Porque vai ser uma despesa maior, minha mãe tem outras contas *pra* pagar, é, outras coisas pra resolver, e, eu *tô* tentando, de toda maneira arrumar o dinheiro *pra* conciliar, porque como é final de faculdade, eu tenho que terminar, e nisso, se eu não conseguir, eu vou, e ela não conseguir pagar esses 400, eu vou procurar outro meio, procurar, outra forma de conciliar, porque o motorista, ele não aceita pagar só a metade se eu andar só um dia ou dois dias [...] por mais que esses problemas, eu *tô* aqui buscando tá firme e forte sempre, e *buscando por terminar* a minha faculdade. [...] tive um problema que foi o meu motorista, *que ocorreu que*, de início quando eu entrei na van [...] ele começou a me tratar bem, mandava mensagem de vez enquanto, perguntava de alguma coisa, sempre mandava no privado, tendo o grupo da van, e eu levava *numa boa*, eu sou uma pessoa que não levo pelo mal caminho, e a partir disso, é, ele, é, me chamou para o aniversário dele, e *eu fui na boa* achando normal, e diante, é, desse aniversário que eu fui, ele começou a dar em cima de mim, a partir desse dia ele começou a me tratar de uma forma diferente das outras pessoas da van, porque eu não aceitei, eu não quis ficar com ele, e ele jogava *picuinha pro* meu lado, *pra* eu sair da van, [...] eu não conhecia a pessoa, [...] e eu não tive como trocar de van, porque quando eu entrei do ano passado para cá eu andava muito a noite, e ele é o único motorista que anda pra UFCG a noite, [...] eu tive que aturar [...] eu teria que vê outra

Dificuldades
X
Possibilidades

maneira, já seria mais complicado *pra mim*, já teria mais envolvimento com o meu psicológico, já provocaria mais outras coisas, e, a partir desse momento, eu descobri que ele sempre fazia isso com todas pessoas que entravam na van, novas, ele sempre da em cima, [...].

Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Luamanda

[...] o ENEM não foi uma prova fácil *pra mim*, porque teve disciplina que eu não consegui ter acesso, e se eu tive acesso na escola pública foi uma coisa reduzida, falta de professores, né? Então, isso tudo veio me construindo *pra* ser quem eu sou agora, [...] minha jornada para terminar o ensino básico e ir *pra* universidade é assim, um pulo muito grande, né? *Pra gente* que veio da escola pública, tanto quando *a gente* entra e chega lá *a gente* fica, meu Deus, como é que eu faço um trabalho acadêmico, como é e eu faço tal... até uma capa para mim era uma novidade porque as capas *a gente* não fazia, não foi educado *pra* ter essas normas embora que eu também né? Tenho uma crítica dessas normas que muitas vezes né? Nos afastam um pouco *da gente* também né? [...] a minha entrada na universidade foi um baque muito grande, porque eu entrei lá, não me via lá, por muito tempo eu achei que não era um lugar *pra mim*, porque, como é que eu vou fazer isso se eu não si fazer? [...] foi um processo a passos lentos [...] eu acredito que minha permanência na universidade tem sido mais por eu ter conseguido uma bolsa, mesmo que não seja muito me ajudou bastante, que é um auxílio estudantil, que é parecido um pouco com o auxílio permanência, só que o valor é menor [...] só que ele garantiu minha permanência porque, como eu sabia que meus pais não tinham então eu não pedia, né? Um dinheiro

O acesso à universidade X Permanência

<p><i>pra</i> uma xerox, <i>pra</i> eu conseguir jantar lá [...].</p>	
<p>[...] meus pais sempre me motivaram a estar nesse ambiente eu quis continuar, né? Por mais que eu não tinha esse apoio econômico, até porque <i>a gente</i> não tinha condição, né? Mas essa questão do apoio afetivo, o apoio emocional foi o que fez que eu quisesse continuar ali [...] minhas redes de apoio tem sido meus pais e meus irmãos, né? Assim, desde o início tem sido eles, ao longo eu fui encontrando pessoas, só que quem me motivou, quem fez com que eu estivesse na universidade são eles, e eu acredito que quando <i>a gente</i> fala em rede de apoio <i>a gente</i> não deve falar só da questão financeira né? Porque o as vezes acaba sendo o mínimo [...].</p>	<p>Rede de apoio</p>
<p>[...] assim que eu entrei na universidade [...] eu trabalhava <i>numa</i> escola, no programa de uma escola [...] eu não ganhava um salário, mas ganhava um dinheirinho que juntando com o auxílio ajudava, né? [...] logo que eu iniciei meu pai <i>tava</i> desempregado, <i>a gente tava</i> bem apertado financeiramente, então, o dinheiro que eu conseguia lá no trabalho eu conseguia pagar um aluguel, ai eles ficavam só com a água, a luz, <i>a gente</i> ia se virando [...] eu não podia sair do trabalho <i>pra</i> conseguir tentar uma monitoria, uma residência [...] eu não conseguia participar de nada porque eu precisava desse dinheiro mesmo sendo pouco, <i>pra</i> ajudar dentro de casa, não tinha essa ajuda financeira [...] eu trabalhava no sitio [...] eu ficava na pista esperando carona <i>pra</i> me levar perto de onde era a escola, que era uma pista, ai a pessoa sempre me deixava perto e eu ia na parte de terra <i>pro</i> sitio, ai eu passava <i>num</i> açude, eu andava bastante ainda <i>pra</i> chegar na escola [...] eu não consegui me manter lá, não consegui, porque meus pais não tinham como me ajudar financeiramente, as bolsas não eram muita coisa, não tinha como eu me manter com aluguel, água, luz e feira [...].</p>	<p>Situação socioeconômica</p>

<p>[...] sou uma mulher nordestina do interior cearense [...].</p>	<p>Localidade</p>
<p>[...] geralmente eu levo uma hora, saio da minha cidade <i>pra</i> universidade, mais ou menos assim, como eu estudo a noite, eu saio, tenho que sair geralmente 17:h00 (a.m) da tarde <i>pra</i> chegar lá 19:h00 (p.m), 18:h30 (p.m), porque as vezes o pessoal só conta a distância de uma cidade <i>pra</i> outra, mas como <i>a gente</i> anda de transporte público, passa nas universidades tudinho, tem o sinal, tem as paradas, então <i>a gente...</i> é sempre a mais do que é previsto né? [...] chegava mais ou menos 00:h00 da noite em casa [...] teve uma época, por questões políticas, <i>a gente</i> perdeu esse transporte, foi cortado <i>da gente</i>, agora vocês têm que pagar [...] a mensalidade era 240,00; 300,00 por mês [...] por questões políticas também, agora o transporte é público, <i>a gente vai e vem</i> em todos os horários <i>a gente</i> tem, é bem tranquilo, mas, o ruim é ficar nessa dependência, né? <i>A gente</i> depender sempre do posicionamento de alguém [...].</p>	<p>Transportes utilizados X Distâncias dos percursos</p>
<p>[...] já teve dia <i>de eu chegar</i> 3:h00 (a.m) da manhã em casa, porque o ônibus quebrava, tentava arrumar, <i>a gente</i> com medo, eu morria de medo, até hoje tenho medo de pegar esses ônibus e ir [...] Porque excesso de pessoas, o ônibus <i>super</i> pesado, as <i>buraqueiras</i>, de madrugada, assim, no meio de uma pista [...].</p>	<p>Imprevistos nos percursos</p>
<p>[...] eu sou atravessada por muitas questões que até hoje eu tento, né? Com unhas e dentes fazer com que isso não impeça que eu tenha êxito, né? E que não impeça que eu consiga dar até uma vida melhor <i>pros</i> meus pais, né? [...] Porque eu</p>	<p>Dificuldades X Possibilidades</p>

acho que nosso objetivo sempre é esse no final, *da gente* conseguir dar uma vida melhor *pra* os nossos nè? Os nossos pais, nossos irmãos [...] eu *me virava* como dava, tirava foto dos textos dos meus amigos, não comia, eu inventava alguma coisa, levava uma bolacha creme crack na bolsa (risos) *pra* não ficar com fome lá [...] a questão de eu morar em outro Estado, em outro lugar, tipo, *pra* mim sair da minha cidade eu saia 17:h00 (a.m) *pra* voltar meia noite, então nesse período de tempo claro que eu ia sentir fome né? [...] uma (1) hora de perca de horário *a gente tá* perdendo o tempo de fazer um trabalho acadêmico, *tá* perdendo de fazer uma tarefa domestica que *a gente* tem que fazer, então toda perca de tempo *pra mim* eu fico aflita porque eu sempre fico na minha cabeça, eu poderia tá fazendo isso agora e não posso, [...] *a gente não tem* aquele horário *pra* família, *pra* dizer olha eu vou sentar aqui e simplesmente assistir um negócio e assistir tranquila, *a gente* não tem isso, se um dia *a gente... a gente* sempre fica com isso na cabeça, eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer isso, então *a gente* se ver nesse emaranhado de demandas né? [...] tinha poucas horas *pra* estudar [...] não fiquei nem dois meses em Cajazeiras e voltei, porque aqui *pelo menos* eu tô perto da minha família né? [...] *pra gente* poder ir *pra* universidade *a gente* passa por tanta coisa no dia, *a gente* vai, que nem uma louca *pra* no final do dia conseguir *tá* lá, de noite, e sem contar das questões que são inerente *a gente*, inerentes eu digo culturalmente, porque, por nós sermos mulheres as tarefas domesticas são *pra gente*, então meu tempo é reduzido, de dedicação, aqui em casa tem idosa, então exige tempo, só eu e minha mãe cuida dela, então *a gente* tem que dedicar um tempo *pra* cuidar dela, *pra* dar banho, se precisar de alguma coisa *a gente* dá, chama *a gente pra* dá remédio, então tem isso no meu dia a dia, eu não consigo sentar aqui no notebook durante o dia e fazer uma coisa sem ninguém me... não é atrapalhar, atrapalhar também, mas

**Dificuldades
X
Possibilidades**

(silêncio) sem ninguém me interromper, né? Sempre eu sou interrompida, então eu me vi como refúgio estudar nas madrugadas, né? [...] por mais que eu queria também estar dormindo, mas eu não posso [...] eu acredito, porque eu nunca passei por um profissional, mas acredito que eu desenvolvi ansiedade, né? Tem dias que eu tô muito, muito ruim, assim eu não consigo fazer nada porque, eu não sei explicar, só um profissional pode me dizer, mas acredito que seja ansiedade, eu fico muito... depressiva, pensando comigo mesma que não vou *dar de conta*, aí eu fico naquela solidão comigo mesma, sem conseguir pegar nada, pensar nada, e minha cabeça um turbilhão de coisa [...] é bom, assim, ver tudo que eu consegui passar, tentei, né? Tô tentando [...]. Fui transferida *pra* um escola aqui do meu bairro, melhorou bastante, porque eu tive mais tempo *pra* fazer outras coisas, não que seria mais tempo, aumentou 1 hora de estudos, 2 horas. Hoje eu penso que a universidade tem que me aceitar como eu sou, como eu escrevo, o que eu estudo, se eu escrevo na primeira pessoa é assim que eu vou escrever, é assim que eu quero escrever junto com as minhas Hermanas, [...] pensar esses anos que eu tô *nisso*, na universidade, o quanto eu evolui enquanto pessoa é incrível pensar, é muito incrível mesmo [...] a questão mental abala muito *a gente*, *a gente* se sente mais cansado, *a gente* tenta, sei lá, ser a nossa própria psicóloga, porque *a gente* também não tem dinheiro pra fazer terapia né? [...] E se eu tô ali é porque eu quero dar uma vida melhor, *pra* meu pai não precisar trabalhar [...] ter o mínimo de condições *pra* ter uma vida boa, *pra* não passar fome [...] eu sai do emprego *pra* conseguir tá nos programas acadêmico *e tal*, eu fiz isso, só que gente, *pra* quem mora fora e usa transporte público pra tá em reunião e contra turno é muito complicado [...] Comecei a participar de grupos que debatiam sobre essas questões que eu passava [...] porque eu não queria simplesmente, mulher vai dar certo, *num*

**Dificuldades
X
Possibilidades**

era isso que eu queria, eu queria justamente ter essa discussão política, tá ali nos meus escritos [...] eu sou muito grata porque foi daí que eu realmente tive aquele estralo, de nossa, agora realmente eu me encontrei aqui, né? Eu me senti pertencente na universidade a partir do encontro com elas, e demorou né? Porque tem o que, três anos, eu tô lá desde 2017 e só em 2020 que foi o meu encontro com elas, então só foi em 2020 que eu realmente me senti pertencente à universidade [...] a partir desses estudos que eu vejo saída, né? Uma saída, que eu vejo mudança *pra* gente realmente conseguir fazer e ter mudança na sociedade e na academia, no espaço acadêmico, *a gente* precisa tá aqui, né? [...] eu passei por um processo de um relacionamento muito abusivo [...] a pessoa chegou lá, *tipo*, invadiu o meu lugar, invadiu o meu ambiente de estudo, me fez passar por uma situação muito constrangedora, que até hoje quando eu penso nela eu não acredito que eu passei, [...] chegou no limite de eu ter medo de sair de casa, né? De eu não querer esperar o ônibus sozinha lá em cima, de eu querer que o meu pai me esperasse 00:h00 da noite *pra* me buscar *pra mim* não descer sozinha, então foi daí que eu decidi morar um pouco em Cajazeiras [...] *a gente* sai de dia e as pessoas ainda ficam... as pessoas não, os homens, ficam soltando piada, deixando *a gente* desconfortável *pra* todo mundo ver, imagina eu sozinha numa calçada escura [...] eu era filmada, assim, eu não tinha nem minha privacidade na época, eu era filmada, mandava *pro* WhatsApp, falava com outras pessoas *pra* falarem comigo [...] *num* é simplesmente só ir, estudar e pronto, né? [...] *a gente* tem que sair de casa e pensar as mil possibilidades de evitar alguma coisa, embora que isso não sejabom, né? *A gente* tem que... se *a gente* continua com esse medo alguma coisa ai tá errada, porque o homem pode sair tranquilo né? E vir e voltar *pra* casa tranquilo e *a gente* não consegue [...].

Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Natalina

[...] eu sempre quis, assim, desde sempre entrar na universidade [...] a partir do meu ensino fundamental foi que... do ensino médio foi que aumentou ainda mais esse desejo de entrar na universidade e tudo, é... porém tinha muitas dificuldades também [...] porque eu precisava realizar o ENEM, o ENEM *pra* conseguir uma vaga na universidade federal e tudo, e tinha um, uns problemas *pra* fazer a prova que é o transporte, porque a cidade fornece o ônibus, mas tem que se deslocar do sitio *pra* cidade e *tudo mais*, isso ai também já era um desafio [...]. [...] quando eu *tava* no terceiro ano do ensino médio, é... eu fiz o ENEM só que não consegui entrar na universidade, só consegui entrar em 2020, é... quando eu fiz o ENEM em 2019, não... quase que eu não fazia o ENEM porque eu tinha perdido a minha mãe, e isso foi um dos fatores que [...] eu quase não fazia a prova [...] *o cursos* que eu queria não deu certo, ai eu cursei três períodos no remoto, porque foi no período da pandemia quando eu entrei em 2020 na UFCG, e estando no terceiro período desse cursos, que era letras inglês, eu transferi para história, que ainda não era o curso que eu queria, mas porque... eu queria cursar geografia ou pedagogia, mas não deu certo entrar [...]. [...] como *a gente tava* sem renda tinha o meu irmão que já estudava na UFCG, e quando foi *pra gente ir*, depois da pandemia, assim, quando acalmou mais a pandemia, é... eles ajudaram muito, tanto em relação a alimentação como em relação a dinheiro mesmo né? *Pra gente ir, pra* pagar passagem, *pra* permanecer lá, com os gastos que *a gente* ia ter, então... eles foram muito importantes, ainda são, porque nos ajudam ainda, a permanecer lá ainda de certa forma, porque mesmo que *a gente* seja residente, é...

O acesso à universidade X Permanência

<p>ainda tem muitos gastos também, porque tem relação a muitas coisas, xerox [...]. [...] a minha permanência na universidade também se dá <i>por conta</i> que eu sou residente universitária, e eu acho que se eu não tivesse conseguido esse programa estudantil, eu não estaria, eu acho que cursando também, porque o custo de vida em Cajazeiras, assim, em qualquer cidade também é um pouco caro né? [...] eu não ia conseguir me manter lá [...].</p>	<p style="text-align: center;">O acesso à universidade X Permanência</p>
<p>[...] desde sempre eu tive apoio de minha família [...] meus irmãos todos eles, quatro irmãs e cinco irmãos, família grande, e meus tios também são os irmãos de minha mãe que apoiaram, toda a família apoiou e ajudou, assim, <i>pra</i> ir também né? [...] a rede de apoio mesmo <i>foi</i> os tios e os irmãos [...].</p>	<p style="text-align: center;">Redes de apoio</p>
<p>[...] a renda familiar que <i>a gente</i> tinha é proveniente de minha mãe, então quando ela faleceu <i>a gente</i> ficou sem renda nenhuma, até eu acho quase um (1) ano, não, até sete (7) meses, porque eu consegui ficar com a pensão por causa da morte dela até eu completar 21 anos [...] depois disso meu irmão conseguiu um emprego, minha irmã, aí foi melhorando a renda lá de casa, e também teve o auxílio da universidade que devido a pandemia, é... como eu sou da residência eu consegui o auxílio, e <i>deu</i> certo até agora [...].</p>	<p style="text-align: center;">Situação socioeconômica</p>
<p>[...] eu moro [...] no sítio, na zona rural [...].</p>	<p style="text-align: center;">Localidade</p>
<p>[...] quando eu tenho que ir <i>pra</i> Cajazeiras eu pego uma van em outra cidade porque na minha cidade não tem transporte, então eu me</p>	

<p>desloco do sitio até essa cidade de moto, <i>pra</i> pegar transporte, a van [...] eu acho que é umas duas horas mais ou menos, de duas a três horas <i>pra</i> chegar em Cajazeiras [...] sempre que eu preciso vir <i>pra</i> casa, assim, é um sufoco, porque a van só vem três vezes na semana, então os dias que a van faz linha <i>pra</i> Cajazeiras são os dias que eu tenho atividades, assim, da universidade, então nunca dá certo eu ir <i>pra</i> casa devido... por conta do transporte, porque a minha cidade não fornece nem o transporte público, nem ônibus nem nada [...] eu fico eu acho que o período todinho na residência e venho <i>pra</i> casa quando tem um feriado ou quando tem algo muito urgente <i>pra</i> resolver na minha cidade ai eu tenho que vir, sabe? Devido essa falta de transporte não tem como eu <i>tá</i>, ter esse trajeto de casa <i>pra</i> universidade como a maioria dos alunos da UFCG tem [...] quando eu venho <i>pra</i> casa, quando eu tenho aula de manhã o transporte sempre chega de 09:h00 (a.m), então sempre as primeiras aulas eu nunca assisto [...] porque o transporte sempre chega nesse horário [...].</p>	<p>Transportes utilizados X Distâncias dos percursos</p>
<p>[...] quando <i>tá</i> nos períodos de chuvas porque o caminho é muito ruim, tem unstrechos que é estrada de terra, então é horrível <i>pra</i> ter que vir <i>pra</i> casa quando venho de moto, meu irmão vai me pegar, então não tem nem como levar muita coisa se for <i>pra</i> levar, mala essas coisas assim não dá certo, porque o caminho... como a estrada fica ruim, que já aconteceu isso, assim de quase cair de moto, essas coisas, devido odeslizamento [...].</p>	<p>Imprevisto nos percursos</p>
<p>[...] eu vejo que dos 10 filhos que minha mãe teve somente meu irmão e eu seguimos assim, essa vida universitária os outros não quiseram, e eu vejo isso assim como... eu sempre quis estar em um curso superior <i>pra</i></p>	<p>Dificuldades X Possibilidades</p>

melhorar de vida é claro [...] tem uma irmã que ela fica com *a gente* dentro de casa, e eu acho, eu vejo isso como uma oportunidade de ajudar a ela, de certa forma, e também por causa de minha mãe, pronto, um dos principais motivos, que ela sempre *quis* que *a gente* estudasse, que fizesse algum curso superior, então uma das coisas que me motiva a estar na universidade hoje é ela [...] quando eu entrei na universidade eu tinha acabado de perder minha mãe. [...] desde que começou assim, as aulas, principalmente as presenciais, aumentou muito a ansiedade, e principalmente por estar longe de casa porque eu nunca tinha passado tanto tempo longe de casa [...] eu passei eu acho que dois (2) períodos ano passado com muita ansiedade, porque eu tive que passar um período todinho sem vir *pra* casa, então assim, foi muito difícil, porque ali a rotina mudou completamente, viver com pessoas diferentes ali na residência, conviver com as meninas do quarto que você não conhecia [...] e também ao curso, que também no início não era o que eu queria tanto [...] pensei em desistir do curso e tudo, mas também tinha meu irmão que morava na residência perto da que eu moro, então foi o que facilitou mais *pra mim* assim, porque eu conversava muito com ele, então foi o que... um dos fatores também que permitiu que eu ficasse [...] as dificuldades que... eu acho que fazem parte do caminho, de todo o trajeto, mas eu acho que *a gente* tem que passar por cima delas [...] eu vejo mais como possibilidades, porque se eu quero um futuro melhor *pra mim* e *pra* minha família eu vejo que estou no caminho certo [...] estar na universidade, assim, abre caminhos também *pra* você conhecer novas pessoas, culturas [...]. A internet aqui do sítio é um pouco ruim, sabe? Então eu tive que ir *pra* cidade, praticamente morar na casa da minha irmã, então toda segunda-feira de manhã eu

Dificuldades
X
Possibilidades

<p>vinha <i>pra</i> casa dela, passava a semana pra ter as aulas online, então essa foi umas das mudanças de rotina, porque eu sempre ficava no sítio, então com as aulas remotas eu praticamente morei aqui [...].</p>	
<p>[...] em relação a assédios e violências eu nunca sofri, <i>nem</i> quando eu pego o transporte <i>pra</i> ir <i>pra</i> Cajazeiras ou <i>pra</i> voltar <i>pra</i> casa e <i>nem</i> na universidade, assim, eu tenho pessoas próximas a <i>mim</i> que sofreram, mas eu nunca sofri, até porque assim, eu sempre ando com meu irmão, então não sei se isso influencia, alguma coisa. [...].</p>	<p>Assédios ou violências</p>

Análise da Entrevista Narrativa textualizada de Cida

<p>[...] o que me fez chegar até a universidade foi querer evoluir, apesar de ser a primeira da minha família a ter acesso ao ensino universitário, eu queria ir além, eu não queria só terminar o ensino médio, eu queria ter uma profissão, e a profissão que eu escolhi foi a pedagogia, porque é a que eu me identificava, na verdade eu tive várias dúvidas em qual eu queria, mas eu acho que professora era ela, eu não queria outra área [...] por intermédio de uma amiga minha, <i>a gente</i> conversava muito, ela estudava já pedagogia [...] <i>a gente</i> era amiga desde o ensino médio, ela entrou bem antes de mim, e ela me falava muito bem da pedagogia, falava dos assuntos que estudavam, como agente agia na profissão como profissional, as áreas que <i>a gente</i> podia trabalhar, e isso foi me encantando [...] eu fiz o ENEM em 2011, foi quando eu terminei os meus estudos, só que naquele momento eu não pude ingressar na universidade porque a minha cidade não ofertava, não fornece transporte público, eu não tinha condições de pagar, e <i>nem</i> tinha quem me ajudasse, então</p>	<p>Dificuldades X Possibilidades</p>
--	---

<p>eu deixei pra lá (Risos), perdi essa oportunidade [...] em 2018, por incentivo muito grande do que é atual esposo agora, ele era só namorado na época, de 2018, ele fez a minha inscrição no ENEM, e me levou <i>pra</i> fazer o ENEM [...] quando foi em 2018.2 eu consegui ingressar [...] quando foi em 2019 eu consegui o auxílio ai eu <i>pude</i> permanecer na universidade, que foi o que me ajudou, e isso foi muito bom <i>pra</i> mim [...]</p>	
<p>[...] o apoio maior que eu tive realmente foi do meu namorado na época, a minha mãe assim, me ajudou, <i>a gente</i> não mora junto a muito tempo, eu tenho pais separados desde eu tinha 10 anos, e ela me ajudou só na questão de <i>tipo</i> conseguir comprar um computador, ela que comprou <i>pra mim</i> e me <i>deu</i>, <i>é como se ela diz</i> é um investimento na minha formação [...] meus amigos que estudam comigo que já sou mais próxima eles me ajudam muitooo a também não desistir [...] muitas das vezes eu <i>tive</i> umas baixas, umas ansiedades que me causaram até... fisicamente ficou demonstrando e eu fiquei muito, muito... eu chorava, eu dizia que não ia conseguir, que eu não aguentava mais deixar a minha filha sozinha e meus amigos seguraram a minha mão, mesmo sendo online no início eles diziam você não pode desistir, você tem que tentar por ela e por você [...] eu sou muito grata a meu esposo e a esses amigos que eu tenho [...] eles foram essenciais para a minha formação [...].</p>	<p>Redes de apoio</p>
<p>[...] eu não tinha emprego, eu trabalhava comoo, digamos assim, diarista, em casas de pessoas aqui [...] as pessoas aqui também não têm muito do que viver, vivem de aposentadoria, essas coisas assim, e, aí eu ganhava tão pouco [...]eu passei um período</p>	<p>Situação socioeconômica</p>

<p>todinho sem conseguir o auxílio da faculdade, que é o PAEG [...] antes quando eu entrei na universidade eu morava com meu pai e minha irmã mais nova, ai eu trabalhava nas casas, como dizem aqui, como diarista <i>parapoder</i> ajudar no sustento da casa, porque meu pai é alcoólatra e ele não trabalhava [...].</p>	
<p>Eu sou moradora na zona rural [...].</p>	<p>Localidade</p>
<p>[...] eu saio daqui 18:h00 (p.m) e chego na universidade umas 19:h10 (p.m)geralmente é por ai [...]eu chego mais ou menos umas 23:h30 da noite [...]</p>	<p>Transportes utilizados X Distâncias dos percursos</p>
<p>[...] são três ônibus que é de uma empresa particular, ai tem o que vai <i>pra</i> UFCG, um <i>pra</i> Santa Maria e <i>pras</i> outras demais faculdades, o que ia na nossa frente estourou o pneu e bateu no nosso ônibus, então teve aquela freada brusca, ai todo mundo se assustou, alguém bateu a cabeça na poltrona da frente e foi aquele medo, é... durante dias de chuva o ônibus vem muito devagar, tem aquelas freadas, as vezes acontece do motorista da uma cochilada e sair da rodovia e aquele susto, então aparece um animal de repente na frente do ônibus e tem que dar aquela freada, é... já teve tempo <i>da gente</i> precisar <i>arrodear</i> bem longe [...] porque a gente não podia passar pela blitz porque, porque o ônibus não <i>tavaa</i> em dias em algumas coisas, o ônibus não tinha cinto de segurança <i>pra todo mundo</i>, ai então <i>a gente</i> teve que dar a volta por outra cidade <i>pra</i> chegar a nossa [...] já teve dias <i>da gente</i> ouvir muita... o motorista falar com <i>a gente</i> muito rude, mesmo sendo os alunos que pagam esse transporte, o prefeito dá uma ajuda de custo [...].</p>	<p>Imprevistos nos percursos</p>

[...] eu decidi que além de ser uma profissional eu ia me tornar uma pessoa melhor estudando pedagogia [...] estudar a noite é uma rotina bem cansativa [...] é tanto que eu comecei a usar óculos por causa da claridade [...] eu tinha tanta dificuldade de me dedicar aos estudos porque eu tinha uma responsabilidade muito grande, eu tinha que conter aquela situação, uma pessoa alcoólatra que, tem certos dias que são muito difíceis, e também, é... ajudar na educação da minha irmã que era mais nova *do que* eu, sendo que eu não tinha quem me ajudasse a me educar, mas a minha infância foi assim, eu tive que ser adulta muito cedo, por isso que a pedagogia ela me salvou, digamos assim, ela me fez ser uma adulta que talvez eu não fosse sem a pedagogia, e... isso é um pouco difícil falar [...] hoje eu me casei, já tenho uma filha de um ano e nove meses [...] o meu porto seguro, é por ela que eu quero terminar essa faculdade, porque também eu quero ser uma mãe que eu não tive, eu quero ser... dar a ela uma educação respeitosa [...] foi a pedagogia que me encorajou a ter filhos, porque eu não acreditava que eu ia ser uma boa mãe [...] a gente *tava* na pandemia, ela nasceu, aí também foi aquele... maior emoção, misturou muita coisa, era responsabilidade na maternidade, tinha a universidade e eu tinha que conciliar o tempo *pra* ela, porque eu tinha que tá disponível *pra* ela o tempo todo, eu amamenteei, então, as vezes eu *tava* dando aula e amamentando ela, é... as vezes eu *tava* com fone de ouvido lá assistindo as aulas online [...] eu acho que o momento mais difícil *pra mim* foi voltar *pra* universidade e deixar ela por tanto tempo [...] permanecer durante esse período, ela tão pequena, de 6 meses foi muito difícil [...] eu sai muitas vezes chorando de casa, porque as vezes ela me via saindo e chorava e eu chorava pior do

**Dificuldades
X
Possibilidades**

que ela [...] as vezes ela ficava doente e eu tinha que ir mesmo assim porque a universidade tem um limite de faltas e não compreende que uma mãe as vezes precisa faltar muito além do que três vezes numa disciplina, e *a gente as vezes* ela tá doente com uma febre e precisa da mãe só que você não vai ter um atestado que comprove isso, e ai? Como é que eu explico a universidade, mas a universidade não vai me entender se eu só chegar e dizer, olha eu não vim porque minha filha *tava* doente eu precisei ficar com ela, então essa parte eu acho que a universidade é muita injusta com as mães, as vezes não tem com quem deixar [...] mas eu permaneci, por mim e por minha filha, pela minha família [...] *muitas das vezes* eu leio assim muito rápido porque eu não tenho tempo de sentar e ler, hoje *pra* ter essa entrevista aqui eu tive que pedi a meu esposo, vê um horário que ele poderia ficar com minha filha, e é sempre assim, sempre que eu quero fazer um trabalho eu tenho que ver alguém disponível *pra* ficar com ela, e geralmente eu estudo a noite, que é quando ela dorme, no dia que não tem aula, então minha filha dormiu eu vou pro computador e vou fazer meus trabalhos acadêmicos [...] eu trabalho dois dias da semana, esses dois dias já tem que ter alguém disponível para ficar com ela esses dois dias, já tem que ter alguém *pra* ficar com a minha filha os quatro dias, os cinco que eu ia *pra* universidade, [...] além disso ter alguém mais ainda disponível *pra* ficar cuidando dela no final de semana *pra* eu fazer os trabalhos durante o dia não tem, eu tenho que fazer somente a noite quando ela dormir, então eu tenho que parar de pensar eu não tenho vida social, como dizem, eu sou só dona de casa, mãe e universitária [...] ela nasceu já no final mesmo do período, eu acho que faltava umas duas semanas, ou três, mais ou menos, ai eu não quis pedir a licença, ai, mais foi muito

**Dificuldades
X
Possibilidades**

difícil conseguir finalizar esse período [...] eu não tinha o hábito de ler, é uma dificuldade que *pra* quem é universitário [...] hoje eu tenho o hábito de ler, eu gosto de ler, e até o vocabulário muda [...] quando eu penso que minha mente era muito fechada, que eu me limitava a ser diarista, não me via em outra profissão, eu só queria ter o dinheiro *pra* me sustentar, era minha... minha preocupação era essa, chegar no fim do mês e ter o dinheiro *pra* me sustentar, sustentar minha irmãe meu pai, mas aí tudo se ajeitou, hoje tá mais tranquilo a minha vida, mais calma, eu tô conseguindo concluir a universidade, já vou *pro* 10º período que é a escrita do TCC, e... foi difícil, como vai continuar sendo difícil porque escrever o TCC sem você ter um tempoe... como eu digo... um tempo e um espaço silencioso durante o dia, que é um momento em que você consegue tá mais atento, porque quando chega a noite que você já tá mais cansada, a visão cansa rápido, é mais difícil, maseu vou conseguir porque eu já cheguei até aqui [...] a universidade ela me causou alguns picos de ansiedade, de decepções, porque eu imaginava um lugar muito acolhedor, eu imaginava um lugar que fosse compreensivo, que as pessoas fossem, tivessem educação suficiente pra tratar o outro bem, que tivessem empatia, porque os textos que a gente ler fala muito sobre isso, e eu me decepcionava com alguns professores, algum modo como eles tratam os alunos, a falta de compreensão, a empatia, de diálogo aberto, não aquele (risos) só eu falo e você escuta, porque quando *a gente* entra na universidade *a gente* tem essa, eu pelo menos tinha essa ilusão, digamos assim, e foi uma coisa que eu fiquei muito decepcionada [...] minha amiga que ajudou lá... no iníciozinho, que me falou da pedagogia, ela disse que eu não me perdesse, eu não me perdesse de mim nem dos meus valores nem de onde eu vim, que

**Dificuldades
X
Possibilidades**

<p>eu permanecesse sendo aquela pessoa que eu sempre fui, porque elas me conhecem bem [...] eu não me deixasse afetar por aquilo, porque as pessoas podem ser ruins ao nosso redor, mas isso não faz da gente ser uma pessoa ruim [...] concluir essa universidade vai ser uma mistura de sensação de liberdade, <i>tô</i> livre desse ambiente, mas ao mesmo tempo, eu consegui, eu me formei, eu sou agora uma pessoa com uma profissão, e uma profissão linda, bela [...] eu vou tentar ser a melhor profissional possível, principalmente porque eu vou trabalhar com crianças, vou tentar ser paciente com elas, e tentar entender o desenvolvimento delas e o tempo delas [...] se não fosse o PAEG ou alguém que tem um ajuda de familiares muito boa não ia conseguir [...] o auxílio tinha que dar <i>pra</i> tudo isso, tinha que se multiplicar, mais tinha que <i>dar</i>, então era dias de você ou comia ou tirava xerox ou imprimia seu trabalho para entregar [...].</p>	<p>Dificuldades X Possibilidades</p>
	<p>Assédios ou violências</p>

4.3.4 Comparação contrastiva do texto a partir dos eixos da pesquisa

Essa etapa tem como objetivo apresentar as comparações contrastivas das análises, apontando as falas comuns e individuais das entrevistadas. De acordo com Moura e Nacarato (2017), o quadro propõe expor aspectos comuns presentes nas falas das entrevistadas e também as especificidades presentes. Apresentamos a seguir as análises das quatro (4) colaboradoras.

Quadro 3: Semelhanças e singularidades das Entrevistas Narrativas

Objetivos	Semelhança/núcleo comum	Singularidades
	Salinda: eu moro a uma (1) hora de	

	<p>distância [...] eu acordo de 04:h30 (a.m), a minha mãe ia deixar eu lá na pista, é, de 05:h20 (a.m), 05:h30h (a.m), ela ia me deixar lá na pista [...] chegando 07:h00 (a.m) [...].</p> <p>1 Luamanda: [...] geralmente eu levo uma hora [...] tenho que sair geralmente 17:h00 da tarde <i>pra</i> chegar lá 19:h00 (p.m), 18:30h (p.m) [...] chegava mais ou menos 00:h00 da noite em casa [...].</p> <p>Salinda: [...] tinha dia que eu tinha que passar o dia todo na universidade, chegando lá na universidade de 07:h00, acordando de 04:h00 (a.m) e pouco da manhã, e ficando até 23:h00 (p.m) na universidade, que eu ficava de 23:h00 (p.m) e chegava quase meia noite em casa [...]</p> <p>Cida: [...] eu saio daqui 18:h00 (p.m) horas da noite e chego na universidade umas 19:h10(p.m) geralmente é por aí [...] eu chego mais ou menos umas 23:h30 da noite [...].</p> <p>1 Salinda: [...] <i>nesse trajetorio</i> tinha enchente, tinha dia que eu passava por lama, tinha que ir com outra roupa <i>pra</i> quando chegar na universidade eu trocar, tinha dia que <i>tava</i> chovendo eu tinha que colocar saco plástico na cabeça, mas, tinha dia que <i>moto tava</i> pouca gasolina, pneu furava no dia anterior, aí eu tentava ficar na casa do outro [...].</p> <p>Luamanda: [...] já teve dia <i>de eu chegar</i> 03:h00 (a.m) horas da manhã em casa, porque o ônibus quebrava, tentava arrumar, <i>a gente</i> com medo, eu morria de medo, até hoje tenho medo de pegar esses ônibus e ir [...] Porque excesso de pessoas, o ônibus <i>super</i> pesado, as <i>buraqueiras</i>, de madrugada, assim, no meio de uma pista [...].</p>	
--	---	--

<p>1</p>	<p>Natalina: [...] quando <i>tá</i> nos períodos de chuvas porque o caminho é muito ruim, tem uns trechos que é estrada de terra, então é horrível <i>pra</i> ter que vir <i>pra</i> casa.</p> <p>Cida: [...] durante dias de chuva o ônibus vem muito devagar, tem aquelas freadas, as vezes acontece do motorista da uma cochilada e sair da rodovia e aquele susto, então aparece um animal de repente na frente do ônibus e tem que dar aquela freada, é... já teve tempo <i>da gente</i> precisar <i>arrodear</i> bemm longee [...] porque a gente não podia passar pela blitz porque, porque o ônibus não <i>tavaa</i> em dias em algumas coisas, o ônibus não tinha cinto de segurança <i>pra todo mundo</i>, ai então <i>a gente</i> teve que dar a volta por outra cidade <i>pra</i> chegar a nossa [...].</p> <p>Salinda: [...] eu ficava é... andando a pé [...] eu pegava a van de 05:h40 (a.m) e vinha da universidade [...].</p>	
<p>2</p>	<p>Natalina: [...] quando eu tenho que ir <i>pra</i> Cajazeiras eu pego uma van em outra cidade porque na minha cidade não tem transporte, então eu me desloco do sitio até essa cidade de moto, <i>pra</i> pegar transporte, a van [...].</p> <p>Luamanda: [...] <i>a gente</i> anda de transporte público [...].</p> <p>Cida: [...] são três ônibus que é de uma empresa particular, ai tem o que vai <i>pra</i> UFCG, um <i>pra</i> Santa Maria e <i>pras</i> outras demais faculdades.</p>	

<p>3</p> <p>3</p>	<p>DIFICULDADES</p> <p>Natalina: [...] quando eu entrei na universidade eu tinha acabado de perder minha mãe.[...].</p> <p>Cida: [...] eu acho que o momento mais difícil <i>pra mim</i> foi voltar <i>pra</i> universidade e deixar ela por tanto tempo [...] as vezes ela ficava doente e eu tinha que ir mesmo assim porque a universidade tem um limite de faltas e não compreende que uma mãe as vezes precisa faltar muito além do que três vezes num disciplina [...].</p> <p>Salinda: [...] eu peguei ansiedade, por conta da correria, eu pensei em desistir, por conta que era todo dia, todo dia essa correria e eu <i>tava</i> longe da minha família, ficava difícil pra mim, e a ansiedade atacava e eu não conseguia conciliar os estudos com essa trajetória, que era de morar lá.</p> <p>Luamanda: [...] eu nunca passei por um profissional, mas acredito que eu desenvolvi ansiedade, né? Tem dias que eu <i>tô</i> muito, muito ruim, assim eu não consigo fazer nada porque, eu não sei explicar, só um profissional pode me dizer [...] a questão mental abala muito <i>a gente</i> [...].</p> <p>Natalina: [...] eu passei eu acho que dois (2) períodos ano passado com muita ansiedade, porque eu tive que passar um período todinho sem vir <i>pra</i> casa [...].</p> <p>Cida: [...] a universidade ela me causou alguns picos de ansiedade, de decepções, porque eu imaginava um lugar muito acolhedor, eu imaginava um lugar que fosse compreensivo, que as pessoas fossem, tivessem educação suficiente <i>pra</i> tratar o outro bem, que tivessem empatia[...].</p>	
-------------------	--	--

3	<p>Luamanda: [...] tinha poucas horas <i>pra</i> estudar [...].</p> <p>Cida: [...] eu tinha tanta dificuldade de me dedicar aos estudos porque eu tinha uma responsabilidade muito grande, eu tinha que conter aquela situação, uma pessoa alcoólatra que, tem certos dias que são muito difíceis [...].</p> <p>Cida: [...] <i>muitas das vezes</i> eu leio assim muito rápido porque eu não tenho tempo de sentare ler [...] sempre que eu quero fazer um trabalho eu tenho que ver alguém disponível <i>pra</i> ficar com ela, e geralmente eu estudo a noite, que é quando ela dorme, no dia que não tem aula, então minha filha dormiu eu vou pro computador e vou fazer meus trabalhos acadêmicos [...].</p> <p>Salinda: [...] se não fosse por esse aposento dela eu teria que ter parado a faculdade.</p> <p>Cida: [...] se não fosse o PAEG ou alguém que tem um ajuda de familiares muito boa não ia conseguir [...].</p> <p>POSSIBILIDADES</p> <p>Salinda: [...] a minha mãe batalhava para lutar <i>pra</i> me ajudar [...].</p> <p>Luamanda: [...] eu acho que nosso objetivo sempre é esse no final, <i>da gente</i> conseguir dar uma vida melhor <i>pra</i> os nossos nè? Os nossos pais, nossos irmãos [...] E se eu <i>tô</i> ali é porque eu quero dar uma vida melhor, <i>pra</i> meu pai não precisar trabalhar [...].</p> <p>Natalina: [...] tem uma irmã que ela fica com <i>a gente</i> dentro de casa, e eu acho, eu vejo isso como uma oportunidade de ajudar</p>	
---	---	--

3	<p>a ela, de certa forma, e também por causa de minha mãe, pronto, um dos principais motivos, que ela sempre <i>quis</i> que <i>a gente</i> estudasse, que fizesse algum curso superior [...].</p> <p>Cida: [...] hoje eu me casei, já tenho uma filha de um ano e nove meses [...] o meu portoseguro, é por ela que eu quero terminar essa faculdade, porque também eu quero ser uma mãe que eu não tive [...].</p> <p>Luamanda: [...] eu sai do emprego <i>pra</i> conseguir tá nos programas acadêmico [...].</p> <p>Natalina: [...] tinha meu irmão que morava na residência pertoda que eu moro, então foi oque facilitou mais <i>pra mim</i> [...].</p> <p>Cida: [...] o auxilio tinha <i>quedar pra</i> tudo isso, tinha que se multiplicar, mais tinha que <i>dar</i>, então era dias de você ou comia ou tirava xerox ou imprimia seu trabalho para entregar [...].</p> <p>Salinda: [...] por mais que esses problemas, eu <i>tô</i> aqui buscando tá firme e forte sempre, <i>e buscando por</i> terminar a minha faculdade.</p> <p>Luamanda: [...] pensar esses anos que eu <i>tô nisso</i>, na universidade, o quanto eu evolui enquanto pessoa é incrível pensar, é muito incrível mesmo [...] hoje eu penso que a universidade tem que me aceitar como eu sou, como eu escrevo, o que eu estudo, seeu escrevo na primeira pessoa é assim que eu vou escrever, é assim que eu quero escrever junto com as minhas Hermanas [...].</p>	
3	<p>Cida: [...] eu decidi que além de ser uma profissional eu ia me tornar uma pessoa melhor estudando pedagogia.</p> <p>Cida: [...] hoje eu tenho o habito de ler, eu</p>	

	<p>gosto de ler, e até o vocabulário muda [...].</p> <p>Luamanda: [...] ter o mínimo de condições <i>pra</i> ter uma vida boa, <i>pra</i> não passar fome [...].</p> <p>Natalina: [...] eu sempre quis estar em um curso superior <i>pra</i> melhorar de vida [...].</p>	
--	--	--

De acordo com o desenvolvimento das etapas da análise proposta por Schütze (2011), buscamos identificar, a partir das trajetórias individuais, trajetórias coletivas de mulheres diversas, mães, negras, pobres, brancas, pardas e amarelas. As falas individuais se tornam coletivas ao evidenciarem que essas mulheres compartilham histórias, que mesmo marcadas por intersecções, partilham experiências e vivências. Mulheres que historicamente estão a margem de uma sociedade machista, patriarcal e excludente. Mulheres que a partir de seus lugares de falas, se encontram em realidades coletivas. Mulheres que encontram na educação novas perspectivas para melhorar economicamente suas condições de vidas. Mulheres que saem de suas residências e realizam longos percursos para chegar a universidade e voltar para casa almejando um percurso com segurança. Mulheres que entre tantas questões, passam por situações de violências, de transtornos psicológicos nos transportes, sejam públicos ou privados e na universidade. Mulheres que são cobradas, por inúmeros fatores e por isso não conseguem se perdoar. Mulheres que com seus cotidianos e condições financeiras não conseguem vivenciar uma cultura acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possui como objetivo geral refletir sobre a mobilidade das graduandas da UFCG nos percursos casa-universidade-casa a partir das experiências subjetivas de universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados fora da cidade do campus da UFCG, na cidade de Cajazeiras-PB. O

desafio dessa pesquisa foi/é colocar em evidência as vozes dessas mulheres, não falar por elas, mas com elas e permitir que falem por elas mesmas. Levantando discussões sobre as formas como as desigualdades de classe, raça e gênero se apresentam na universidade, denunciando as barreiras impostas, que por séculos, impedem e dificultam o acesso e a permanência destas mulheres em espaços públicos.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi preciso as mãos de muitas mulheres, estas que não mediram esforços para que fosse possível a realização da pesquisa. Através das Entrevistas Narrativas, do formulário do *google forms* e da construção dos mapas dos percursos foi possível levantar os achados do estudo. As narrativas apresentam as vozes de mulheres diversas, universitárias, mães, negras, pobres, brancas, mulheres que enfrentam desafios diários para acessarem e permanecerem na universidade, e que, diante de todos os atravessamentos, também encontram possibilidades nesses processos. Os mapeamentos apresentam estimativas dos percursos realizados pelas colaboradoras, desde o momento que saem de suas residências até a universidade e a volta para casa.

São percursos marcados por diversos atravessamentos de raça, classe e gênero. Mulheres que a partir de suas narrativas, apontam as suas escrevivências. As colaboradoras apresentam questões que vão muito além da realização dos percursos casa-universidade-casa, narram como estes percursos são construídos e as situações que enfrentam para conseguirem estarem na universidade e permanecerem. Situações que estão presentes na sociedade, no âmbito familiar, nos meios de transportes e na universidade.

É importante destacar que, diante das narrativas subjetivas, encontramos aspectos comuns umas às outras. As colaboradoras apontam, em suas trajetórias acadêmicas, situações em que aconteceram abusos e violências no âmbito da universidade e nos meios de transportes, problemas mecânicos nos transportes, falta de segurança; como exemplo, falta de cintos de segurança e a falta de políticas institucionais que amparem essas mulheres diversas.

A universidade se torna excludente quando não oportuniza, através de políticas públicas, que por exemplo, mulheres mães, trabalhadoras, estudantes que residem em outros sítios, cidades e Estados fora do campus de Cajazeiras-PB, possam acessarem e permanecerem em programas de pesquisa, ensino e

extensão. A universidade falha com essas estudantes quando não discute sobre questões como essas institucionalmente. As narrativas enfatizam que estes percursos também constroem as suas identidades, e que elas precisam desse acolhimento, para que possam acessar os programas e que tenham condições, oportunizadas pela universidade, de permanecerem nestes.

Foi possível compreender que em uma sociedade machista, patriarcal, sexista, excludente e opressora como é a nossa (brasileira), para as mulheres, a universidade precisa levantar discussões e reflexões institucionalmente sobre questões como as desigualdades de gênero e como afetam a construção das identidades das universitárias e suas experiências com a universidade. As estudantes relatam situações de assédios nos meios de transportes, e isso são vestígios dessa sociedade citada acima, que tanto inferioriza as mulheres e as excluem dos espaços públicos. As universitárias precisam de condições para realizar os percursos casa-universidade-casa com segurança nos meios de transportes, sejam públicos ou privados, com profissionais que as respeitem, que não sintam o medo, que é comum umas às outras, de ser assediada e violentada por ser mulheres.

As condições financeiras também dificultam os percursos casa-universidade- casa. As colaboradoras narram as dificuldades que encontram para permanecerem na universidade, e uma delas é a financeira, principalmente em relação aos meios de transportes, porque algumas não possuem acesso ao transporte público e precisam pagar transportes privados como ônibus e van, e também apresentam outras dificuldades como: para comprar lanche e tirar xerox. Aqui podemos observar que os auxílios de assistência social são uma ferramenta importante para que essas mulheres possam ter o mínimo de condições para permanecerem na universidade.

Contudo, ainda é uma realidade excludente, pois, não são todas as universitárias que conseguem estes auxílios, e a solução que algumas encontram é trabalhar e também, algumas redes de apoio financeiro que algum familiar, amigo, conhecido possa dar suporte. Então, observamos que as condições socioeconômicas contribuem para dificultar o acesso e a permanência destas mulheres à universidade.

Quando falamos em redes de apoio é importante enfatizar que, não se restringe ao apoio financeiro, pois como narrado pelas colaboradoras, as vezes o

econômico é o mínimo. As redes de apoio são muito importantes para todas as universitárias, pois contribuem para que possam permanecer na universidade. O apoio emocional vindo de familiares, de amigos, entre outros, para quem realiza os percursos diários ou para aquelas que, devido as longas distâncias, encontram dificuldades nos meios de transportes e precisam residir na cidade sede do campus universitário, entre outras questões, é muito importante, pois se constitui como força, resistência, persistência, coragem e esperança para continuarem a jornada acadêmica. Diante das adversidades, as universitárias também encontram possibilidades, e seguem esperando com os seus.

Ao tempo em que denuncio algumas das barreiras historicamente postas as mulheres para acessarem e permanecerem na universidade, também lanço um olhar para as formas como estas desigualdades podem ser enfrentadas, e assim, oportunizar melhores condições para que estas universitárias possam, de fato, permanecerem no espaço acadêmico. É importante pensarmos a criação de políticas de amparo a estas mulheres, que como enfatizado durante toda a pesquisa, são diversas, são mães, trabalhadoras, estudantes, negras, pobres e tantas outras, que lutam, diariamente, para permanecerem na universidade, em um espaço que não foi pensado para elas, para nós mulheres.

Políticas que contribuam para que essas mulheres possam, diante de todos os atravessamentos que se apresentam em seus percursos enquanto universitárias, ocuparem e permanecerem na instituição, sabendo que é um espaço também pensado para elas. É preciso espaços de acolhimento pensados para as universitárias que viajam horas para chegar a universidade e retornar a suas residências, onde elas possam descansar, que tenha por exemplo: micro-ondas, para atender as necessidades básicas destas estudantes, um restaurante universitário inclusivo, no qual todas que precisarem possam se alimentar, pois a realidade é que muitas estudantes não possuem condições de pagar uma refeição.

O auxílio transporte para as estudantes que não tem transporte público, pode ser viabilizado através de parcerias com as prefeituras para auxiliar na permanência das universitárias, creches para que as mães estudantes possam deixar seus filhos/as em um ambiente seguro e acolhedor ao tempo em que desenvolvem suas atividades acadêmicas, o desenvolvimento de palestras com os motoristas sobre questões como assédios e violências, seria um mecanismo importante para oportunizar que os motoristas tenham conhecimento sobre a temática, e possam entender o que é um assédio e uma violência e as diversas formas que podem se apresentar.

Diante desses apontamentos, almejo que este trabalho possa contribuir para que estas

discussões possam ganhar voz na instituição, e que possa ser reconhecido institucionalmente que as desigualdades de gênero existem, e que precisamos não só olhar para elas, mas contribuir para a mudança social, o que é um processo, é a passos lentos, e para que haja mudança é preciso caminhar. Que a universidade caminhe com estas mulheres, que são muitas. Eu espero uma universidade igualitária e um mundo melhor para todas nós, mulheres, e é com essa esperança que desejo que esse trabalho alcance muitas “subalternas” que possam, através de seus escritos, de suas vozes, romper com a invisibilidade, com os lugares pré-determinados e que possamos lutar também pela nossa permanência neste universo acadêmico, buscando políticas e vozes para uma universidade pública, gratuita e socialmente referenciada.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **Informação e Documentação – Citações em documentos – Apresentação**. Disponível em: http://www.cbiotec.ufpb.br/secretariado/contents/documentos/abnt-docs/2023_abnt-10520-citacoes.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, 23-69p. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/\\$File/NT00031436.pdf#page=24](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/$File/NT00031436.pdf#page=24). Acesso em: 25 de set. de 2023.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**. Florianópolis - SC, v. 8, n. 1, p.229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 13 de jul. de 2023.

ARAÚJO, B. Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. **Entrevista concedida com Blog Blogueiras Feministas**, em 30 de set. de 2010. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/>. Acesso em 29 de ago. de 2023.

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. In: **Feminismos plurais**. (org.) RIBEIRO, D. São Paulo, SP: Sueli Carneiro. Editora: Pólen, 2019, 113p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7300786/mod_resource/content/1/Interseccionalidade_%28Feminismos_Plurais%29_-_Carla_Akotirene.pdf. Acesso em: 22 de jul. de 2023.

BARROS, A. de J. P.; LEHFELD, N. A. de S. Conhecimento científico. In: BARROS; et al. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes. 1990, p.11-14. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio942894>. Acesso em: 22 de jul. de 2023.

BRASIL. Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. **Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais**. Brasília: CNS. Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 de out.de 2022.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendedores Sociais.(org.). **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, 5p.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf. Acesso em: 16 de jan. de 2023.

CARNEIRO, S. A dor da cor. In: BENEDITO, V. L. (Org.). **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**: consciência em debate. São Paulo: Selo negro. 2011.p.63-65.

CARNEIRO, S. A miscigenação racial no Brasil. In: BENEDITO, V. L. (Org.). **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**: consciência em debate. SãoPaulo: Selo negro. 2011. p.66-69.

CHIZZOTTI, A. Coleta de dados qualitativos. In: CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.77-87. Disponível em:

http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf. Acesso em: 26 de jan. de 2023.

CHIZZOTTI, A. Da pesquisa qualitativa. In: CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.77-87. Disponível em:

http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf. Acesso em: 26 de jan. de 2023.

D'ALGE, J. C. L. Cartografia para geoprocessamento. **Introdução à ciência da geoinformação**. São José dos Campos: INPE, 2001, 32p. Disponível em:

<http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/introd/cap6-cartografia.pdf>. Acesso em: 25 de set.de 2023.

DEL PRIORI, M. **História das mulheres no Brasil**. (org.); Carla Bassanezi. 7. ed. –São Paulo: Contexto, 2004, 571p. Disponível em:

<https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdfv>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

EVARISTO, C. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.26-46. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116p. Disponível em:

<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/Grupo%20de%20Estudos/7.%20EVARISTO,%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20-%20Olhos%20d'agua.pdf>. Acesso em: 28 de ago. de 2023.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Z cultural**. Rio de Janeiro, ago., 2005. p.1-3. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf>. Acesso em: 14 de jul. de 2023.

FONSECA, M. N. S. Escrivência: sentidos em construção. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.58-73. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p.223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 04 de Set. de 2023.

HENNING, C. E. **Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença**. Mediações, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015, p. 97- 128. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/18588>. Acesso em: 18 de fev. de 2023.

hooks, b. Uma revolução de valores: A promessa da mudança multicultural. In: hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 37-50. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf. Acesso em: 25 de set. de 2022.

LINO, T. R.; LIMA, A. M.; ALVES, T. F. Sobre a enunciação de mulheres não brancas na ciência: uma análise da produção intelectual de Gloria Anzaldúa e bellhooks. **Pesqui. prá. psicossociais** [online]. 2020, vol.15, n.3, p. 1-14. ISSN 1809- 8908. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v15n3/09.pdf>. Acesso em: 08 de mar. de 2023.

MELLO, Dilma. Conversa sobre a pesquisa narrativa. In: KIND, L; TEIXEIRA, C.M. **Narrativas, mulheres e resistências**. São Paulo – SP, editora: Letra e voz, 2020, p.59-71.

MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: **Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005, p.1-15. Disponível em: <https://inegalagoas.files.wordpress.com/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

OJIMA R.; CAMPOS J. **Métodos demográficos: uma visão desde os países de língua portuguesa / Grupo de Foz** -- São Paulo: Blucher, 2021. 1030p. Disponível em: https://www.blucher.com.br/metodos-demograficos-uma-visao-desde-os-paises-de-lingua-portuguesa_9786555500837. Acesso em: 24 de ago. de 2023.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. In: RIBEIRO, D. **Feminismos plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora: Jandaíra, 2021, 111p.

SOUSA, K. M; SANTANA, J. S; ROLIM, K. H. B; SILVA, L. L; SOARES, D. P. Negras, mães, educadoras na pandemia: constituição de um corpus metodológico para desvendar `porteira a dentro`. In: SILVA, M. E. M.; COELHO, R. de F. N. (Org.). **Educação e saúde para igualdade em relatos de experiências e pesquisas na pandemia**: foco na educação especial, EJA, indígena, quilombola, básica e superior. 1ed. Fortaleza: Imprece, 2021, v. 5, p.433-448.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W. PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.210-222.

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP)
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO (UAE)
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo A CONSTRUÇÃO DO SER UNIVERSITÁRIA: REFLEXÕES DOS TRAJETOS CASA-UNIVERSIDADE-CASA, da pesquisadora Josefa Jaqueline Batista Brito, orientado pela Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa e vinculado ao Centro de Formação de Professores (CFP), da unidade acadêmica de educação (UAE), da universidade federal de campina grande (UFCG).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral: refletir sobre a mobilidade das graduandas da UFCG nos percursos casa-universidade-casa a partir das experiências subjetivas de universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados fora da cidade do campus da UFCG, na cidade de Cajazeiras-PB; e como objetivos específicos: a) mapear as trajetórias realizadas pelas mulheres universitárias moradoras da zona rural, cidades e Estados localizados fora da cidade sede do campus; b) levantar os meios de transportes utilizados pelas mulheres universitárias moradoras da zona rural, cidades e Estados localizados fora da cidade sede do campus; c) identificar desafios e possibilidades que marcam as trajetórias das mulheres universitárias moradoras da zona rural, cidades e Estados localizados fora da cidade sede do campus e se faz necessário por propor investigar como as experiências subjetivas e os percursos no trajeto casa-universidade-casa afetam a construção de nossas identidades e

experiências com a universidade.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: entrevista narrativa, presencial ou on-line, estruturada a partir de 3 (três) eixos que são: 1. As experiências subjetivas antes de adentrarem a universidade e os processos que desencadearam o acesso e permanência a UFCG;

2. Realização dos trajetos casa-universidade-casa, os meios de transportes utilizados e as implicações presentes; 3. Desafios e possibilidades que atravessam a construção da identidade e que marcam as trajetórias enquanto universitárias a partir dos trajetos casa-universidade-casa.

Os riscos envolvidos com sua participação são: desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; e/ou preocupação com a quebra de sigilo ou confidencialidade.

As pesquisadoras utilizarão estratégias para que sua participação seja confortável para você, tomando os devidos cuidados para que esses mecanismos não causem constrangimentos ou desconfortos, como: 01. A garantia do anonimato; 02. Posicionamento ético e rigor metódico na análise fugindo de interferências ou julgamentos; 03. Disponibilidade para atender possíveis dúvidas ou questionamentos das voluntárias; 04. Apresentar para as voluntárias os resultados da pesquisa evidenciando o cumprimento ético e de anonimato garantido pelas pesquisadoras.

Os benefícios da pesquisa serão: contribuir para a inserção da temática institucionalmente e a compreensão de que os trajetos casa-universidade-casa também constroem a identidade e experiências das graduandas com a universidade. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Kássia Mota de Sousa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Kássia Mota de Sousa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/CFP/UFCG cujos dados para contatos estão especificados abaixo.

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisaNome:

Kássia Mota de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Endereço profissional: Rua Sérgio Moreira de figueiredo, s/n, bairro casas³ populares, Cajazeiras – Pb.

Telefone: (85) 9 8689-4236

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufcgcz@gmail.com Tel: (83) 3532-2075

LOCAL E DATA _____

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

ANEXO 2: PARECER EMITIDO PELO COMITÊ DE ÉTICA

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A construção do ser universitária: Reflexões dos trajetos universidade-casa.

Pesquisador: KASSIA MOTA DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 71055023.0.0000.5575

Instituição Proponente: UFCG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.234.641

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa A construção do ser universitária: Reflexões dos trajetos universidade-casa. sob responsabilidade de KASSIA MOTA DE SOUSA (CAAE: 71055023.0.0000.5575) trata de trabalho que pretende investigar como as experiências vivenciadas nos percursos dos trajetos universidade-casa afetam a construção das identidades e experiências das graduandas com a universidade.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o pesquisador responsável KASSIA MOTA DE SOUSA, o objetivo da pesquisa é refletir sobre a mobilidade das graduandas no trajeto universidade-casa, levando em consideração as experiências subjetivas de mulheres universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e estados fora da cidade do campus de Cajazeiras-PB.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador responsável KASSIA MOTA DE SOUSA definiu os riscos e benefícios do projeto de pesquisa como:

Riscos:

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cepcputcgcz@gmail.com

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 6.234.641

DESCONFORTO, CONSTRANGIMENTO OU ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO DURANTE GRAVAÇÕES DE ÁUDIO E VÍDEO.

Benefícios:

CONTRIBUIR PARA A INSERÇÃO DA TEMÁTICA INSTITUCIONALMENTE E A COMPREENSÃO DE QUE OS TRAJETOS UNIVERSIDADE CASA TAMBÉM CONSTROEM A IDENTIDADE E EXPERIÊNCIAS DAS GRADUANDAS COM A UNIVERSIDADE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador responsável KASSIA MOTA DE SOUSA anexou os seguintes documentos ao protocolo de pesquisa:

Projeto de pesquisa detalhado

Termo de anuência

TCLE

Questionário da pesquisa

Termo de compromisso do pesquisador

Termo de compromisso de divulgação dos resultados

Cronograma

Orçamento

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa A construção do ser universitária: Reflexões dos trajetos universidade-casa., número 71055023.0.0000.5575 e sob responsabilidade de KASSIA MOTA DE SOUSA atende aos preceitos éticos recomendados para trabalhos que envolvem seres humanos e, portanto, somos favoráveis à sua APROVAÇÃO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cepctpufgcz@gmail.com

**UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Continuação do Parecer: 6.234.641

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2138455.pdf	04/07/2023 15:04:59		Aceito
Outros	Termo_de_anuencia.pdf	04/07/2023 15:02:16	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_3.docx	03/07/2023 19:00:14	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	03/07/2023 18:54:36	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/06/2023 10:42:24	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Outros	instrumento_de_coleta_de_dados.docx	28/05/2023 12:25:36	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Orçamento	orcamento_1.pdf	26/05/2023 15:27:30	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_DE_DIVULGACAO_DE_RESULTADOS.pdf	24/05/2023 21:22:08	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.pdf	24/05/2023 21:10:12	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_kassia.pdf	24/05/2023 16:07:26	KASSIA MOTA DE SOUSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 11 de Agosto de 2023

**Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cepcplufgcz@gmail.com

APÊNDICES

APÊNDICE 1: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
(UFCG) CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
(CFP) UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO (UAE)
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta de dados utilizarei as Entrevistas Narrativas e um formulário do *google forms*. O formulário será usado para divulgar a pesquisa no campus e na construção de um mapa que irá representar a mobilidade das graduandas. As entrevistas serão realizadas presencialmente no lugar onde as universitárias moram ou através da plataforma digital *google meet*, com as graduandas que não tiverem disponibilidade de realizar no formato presencial, e posteriormente irei transcrevê-las.

Estruturarei as Entrevistas Narrativas em 3 eixos, não são perguntas prontas, são direcionamentos que fogem da tradicionalidade de perguntas respostas, que são: 1. As experiências subjetivas antes de adentrarem a universidade e os processos que desencadearam o acesso e permanência a UFCG; aqui espera-se que as graduandas narrem sobre como eram suas vidas antes de entrarem na universidade, as experiências com as famílias e amigos, as situações socioeconômicas, as escolhas de ser universitárias e dos cursos, o apoio das famílias e outras redes de apoio presentes ou ausentes durante os processos de acesso e permanência na universidade; etc. 2. A realização dos trajetos casa-universidade-casa, os meios de transportes utilizados e as implicações presentes; apontando aspectos como: onde moram e com quem, o/os transporte/s utilizado/s, as distâncias para a UFCG, os imprevistos nos trajetos, as compreensões dos/as professores/as e das próprias graduandas em relação a essas questões; etc. 3. Desafios e possibilidades que atravessam a construção da identidade e que marcam as trajetórias enquanto universitárias a partir dos trajetos casa-universidade-casa, levantando reflexões em aspectos como sair da zona de conforto, as mudanças de rotinas, de lugares, se causou medos e inseguranças, doenças ou transtornos psicológicos, assédios e violências, viverem longe das famílias, as possibilidades de estudar, de ter uma profissão, de melhores condições de vida, de conhecer outros lugares

e pessoas, de crescerem com esses desafios e possibilidades, em que medida essas experiências, desde a entrada na universidade até o memento atual, afetam a construção das identidades e o ser universitária, etc.

APÊNDICE 2: ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA PARA AS COLABORADORAS



ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA:

- Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento;
- Você ficará com uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE;
- Na pesquisa você irá receber o nome fictício de uma das personagens do livro Olhos d'água (2016) da escritora brasileira Conceição Evaristo;
- Você terá acesso aos resultados da pesquisa quando for finalizada.

SOBRE O FORMULÁRIO:

- O formulário que você respondeu tem o objetivo de divulgar a pesquisa no campus universitário e coletar dados para a construção de um mapa dos trajetos casa-universidade-casa.

SOBRE A ENTREVISTA NARRATIVA:

- A entrevista narrativa é uma técnica desenvolvida por Fritz Schutze, na década de 1970, que foge da tradicionalidade de perguntas respostas;
- É uma forma de recontar e contar suas histórias vividas, um processo de reconstrução de sentidos;
- Um caminho para que compreenda sua história;
- Um espaço em que sua voz é ouvida e entendida;

- Será agendada de acordo com sua disponibilidade;
- Poderá ser realizada presencialmente ou virtualmente através da plataforma digital *google meet*;
- Não irei determinar um tempo limite para sua entrevista;
- Durante a entrevista você poderá seguir os 3 eixos sugeridos abaixo e terá liberdade para falar além deles, são sugestões, direcionamentos.

EIXOS NORTEADORES:

1. Suas experiências antes de entrar na universidade e os processos que desencadearam o acesso e permanência a UFCG:

Aqui espera-se que você narre sobre como era suas vidas antes de entrar na universidade, as experiências com a família e amigos/as, a situação socioeconômica, a escolha de ser universitária e do curso, o apoio da família e outras redes de apoio presentes ou ausentes durante o processo de acesso e permanência na universidade; etc.

2. A realização dos trajetos casa-universidade-casa, os meios de transportes utilizados e as implicações presentes:

Aqui espera-se que você aponte aspectos como: onde mora e com quem, o/os transporte/s utilizado/s, a distância para a UFCG, os imprevistos nos trajetos, sua compreensão e a dos professores sobre essas questões; etc.

3. Desafios e possibilidades que atravessam a construção da sua identidade e que marcam sua trajetória enquanto universitária a partir dos trajetos casa-universidade-casa:

Aqui espera-se que você reflita sobre aspectos como sair da zona de conforto, as mudanças de rotina, de lugar, se causou medos e inseguranças, doenças ou transtornos

psicológicos, assédios e violências, viver longe da família, a possibilidade de estudar, de ter uma profissão, de melhores condições de vida, de conhecer outros lugares e pessoas, de crescer com esses desafios, as possibilidades no caminho, em que medida essas experiências, desde a entrada na universidade até o momento atual, afetam a construção da sua identidades e o ser universitária, etc.

APÊNDICE 3: FORMULÁRIO DO *GOOGLE FORMS*

A MOBILIDADE DAS UNIVERSITÁRIAS DA UFCG NOS TRAJETOS CASA-UNIVERSIDADE-CASA

Sou Jaqueline Brito, graduanda do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), junto com minha orientadora Dr^a Kássia Mota de Sousa, estamos dando início a divulgação da minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o tema " A construção do ser universitária: Reflexões dos trajetos casa- universidadecasa", que está cadastrada no comitê de ética.

O objetivo geral da pesquisa é: Refletir sobre a mobilidade das graduandas no trajeto casa-universidade-casa, levando em consideração as experiências subjetivas de mulheres universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados fora da cidade do campus de Cajazeiras-Pb.

Os riscos envolvidos com sua participação são: Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudios e vídeo, e/ou preocupação com a quebra de sigilo ou confidencialidade. Os benefícios da pesquisa serão: Contribuir para a inserção da temática institucionalmente e a compreensão de que os trajetos casa-universidade-casa também constroem a identidade e experiências das graduandas com a universidade.

Sua participação será importante para levantar reflexões sobre as dificuldades e possibilidades presentes nos cotidianos das universitárias a partir dos trajetos casa-universidade-casa, contribuindo para a discussão da temática institucionalmente. Ao responder esse formulário você estará contribuindo para a minha pesquisa usando em média 10 minutos do seu tempo.

1. “Expresso meu interesse em participar como voluntária da pesquisa intitulada.” A construção do ser universitária: Reflexões dos trajetos universidade casa”

() Sim

() Não

2. Nome?

3. Número de telefone (WhatsApp)?

4. E-mail?

5. Qual seu curso?

Pedagogia ()

Enfermagem ()

Medicina ()

Geografia ()

História ()

Matemática ()

Ciências Biológicas()

Física ()

Química()

Letras ()

6. Qual período?

7. Qual turno?

() Matutino

() Vespertino() Noturno

() Integral

8. Foi a sua primeira opção de curso?

() Sim

() Não

9. Onde você mora?

() Cidade

() Sítio

10. Qual estado?

11. Qual o nome da cidade ou sítio?

12. Como você se autodeclara?

Branca

Preta

Parda

Amarela

Indígena

Quilombola

13. Como você se identifica com seu gênero?

Cisgênero (me identifico com o gênero que nasci)

Transgênero (não me identifico com o gênero que nasci)

Não binário (não me reconheço em nenhum gênero ou transito entre eles)

14. Você é mãe?

Sim

Não

15. Se sim, quantos filhos/as?

16. Qual a idade de seus filhos/as?

17. Você é a primeira universitária da sua família?

Sim

Não

18. Você participa de algum programa de assistência social da instituição?

Sim

Não

19. Se sim, qual?

Programa de Auxílio ao Ensino de Graduação - PAEG

Programa de Bolsa Permanência - PBP

Restaurante Universitário - RU

Residência Universitária

Outro

20. Você participou ou participa de algum programa de ensino, pesquisa e extensão?

Sim

Não

21. Se sim, qual?

Monitoria

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID

Extensão Programa de Residência Pedagógica - PRP

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC

22. Sua renda financeira mudou depois de entrar na universidade?

Sim

Não

23. Você teve/tem redes de apoio financeiro para entrar e permanecer na universidade?

Não tive nenhum apoio financeiro

Tive e tenho apoio financeiro da minha família

Tive ou tenho familiares na cidade do campus universitário

Tenho o apoio de amigos/as com o transporte até a universidade

Não tenho nenhuma ajuda com transporte

outro

24. Você teve/tem redes de apoio emocional para entrar e permanecer na universidade?

Tive ou tenho o apoio emocional de familiares e amigos/as

Tenho quem cuide do/s meus filhos/as para estudar

Não tenho quem fique com os meus filhos para estudar

Tenho apoio emocional de um profissional

Outro

25. Qual transporte você usa para ir à universidade?

Ônibus

Carro

Moto

A pé

Bicicleta

Outro

26. O tempo que você passa nos trajetos casa-universidade-casa afetam a realização de suas atividades pessoais?

Sim

Não

27. O tempo que você passa nos trajetos casa-universidade-casa afetam a realização das atividades acadêmicas, como trabalho, provas, artigos?

Sim

Não

28. O tempo que você passa nos trajetos casa-universidade-casa afetam a realização de suas atividades profissionais?

Sim

Não

29. Quais medos você passa por ser mulher e morar em outra cidade ou estado?

Tenho medo de voltar para casa sozinha à noite

Tenho medo quando o motorista dirige em alta velocidade

Tenho medo de acidentes durante os trajetos casa-universidade-casa

Tenho medo do transporte quebrar

Outro

30. Na volta para casa, alguém te espera em sua cidade ou sítio para que você chegue segura em casa?

- Vou sozinha
- Meu pai
- Meus irmãos
- Minha mãe
- Outros familiares
- Meu namorado
- Amigos/as
- Desconhecido
- Outro

31. Você sofreu/sofre assédios e violências nos trajetos casa-universidade-casapor ser mulher?

- Tocam em meu corpo sem a minha permissão
- Assobiam quando entro ou saio do ônibus
- Sofro humilhação em público por causa do meu corpo, cabelo ou cor da pele
- Escuto assobios e comentários quando estou indo para casa
- Outro

32. Sobre os assédios e violências, são cometidos por quem?

- Conhecidos
- Desconhecidos
- Amigos/as
- Namorado
- Familiares
- Outro

33. Enquanto mulher e a partir de suas experiências de vida, você acha que é mais difícil para as mulheres permanecerem na universidade do que para os homens? Justifique sua resposta.

Obrigada!